



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

12 82000 5-60

CHRONICA
DEL REY
D. PEDRO I.

deste nome, e dos Reys de Portugal
o oitavo.

Cognominado-o Justiceiro.

*Na fórma em que a escreveu Fernão Lopes, prime-
ro Chronista-Mór deste Reyno.*

Copiada-fielmente do seu original antigo, dada
à luz, e acrescentada de novo desde o seu
nascimento até ser Rey; e outras acções,
e noticias de que o Author não trata,

E offerecida

AO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. P E D R O

PELO PADRE

JOZE PEREIRA BAYAM,

Presbytero do Habito de São Pedro.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de Manoel Fernandes da Costa
Impressor do Santo Officio.

Anno de M. DCCXXXV.

Com todas as licenças necessarias.





SERENISSIMO SENHOR.



*CRONICA do Senhor
Rey D. Pedro I. do no-
me em Portugal busca o Real patro-
cinio de Vossa Alteza para si, e para
quem zeloso; a publica de novo illus-
trada. Era ella a unica, que com*

§ij

a de

a de seu filho D. Fernando; carecia deste beneficio, não sendo desmerecedoras delle; porque as que Duarte Nunes de Leão imprimio no volume, em que comprehendeo as primeiras dez, he só huma summa de todas, como se prova da accomodação de tantas em hum mediano corpo. Por esta razão, e porque o referido Author afeou as acções deste Principe; digno exemplar de muitas virtudes; só porque excedeo os termos cōmuns de algumas; julgando-o por Cruel; e dando occasião à fama; que por tal o apregoa; devendo com mayor razão canonizallo de Justiceiro recto; como outro David; como se prova do conceito; que delle fazem os homens Doucos, me determiney a dalla à luz na mesma fôrma em que a escreveo.

veo Fernão Lopes, antigo, e primeiro Chronista de Portugal; para que a pureza; e antiguidade da escriptura sirva de qualificada prova desta verdade; e para mayor certeza, em credito deste Monarca, lhe fiz a illustraçã appensa; em que o Mundo pôde ver com quaõ pouca razão he censurado hum Principe, que piamente consideramos na gloria.

He tambem de grande utilidade a publicaçã desta Chronica neste tempo para facilitar as copias aos apuradores da Lusitana Historia, cujo beneficio se deve ao Real zelo do Augustissimo Monarca, Rey, e Senhor nosso D. Joã V. pay de Vossa Alteza, taõ grande imitador deste seu ascendente na liberalidade, e inteireza de justiça, partes, que fa-

zem

zem aos Principes amados, respeit-
tados, e temidos. Tambem V. Alteza
nessa tenra idade não dá pe-
quenas mostras, e esperanças de que
há de lograr Portugal neste tempo a
felicidade, e grandeza de animo dos
Pedros, que nelle houve. O zelo,
que me moveo a advogar pela boa
fama deste antigo avô de V. Alteza,
me incitou tambem a dedicarlhe esta
sua Historia; nem eu lhe podia dar
Mecenas mais adquado, pois sendo
a de hum Pedro Rey, a hum Prin-
cipe Pedro, seu descendente, deve to-
car a sua protecção. Esta espero de
V. Alteza, para que assim favore-
cido, possa animado continuar em
servir a Patria. Deos guarde a Real
Pessoa de Vossa Alteza para lustre
deste Reyno, &c.

O Padre Jozé Pereira Bayão.



LICENCAS

⁵
do Santo Officio.

O Padre Mestre Paulo Campelli, Qualificador do Santo Officio, veja o livro de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 16. de Março de 1734.

*Fr. R. Alencastre. Teixeira.
Silva. Cabedo. Soares.*

EMMINENTISSIMO SENHOR.

P Or ordem de V. Eminencia li o livro de que se trata nesta petição, intitulado: *Chronica del-Rey*

17

Rey D. Pedro I. que pertende dar
ao prélo o Reverendo Padre Jozé
Pereira Bayaõ, e não achey nelle
coufa alguma contra a nossa Santa
Fé Catholica, e bons costumes,
e me parece digno de se dar à im-
prenta, este he o meu parecer,
Vossa Emminencia mādará o que
for servido. Lisboa Occidental, e
Congregação do Oratorio 13. de
Mayo de 1734.

Paulo Campelli.

O Padre Mestre Frey Joaõ de
São Diogo, Qualificador do
Santo Officio, veja o livro de que
se trata, e informe com seu pare-
cer. Lisboa Occidental 18. de
Mayo de 1734.

Fr. R. Alencastre. Teixeyra.

Silva. Cabedo. Soares.

Emmi-

EMMINENTISSIMO SENHOR.

VI este livro *Chronica del Rey D. Pedro I.* a qual escrita por Fernão Lopes Chronista Mór do Reyno pertende imprimir o R. P. Jozé Pereira Bayaõ com seu additamento ; aonde confidero que ambos atendem quanto se deve à verdade da Historia, ainda que não com a dezejada ordem por descuidos antepassados. Fazendo porèm aqui o Autor o devido protesto de que só intenta se dê a esta narrativa a pia fé humana conforme os decretos Apostolicos do Senhor Papa Urbano VIII. não acho em todo o livro cousa contraria à nossa santa fé, ou bons costumes, pelo que me parece se lhe conceda a impressãõ, se V. Emminencia

nencia o ordenar. Convento de
Santo Antonio de Lisboa Occi-
dental em 28. de Mayo de 1734.

Fr. Joaõ de S. Diogo.

Vistas as informações, pôde-
se imprimir a Chronica que
se apresenta de ElRey D. Pedro I.
acrescentando-lhe no fim o pro-
testo, que refere o Padre Mestre
Qualificador; e depois de impres-
sa, tornará para se conferir, e dar
licença que corra, sem a qual não
correrá. Lisboa Occidental o 1.
de Junho de 1734.

*Fr. R. Alencastre. Teixeira.
Silva. Cabedo. Soares.*

Jo

Do

DO ORDINARIO.

O Reverendissimo Padre Mestre Fr. Jozé de Oliveira veja o livro de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 9. de Junho de 1734.

Gouvea.

E Ste livro da Chronica de El-Rey D. Pedro o primeiro de Portugal, que addicionou o Reverendo Padre Jozé Pereira Bayão do habito de S. Pedro vi por ordem de V. Senhoria, e nelle não achei cousa que encontrasse a nossa Santa Fé, e bons costumes, e me parece digno da licença que pede a V. Senhoria, que fará o que for servido. Convento da Santissima

210

fima Trindade de Lisboa Occidental 18. de Junho de 1734.

Fr. Jozé de Oliveira.

Vista a informação pôde-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 20. de Junho de 1734.

Gouvea.

D O P A C, O.

M Anda ElRey nosso Senhor, que o Visconde de Assêca, Academico da Real Academia, veja o livro de que esta petição trata, e entrepondo o seu parecer

o re-

o remeta a esta Mesa. Lisboa Oc-
cidental 23. de Julho de 1734.

Pereyra. Teixeyra. Rego.

S E N H O R.

M Anda-me Vossa Magestade
ver a Chronica del Rey D.
Pedro, chamado Justiceiro, escrita
por Fernão Lopes, primeiro Chro-
nista Mór deste Reyno, e accres-
centada agora pelo Padre Jozé Pe-
reira Bayaõ, que a pertende im-
primir com a licença que pede, e
que interponha o meu parecer: eu
entendo que assim o assumpto des-
ta obra, como os dous Escritores
della, são tres fortissimas razões,
para que V. Magestade, passando
da honra da premissão à soberania
do preceito, mande que se impri-
ma,

ma , porque deve authorisar as
memorias de hum tal Principe ;
que só tem por defeito o excesso
de huma virtude. Desta propria
grandeza he tambem justo que
participem os dous Historiadores ;
hum, porque com gloriosa fadiga
formou a pena de que pode levan-
tar os primeiros voos a fama Por-
tugueza; o outro porque illustran-
do esta historia com a util , e indi-
vidual noticia , que dá dos nossos
Authores , assim dos reinados, em
que florecéraõ , como da ordem,
e precedencia , que houve entre
elles , e dos motivos, que tiveraõ
para escrever , nos livra de tanta
escura confusaõ com a mesma luz,
a que deve sahir. Vossa Magesta-
de mandará o que for servido. Lis-

boa

boa Occidental 29. de Julho de
1734.

Bisconde da Affeca.

Que se possa imprimir vistas
as licenças do Santo Officio,
e Ordinario. Lisboa Occi-
dental 30. de Julho de 1734.

Pereyra. Teixeyra. Rego.

EStá cõforme com o original.
Lisboa Occidental, e Con-
gregação do Oratorio 3. de No-
vembro de 1735.

Paulo Campelli.

Visto

ES

Visto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 4. de Novembro de 1735.

*Fr. R. Alencastre. Teixeira. Silva.
Cabedo. Soares. Abreu.*

Visto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 4. de Novembro de 1735.

Gouvea.

Que possa correr, e taixaõ em trezentos e cincoenta reis. Lisboa Occidental 7. de Novembro de 1735.

Pereyra. Teixeira. Rego.

INDEX DOS CAPITULOS, QUE
se contêm nesta Chronica, e seu
Supplemento.

- C** Ap.1. Do reinado delRey Dom Pedro de Portugal, e das condições que nelle havia, pag.48.
- Cap.2. Como ElRey de Castella mandou buscar o corpo da Rainha Dona Maria, sua mãy, que estava em Portugal, e da carta, que enviou a ElRey de Portugal, seu tio, p.55.
- Cap.3. Das cartas, que o Papa, e ElRey de Aragaõ enviáraõ a ElRey de Portugal, sobre a morte delRey seu pay, pag.61.
- Cap.4. Da maneira que ElRey D. Pedro tinha nos dezembargos de sua casa, pag.69.
- Cap.5. De algumas cousas, que ElRey D. Pedro ordenou por bem de Justiça, e em favor do seu povo, p.76.
- Cap.6. Como ElRey mandou degolar dous criados seus por roubarem, e matarem hum Judeo, pag.85.
- Cap.7. Como ElRey quizera meter hum Bispo a tormento porque dormira com hũa mulher cazada, p.92.

- Cap.8. Como ElRey mandou capar hum seu Escudeiro , porque dormio com hũa mulher cazada, p.99.
- Cap.9. Como ElRey mādou queimar a mulher de Affonso Andrè, e de outras justiças, q̄ mādou fazer, p.104.
- Cap.10. Do que ElRey passou com huma mulher de Santarem , que se lhe foy queixar a Évora da morte de seu marido, pag. 113.
- Cap.11. De outros casos notaveis de rigorosas justiças, que ElRey Dom Pedro mandou executar, pag.118.
- Cap.12. Como ElRey mandava matar o Almirante , e da carta, q̄ lhe enviou o Duque, e Comunidade de Genova, rogando por elle, p.127.
- Cap.13. Das moedas, que ElRey fez, e da valia do ouro, e prata naquelle tempo, pag.132.
- Cap.14. Da maneira, que os Reys tinhaõ para fazer thesouro, e accrescentallo, pag.138.
- Cap.15. Porque via ElRey D. Pedro de Castella começou de ajuntar thesouro, pag.146.
- Cap.16. Como ElRey fez Conde, e armou Cavalleiro a Joaõ Affonso Tello

- lo, e da grande festa, q̄ lhe fez, p. 151.
- Cap. 17. Das avenças, que El Rey de Castella, e El Rey D. Pedro de Portugal firmáraõ entre si, e como El Rey de Portugal lhe prometeo de fazer ajuda contra Aragaõ, p. 156.
- Cap. 18. De algumas pessoas, que El Rey D. Pedro de Castella mandou matar, e como casou com a Rainha Dona Branca, e a deixou, pag. 168.
- Cap. 19. Como se começou o desvairo entre El Rey D. Pedro de Castella, e o Conde D. Henrique, seu irmão, e qual foy o azo, porque o Conde se foy fóra do Reyno, p. 181.
- Cap. 20. Como, e por qual azo se começou a guerra entre Castella, e Aragaõ, pag. 201.
- Cap. 21. Como El Rey de Castella entrou por Aragaõ, e das cousas que fez em este anno, pag. 207.
- Cap. 22. Como El Rey D. Pedro fez matar o Mestre de Santiago, D. Fadrique, seu irmão no Alcacere de Sevilha, e outros Cavalleiros, p. 212.
- Cap. 23. Como El Rey partio de Sevilha por tomar D. Tello, seu irmão para o matar, e como matou o Infante

- fante D. Joaõ seu primo, pag.221.
- Cap.24. Como foy quebrada a tregoa de hum anno, que havia entre os Reys, e como ElRey D. Pedro de Castella ajuntou armada para fazer guerra a Aragaõ, pag.227.
- Cap.25. Como veyo o Cardeal de Bolonha para fazer paz entre ElRey de Castella, e ElRey de Aragaõ, e os naõ pode pôr de acordo, pag.233.
- Cap.26. Como ElRey de Castella enviou pedir ajuda de galès a ElRey de Portugal, e como partio com sua Frota por fazer guerra a Aragaõ, pag.243.
- Cap.27. Como se partio o Almirante de Portugal com as dez galès, e como ElRey D. Pedro desfarmou a Frota, e de outras coufas, pag.251.
- Cap.28. Como o Cardeal de Bolonha quizera tratar paz entre os Reys, e naõ pode, e como asgentes delRey D. Pedro peleijáraõ com o Conde, e o desbaratáraõ, pag.256.
- Cap.29. Como ElRey D. Pedro de Portugal disse, q̃ Dona Ignez fora sua mulher recebida, e da maneira, que nisso teve, p.262.
- Cap.

Cap.30. Do testemunho, que alguns deraõ no casamento de Dona Ignez, e das razões, que sobre isso propoz o Conde D. joão Affonso, pag.267.

Cap.31. Razões contra isto de alguns, que ahi estavaõ, duvidando muito em este casamento. pag.278.

Cap.32. Como os Reys de Portugal, e de Castella fizeraõ entre si avença, que entregassem hum ao outro alguns, que andavaõ seguros em seus Reynos, pag.288.

Cap.33. Como Diogo Lopes Pacheco escapou de ser prezo, e os outros foraõ entregues, e logo mortos cruelmente, pag.295.

Cap.34. De algumas cousas q̃ ElRey D.Pedro de Castella mandou fazer, e como fez paz com ElRey de Aragaõ, entrando em seu Reyno, p.306.

Cap.35. De algũas entradas, que ElRey de Castella este anno fez nõ Reyno de Granada, e como ElRey Vermelho se veyo pôr em seu poder, cuidando de ser seguro, e ElRey o mandou matar, pag.312.

Cap.36. Das avenças que ElRey de Castella fez com ElRey de Aragaõ,
en-

- entrando em seu Reyno , e como
depois as não quiz guardar, p.321.
- Cap.37. Como ElRey D. Pedro de
Castella entrou outra vez em Ara-
gão com sua Frota de náos, e galés,
e das coufas, que lá fez, pag.329.
- Cap.38. Como o Conde D. Henrique
entrou por Castella com muitas
companhias, e foy alçado por Rey,
e como ElRey D. Pedro mandou
desamparar os lugares todos, que
em Aragaõ tinha ganhados, p.337.
- Cap.39. Como ElRey de Castella en-
viava huma sua filha a Portugal , e
como elle partio de Sevilha com
temor , que houve dos da Cidade,
pag.345.
- Cap.40. Como ElRey de Castella fez
faber a seu tio , q̄ se achava no seu
Reyno , e como ElRey se escusou
de o ver , e lhe fazer ajuda, p.350.
- Cap.41. Como ElRey de Castella par-
tio de Coruche, e se foy de Portu-
gal, e quaes enviáraõ em sua com-
panhia, pag.357.
- Cap.42. Como ElRey D. Pedro che-
gou a Galiza, e matou o Arcebispo
de Santiago, e se foy para Inglater-
ra, pag.364.

Cap.43. Como ElRey D. Henrique chegou a Sevilha, e da aliança, que fez com ElRey de Portugal, p.369.

Cap.44. Como ElRey de Portugal enviou seus Embaixadores a Caza do Principe de Gáles por se desculpar do que ElRey D. Pedro de Castella dizia contra elle, pag.377.

Cap.45. Como D. Joaõ, filho delRey Dom Pedro de Portugal foy feito Mestre de Aviz, pag.384.

Cap.46. Como foy trasladada Dona Ignez para o Mosteiro de Alcobaça, e da morte delRey D. Pedro, p.392.

INDEX DO SUPPLEMENTO.

Cap.1. Do seu nascimento, criação, e desposorio, pag.401.

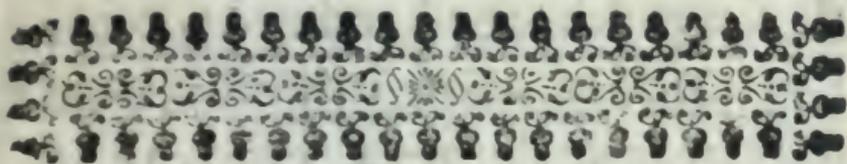
Cap.2. Em que se prosegue a mesma materia do desposorio do Infante D. Pedro, pag.412.

Cap.3. Dos seus amores com Dona Ignez de Castro, e dos filhos, que della teve, e successo delles, p.427.

Cap.4. Em que se prosegue a mesma materia, pag.447.

Cap.5. Do cuidado, e desconfiança, q̃ estes amores do Infante D. Pedro com

- com Dona Ignez de Castro, causá-
raõ em El Rey D. Affonso, &c. p.455.
- Cap.6. De como o Infante D. Pedro
aggravado del Rey seu pay, pela
morte de Dona Ignez de Castro,
se levantou contra elle, e lhe fez
guerra, &c. pag.470.
- Cap.7. De como o Infante D. Pedro
ainda em vida del Rey seu pay, tra-
tou de legitimar os filhos, q̄ tinha
de Dona Ignez de Castro, &c. p.483.
- Cap.8. De como o mesmo Infante,
sendo já Rey fez a mesma diligen-
cia para legitimar os filhos, que ti-
nha de Dona Ignez de Castro, e do
que sobre isto passou com o Papa,
pag.490.
- Cap.9. Da morte, e algumas acções
virtuosas da Rainha Dona Brites,
mãe del Rey D. Pedro, pag.504.
- Cap.10. Da Coroação, e Trasladação
de Dona Ignez de Castro, pag.515.
- Cap.11. De algumas acções piedosas,
e louvaveis del Rey D. Pedro. Defen-
de-se da calunia de cruel, &c. p.523.
- Cap.12. Em que se prosegue a mes-
ma materia proposta, pag.542.
- Testamento del Rey D. Pedro, p.563.
- Advertencia, pag.575, PRO-



PROLOGO NOVO
AO LEYTOR,

ou Discurso historico sobre os
Authores, e Chronicas an-
tigas de Portugal.



ENDO interrompida,
e parada ha annos a
impressão de todas as
Chronicas deste Reyno,
e Reys antigos de Portugal, tão
prometida, e dezejada, e os Ley-
tores suspensos, e sentidos com es-
ta falta, pela necessidade, que ha
dellas, e util conveniencia, que

A

da

27 PROLOGO NOVO

da sua publicaçãõ redunda; e considerando-a quasi impossibilitada pela grande despeza, que traz annexa, determiney fahir à luz com esta del Rey D. Pedro I. assim porque com ella se continuaõ as mais por ordem recta, pois todas as antecedentes estaõ já impressas na fórma, em que primeiro foraõ escritas pelos Chronistas Duarte Galvaõ, e Ruy de Pina, com os defeitos de diminutas, e mal limadas, o que remediáraõ já os Authores da Monarquia Lusitana, illustrando-as com toda a exactaçãõ; como porque sendo a deste Rey muy appetecida pelas acções, e rigor de suas justiças, he o de quem tínhamos menos noticia,

pois

9

AO LEYTOR.

3

pois o que se acha d'elle em Duarte Nunes de Leão he muy summa-rio, em Mariz, Garibay, e Marianna hum breve compendio; e o que mais he de considerar, a Monarquia truncada nesta parte. Estas razões me forçáraõ a sahir com ella na fórma, em que a escreveo Fernão Lopes, Author de todas as Chronicas dos Reys de Portugal até D. Duarte, e não Ruy de Pina, como muitos imaginaõ, e muito menos Duarte Galvão, como a alguns se figurou sem fundamento. E leva só de novo a mudança de alguma syllaba, ou letra, que naquelle tempo era elegancia, e hoje se estranha, ou senão explica, como saõ: *Guiza*, por *Manei-*

A ij

ra,

4 PROLOGO NOVO

ra, *Modo*, ou *Sorte*: *Leixar*, por *Deixar*; *Prol*, por *Qualidade*, ou *Louvor*; *Empachõ*, por *Vergonha*, *Manhas*, por *Partes*, ou *Costumes*; *Lédo*, por *Alegre*; *Ledice*, por *Alegria*, *Contentamento*; *Hú*, por *Onde*; *Trigança*, por *Preça*, ou *Diligencia*; *Prasmo*, por *Calunnia*, ou *Admiração*, &c. *Averes*, por *Fazendas*, ou *Riquezas*; *Azo*, por *Conveniente*, *Occasião*, *Causa*, *Via*; *Lidimo*, por *Legitimo*; *Sanha*, por *Ira*; *Senbos*, por *Certos*; *Avêo*, por *Succedeo*, &c. E quasi todas as syl-
 labas em *aõ* escritas em *om*, assim
 como, *coraçom*, *nom*, *razom*, *con-
 tradiçom*, &c. Nem por esta tro-
 ca de letras se deve entender que
 se offende a veneranda antiguida-
 de,

de, taõ estimada dos curiosos para corroboraçãõ da verdade ; porque isto naõ he viciar , nem alterar o contexto ; mas aclarar algumas palavras para a precessãõ , e intelligencia dos menos versados nos estylos antigos, julgados hoje por grossarias, e toscuras ; e se alguma palavra , ou syllaba repito, ou accrescento por ser preciso para melhor intelligencia da Historia , vaõ todas de letra differente para que se conheçaõ quaes saõ , e senaõ faça caso dellas quando se quizer allegar o texto puro , conforme o uso antigo.

Foy Fernaõ Lopes fugeito de grande authoridade , letras , e talento , como affirma Gomes Eannes

nes

6 PROLOGO NOVO

nes de Azurara na Chronica da tomada de Ceuta, ou terceira parte da delRey D. Joaõ I. que foy seu contemporaneo, e o tratou, e conheceo muito bem; e se prova da qualidade dos grandes cargos, que servio, pois foy Escrivão da Puridade do Infante Santo D. Fernando, Mestre da Milicia de Aviz, filho do ditto Rey, e Chronista Môr deste Reyno, escolhido para isso, e para Guarda Môr da Torre do Tombo, Thesouro das Escrituras Reaes, pela prudente ponderação do eloquente Rey D. Duarte, filho herdeiro do mesmo Rey D. Joaõ, ainda em vida de seu pay, que lhe mandou escrever todas as Chronicas, e vidas dos Reys
passa-

passados, seus Ascendentes; para o que o ajudou muito, mandando-lhe patentear todos os Cartorios, e Escrituras deste Reyno, e ainda vir muitas de Castella, pela coherencia, que entre si tem a Historia destas duas Monarquias, como taõ visinhas, e confinantes; e sempre ou aliadas com reciproca amizade, ou emulas contendendo com as armas; o qual pela grandeza da obra, e difficuldades, que encontrou, achando-a já muy escurecida pela muita antiguidade, e falta de noticias, gastou muitos annos correndo o Reyno, e informando-se do que havia de escrever, e em fim quando morreo no anno de 1449. reinando já D.

Affon-

8 PROLOGO NOVO

Affonso V. chegava já com a dita Historia geral aos ultimos annos del Rey D. João I. ainda que Damiaõ de Goes quer que passasse adiante , e escrevesse tambem a Chronica do mesmo Rey D. Duarte , seu filho, e successor, e motor desta grande obra ; o que não creyo , nem o consente o ditto Gomes Eannes, que escreveu (como já disse) a tomada de Ceuta pelo mesmo Rey D. João , em cuja Historia affirma , que o ditto Fernão Lopes não pudéra chegar com a sua , mais que até esta empreza ; nem he de presumir , que elle passasse adiante deixando-a por escrever , sendo parte tão essencial ; o qual por este grande

tra-

trabalho tinha assentamento de tença na Portagem de Lisboa para sua sustentação.

Morto Fernão Lopes, sabendo ElRey D. Affonso V. que a importantissima obra das Chronicas não ficára acabada, herdando, com o Reyno, o zelo, e curiosidade de seu pay, a mandou proseguir pelo Licenciado Gomes Eannes de Azurara, Dezembargador da Casa do Civel, como consta da sua Chronica cap. 50. grande Letrado, e de mayor talento, e melhor estylo, que Fernão Lopes, como se prova dos seus escritos; ao qual succedendo no cargo de Chronista, e Guarda Môr da mesma Torre, acabou a Chronica del-

10 PROLOGO NOVO

del Rey D. Joaõ, escreveu a de D. Duarte, e principiou a do mesmo D. Affonso V. e passando a Africa por ordem do mesmo Rey para se informar pessoalmente, e com toda a averiguaçaõ dos feitos, e acçoens dos nossos naquella nossa Conquista, escreveu huma Chronica do Conde D. Pedro I. Cappitaõ, e Governador da Praça de Ceuta, e outra do Conde D. Duarte, seu filho, primeiro Cappitaõ Mõr de Alcacere, que agora estaõ tambem para sahir de novo à luz em beneficio da Republica litteraria, e credito da Naçaõ Portugueza.

E El Rey não satisfeito com isto, tanto foy o zelo, que teve de
illuf-

illuſtrar a Patria , e perpetuar a memoria de ſeus Ascendentes, que mandou vir de Italia a Frey Juſto, Religioſo Dominico , para lhas verter em Latim; porque deſta ſorte entendia conſeguir melhor o intento , pelo que o fez Biſpo de Ceuta , e lhe mandou entregar os Originaes. Eſtando pois o ditto Biſpo na Villa de Almada , que eſtá defronte de Lisboa da parte dalém do Tejo, escrevendo o primeiro Tomo deſta obra , morreo de peſte , e com elle o meſmo Livro feito , e por fazer, que continha as Chronicas do Conde Dom Henrique, e dos ſete Reys primeiros até D. Affonſo IV. defencaminhando-ſe, ou ſumindo-ſe por ſua

mor-

morte em poder de seus criados, que não fouberaõ estimar joya de tanto valor, que custou tantos suores; e seria permiffaõ Divina em castigo do labéo, que ElRey punha a seus vassallos, mostrando que não tinha entre elles hum, que fosse capaz de compôr em Latim a Historia do Reyno, por onde necessitava de valer-se de Escritor de fóra, sendo certo, que tinha cá muitos, e taõ excellentes, como depois se vio, e experimentou no CiceroPortuguez Jeronymo Ozorio, Bispo de Sylves, quando escreveo com tanta ventagem no mesmo tempo, e a mesma materia, que escrevia o Padre Mafeo, chamado tambem de Italia para
 ifc.

isso. Assim houvera favores, como não faltaõ Escriitores; mas estes, que deviaõ ser os mais estimados, são os menos favorecidos. O certo he, que procede isto da inclinação Portugueza, de se estimadora das Artes proprias, ainda que sublimes, e afeição das estranhas, posto que inferiores, como estamos experimentando. Escapáraõ (tal vez por milagre) as del Rey D. Pedro por diante, que ainda não deviaõ estar em seu poder. Morto este Bispo, não sabemos, que se tratasse mais desta materia, posto que era D. Affonso tão curioso, que foy o primeiro Rey de Portugal, que fez Livraria no Paço; e a causa seria tal vez porque fo-

fobrevieraõ depois tantos cuida-
dos ao Reyno , que mal poderia
ElRey attender a este , nem seu fi-
lho ElRey D. Joaõ II. teve taõ lar-
ga vida , e descanço , que se pu-
desse lembrar disso , ainda que pa-
rece lhe não passou de todo por al-
to , como logo se verá.

- Porèm chegado o tempo do
felicissimo Rey D. Manoel , seu
primo , e successor , ainda que
não entrou a reynar com o pensa-
mento menos applicado a outros
mayores intentos , com tudo , sa-
bendo que as Memorias dos seus
gloriosos Ascendentes estavaõ
quasi todas por escrever , e que
com a grandeza dos novos Descu-
brimentos , e Conquistas de Afri-
ca,

ca, Azia, e America, se viriaõ a escurecer de todo, e a apagar das lembranças, naõ sendo merecedoras disso, ordenou a Duarte Galvaõ, Cavalheyro Fidalgo de sua Casa, filho de Ruy Galvaõ, Secretario delRey D. Affonso V. que escrevesse todas as Chronicas dos Reys antigos, que faltassem.

Elle que sem esta ordem, estava já dantes obrigado a isto, pois era Chronista Môr do Reyno por data de seu irmaõ D. Joaõ Galvaõ, Bispo de Coimbra, primeiro Conde de Arganil, e Prior Môr do Real Mosteyro de Santa Cruz da mesma Cidade, a cujos Priores Claustreiros tirou este Officio, nos quaes estava o de fazer os appon-
tamen-

tamentos, e lembranças das cousas notaveis deste Reyno, desde o tempo do Santo Rey D. Affonso Henriques, que lhe deu cargo disso por hũa Provisão, que se guarda no Cartorio delle, por virtude do qual cargo se tinhaõ feito grandes Manuscritos até aquelle tempo, em que lhe foy tirado; sobre o que houve grande repugnancia por parte da Casa, e não valeo, porque entendo interveyo o consentimento, e approvaçaõ del Rey, em que se firmou a vontade do Prior Môr, a quem era muito aceito. Resultando daqui tal desgosto, que não só deixáraõ de escrever as dittas Memorias, mas puzeraõ taõ pouco cuidado na guar-

guarda dos Livros das que estavaõ feitas , que se vieraõ a perder, de-
fapparecendo do Cartorio alguns
annos depois, donde os tirou hum
familiar do Convento , e os foy
vender a quem os não soube apro-
veitar ; e assim se perdeu este ines-
timavel thesouro de noticias, per-
da irremediavel , e sem compara-
çaõ lastimosa para quem bem sabe
sintilla , e conhecer o subido do
seu valor, e falta grave, que agora
faz à Historia deste Reyno.

Destes documentos se aprovei-
tou sem duvida Fernão Lopes, e o
mesmo Duarte Galvão, como bem
daõ ambos a entender em seus Es-
critos , allegando a outros Escri-
tores mais antigos , sem declarar

B

quem

quem elles fossem , devendo ser-
lhes gratos , como a luzes , que os
encaminháraõ , cujos lugares desta
Chronica de que isto se prova
finalley na margem para fatisfação
dos especulativos. Escreveo pois
Duarte Galvaõ não mais que a
Chronica do grande Rey D. Af-
fonso Henriques , com tanta ne-
gligencia , e descuido , que bem
mostra nella ser pouco curioso , e
a pouca vontade, com que a devia
fazer , e que foy só por não des-
gostar a quem o mandava ; e não
dando mais hum só passo adiante,
coube a forte de continuar , com
mayor felicidade , a Ruy de Pina,
a quem o ditto Rey o encarregou,
e para o que elle (dizem) se lhe of-
fereceo,

fereceo, vindo a isso da Cidade da Guarda, sabendo que ElRey estava desgostado pela falta de noticias, e escusa, que lhe dera Duarte Galvão, como o mesmo Ruy de Pina dá a entender no seu Prologo geral, posto na delRey Dom Sancho I. o qual lhe deu melhor cumprimento, com grande gosto delRey; porque tinha huns fragmentos das antigas de Fernão Lopes, que houve, por ordem delRey D. João II. de Fernão Novaes, nobre Cidadão do Porto, de que infiro; q̄ tinha este perfeito Principe o mesmo intento de as mandar escrever; com os quaes, e de Chronicas de Castella, Escrituras da Torre do Tombo, de que se

Ihe deu cargo, e outras Lembranças mais como elle confessa no dito Prologo, formou as que faltavaõ, que eraõ as delRey D. Sancho I. D. Affonso II. D. Sancho II. D. Affonso III. D. Diniz, e D. Affonso IV. para as quaes já senão pode valer, nem aproveitar das Memorias de Santa Cruz, porque já tinhaõ defapparecido; por onde, ainda que as inteirou, e poz em melhor fórma, e estylo, não pudéraõ escapar de muito breves, diminutas, defeituosas, e confusas, por falta de diligencia, querendo vencer tempo, que se puzera mais cuidado elle, e seu antecessor ao menos na Torre do Tombo, de que tinhaõ cargo, ellas sahiraõ

mais

mais completas , e apuradas , como depois reconhecêraõ todos os que niffo fizeraõ algum exame , e o mostráraõ , e prováraõ claramente os Authores da Monarquia Lusitana ; e elles não incorreriaõ na nota de negligentes, de que agora são accusados. Pouco attendêraõ ao feu credito. Deviaõ de imaginar , que não haveria mais que descubrir na materia ; ou que escreviaõ para alguns insensatos, que se accõmodassem com os seus Escritos, tendo-os por muito certos, sem fazerem mais exame, nem diligencia por apurar a verdade, e ver se era assim o que diziaõ ; succedendo tanto ao contrario, que (apurando-se os juizos) se foraõ
logo

logo descobrindo os seus descuidos , e reconhecendo sua negligencia.

E com tudo isso elles o avaliáraõ por muito grande trabalho, e por tal o encarecem em seus Prologos , dirigidos ao mesmo Rey D. Manoel. Porém não se lhes pôde negar algum louvor , que por elle merecem , pois as ordenáraõ, e formáraõ assim como pudéraõ, e entendéraõ; posto que o devessem fazer por força , e obrigação do seu officio de Chronistas Mõres do Reyno ; porque com todos os defeitos , que nellas se reconhecem, sempre fervem da utilidade , que os Doutos sabem , pois são como luzes para evitar o engano, vidro,
que

que manifesta o que recolhe, e dá juntamente a conhecer as suas manchas, ou tambem estímulos para investigar mayores noticias, e apurar, com estes motivos, melhor a verdade; e com estes toscos materiaes formar melhor edificio, como se tem feito.

Remediada assim esta falta ficou El Rey D. Manoel satisfeito; e elles muito mais com as mercès que por isso lhes fez. Os annos em que escreveraõ, que tambem he util saberse, foraõ: Fernaõ Lopes acabou de escrever, morrendo, no anno de 1449. como está visto. No mesmo anno principiou Gomes Eannes de Azurara. Duarte Galvaõ no de 1505. e Ruy de Pina
no

24 PROLOGO NOVO

no de 1513. como de seus Escritos se mostra ; prova , que excede a todas.

Varios são os juizos , que se tem feito sobre estas Chronicas , e seus Authores. Damiaõ de Goes contemporaneo dos segundos , e muito comperto dos primeiros, prova no cap. 38. da quarta Parte da Chronica delRey D. Manoel, que Fernão Lopes , Guarda Môr da Torre do Tombo, escreveu todas as Chronicas do Reyno até Affonso V. E posto que traz hum grave documento , que mostra como se perdéraõ em poder do Bispo de Ceuta Dom Justo , e que Ruy de Pina as tornou a escrever depois ; com tudo elle mesmo o
põe

põe em duvida , allegando que o estylo dellas he muy differente do de Ruy de Pina , e dá a entender, que tudo he de Fernão Lopes , tocado , ou trasladado pelo dito Pina. Isto he quanto às de D. Sancho I. até D. Affonso IV. e o mesmo aconteceria com a del Rey D. Affonso Henriques , que de novo escreveo Duarte Galvaõ , como elle diz ; que no que toca às de D. Pedro , D. Fernando, e D. Joã I. não há duvida , que he obra existente, e propria da mão de Fernão Lopes ; e ainda quer o mesmo Goes , que o seja tambem a de D. Duarte , e que Gomes Eannes a augmentasse, confessando porém, que Ruy de Pina a concertára, e a

de

26 PROLOGO NOVO

de D. Affonso V. e fizera toda a de D. Joaõ II. e grande parte da de D. Manoel.

Manoel de Faria e Sousa diz o mesmo no Epitome das Historias Portuguezas , e acrescenta que chegára Fernão Lopes com a sua escrita até Affonso V. mas que perdidas suas obras fora como se as não houvesse escrito ; e ficára sendo o assumpto de Ruy de Pina, e Duarte Galvão, (melhor puzera o segundo, como mais antigo, em primeiro lugar) e já antes tinha dito isto mesmo ; mas q̄ nas Chronicas desde D. Sancho I. até Dom Duarte se entende que há pedaços das de Fernão Lopes ; e o mesmo repete na Europa Portugueza. Po-
rêm

rêm no primeiro Tomo da Asia se contradiz, ou se reporta, dizendo, que se tem por certo que se perdéraõ as mais dellas; mas que permanecem Historias de todos aquelles Principes sem nome de Author, que se entende saõ deste. Allega mais com dez Chronicas, escritas por Duarte Galvaõ até D. Fernando, e he allegaçãõ falsa; porque se sabe de certo, e se prova de Ruy de Pina, e Damiaõ de Goes que não escreveo mais, que a do primeiro Rey; e essa com tanta negligencia, que a ninguem contentou, e diz Goes ser nella mais breve, que em algumas Cartas de suas Embayxadas. E se he certo, que elle dito Faria as tinha, como diz

diz , seriaõ de outro Author, trasladadas em seu nome , e viciadas na frase, por onde pareceriaõ suas, ou citará a allegaçã de Garibay.

- E assim vay apontando outras até D. Manoel , escritas todas por Pina, com cuja abundancia de Chronicas desmente muito a penuria , que antes tinha affirmado, que em Portugal havia dellas. De todas diz , que as melhores em estylo , e em ordem saõ as de Ruy de Pina, e a de D. Joaõ I. por Fernãõ Lopes , ao qual só esta lhe dá exprefamente , e não se lembra no Catalogo , que faz de todas, das que compoz Gomes Eannes de Azurara. A verdade he o que fica dito, que Fernãõ Lopes compoz todas

as Chronicas de Portugal até D. Duarte , e perdidas as primeiras até D. Affonso IV. as tornãraõ a compôr de novo, Duarte Galvaõ a primeira, e Ruy de Pina as seguintes até o dito Rey D. Affonso IV. porque as mais permaneciaõ , escritas por seu primeiro Author. Assim o confessa o mesmo Pina no seu Prologo geral para todas, posto na de D. Sancho I. e em muitos lugares dellas, principalmente na de D. Affonso IV. cap. 61. e 64. &c. Tudo isto quiz mostrar para que veja o Leytor a sem razãõ dos que tem roubado a Fernãõ Lopes o louvor de taõ grande trabalho, merecendo-o elle muy subido , ao menos pelas que permanecem, que

30 PROLOGO NOVO

que são esta delRey D. Pedro , e a de D. Fernando , e D. João I. que são as que temos mais extensas , como quem bebo a agua mais clara , e perto da sua fonte ; e lho estão ainda hoje negando , attribuindo-as todas a Ruy de Pina , confessando elle mesmo , que não escrevéra estas , nem estando em seu nome os Originaes , que se guardaõ na Torre do Tombo ; mas a causa procedeo , delle não declarar (como devia) quem as tinha escrito. Nellas se acha hum estylo commum , e huma conformidade igual , e muitas provas de que seu Author Fernão Lopes o foy de todas as outras precedentes. E se o Conego Gaspar Estaço , diligenti-

tiffi-

tissimo Anquario se admira muito de que Duarte Galvão diga que fez de novo a delRey D. Affonso Henriques , por saber que Lopes fora o Author della , com quanta mais razão devia escandalizar-se de que se lhe tirasse a gloria , e negasse o agradecimento de o ser destas tão conhecido, e se desse tão liberalmente a quem o não foy, nem o mereceo, e de que haja ainda hoje quem não as cite em seu nome , constituindo-se defensor do credito dos mortos , e tendo já Goes provado que são suas ? Muito mais me admiro eu do juizo , que destes Authores vejo que outros fazem ; porque João de Barros chama a Duarte Galvão a-

pura-

purador da Chronica delRey D. Affonso Henriques, tirando-a da lingoagem antiga, em que estava escrita; e hum Continuador da Monarquia Lusitana, depois de mostrar com brevidade o mesmo, que fica ditto, conclue dizendo assim: *E a meu parecer, pelo que tenho lido, Fernão Lopes cavou, e colheo; Ruy de Pina leo, e seguiu; Duarte Galvão polio, e ornou.* E pouco antes tinha ditto que escrevêraõ ambos em tempo delRey D. Joaõ III. sendo tudo tanto pelo contrario, como já se mostrou, e se prova de seus mesmos Escritos, dirigidos a ElRey D. Manoel, por cuja ordem escrevêraõ em seu reynado Galvão logo no principio delle

delle, e Pina pouco depois de meado ; Escri tos taõ diversos, que mal podia hum seguir ao outro em materia differente , e muito menos o mais antigo ao posterior ; e no estylo com tanta differença, do que se aponta , que antes Ruy de Pina he o que nisto se esmerou mais ; e o que Duarte Galvão escreveo se reconhece muito mais tosco, e indigesto , que o que existe de Fernão Lopes , sendo este tanto mais antigo, que elle ; como está visto. Pelo que não sey que pureza , ou adorno, ou que melhor fórma elle dèsse à Chronica , que escreveo ? Antes se acha necessitada de todas aquellas circumstancias , que pedia a gravidade de hũa tal His-

toria ; por onde tiveraõ mais ração os que lhe chamaõ : *Recopilante, e Abreviador*. Tenha-se pois por sem duvida , que o Author desta delRey D. Pedro, como das duas seguintes foy Fernaõ Lopes, fugeito , que mereceo fiar delle ElRey D. Duarte a guarda das Escrituras Reaes , e encarregarlhe a Historia do Reyno ; e não Ruy de Pina , como imaginou Mariz, Faria , Barbosa , e atègora se presume ; a qual se publica agora na fórma , e pelas razoens acima declaradas , e em volume de corpo pequeno , para se communicar a todos, como já fizeraõ alguns com outras semelhantes , e tambem por ser pouca a materia para cor-

po agigantado , reservando a de
folha para quem tomou esse en-
cargos.

E porque sahe defunida das
mais , de que muitos não tem no-
ticia, nem as chegarão a ver, quiz
acrescentar aqui tudo o que per-
tence a este Rey , e se acha divizo
por ellas , como he o seu nasci-
mento , criação , cazamentos , e
os mais successos até ser Rey , e
outros depois de o ser , e de seus fi-
lhos, sua resurreição, e outros, de
que o Author não trata ; para be-
neficio do Leytor, que quiz tives-
se aqui tudo junto , o que toca a
este Rey , como o achará adiante
no fim da mesma Chronica. Agra-
deção-me os curiosos o beneficio,

e zelo de lhes manifestar memorias , e facilitar noticias para o goſto, e recreyo ; e para ſeus altos pensamentos.

Não foy eſta Chronica ſó a que intentey illuſtrar ; a todas o deſejey fazer até ElRey D. Fernando ; e principiando pela primeira do grande Rey D. Affonſo Henriques a illuſtrey de ſorte, que lhe excedí o corpo antigo , nem podia ſer menos , pelas diminuiçoens , que nella há , com menos credito daquelle ſanto Monarca : mas iſſo meſmo foy cauſa de ficar o meu (não pouco) trabalho perdido ; e ao Leytor fruſtrado eſte bem, ſendo deſeſtimado de alguns pouco affectos, e menos gratos ao
meu

meu zelo, e regeitado por quem se tinha encàrregado da impressão dellas; porèm não perco as esperanças de o vir a executar ainda (se Deos for servido) pela grande necessidade, que disso tem todas, pois tão nègligentemente estão escritas, e nellas tratadas as acções de tão insignes Principes, como foraõ todos os nossos Lusitanos, do que são boas testemunhas todos os curiosos, que as tem visto, e Barros, e Goes sentidos o manifestaõ.

Ultimamente advirto que os annos, de que usa o Chronista, são Era de Cezar, pela qual entãõ se governavaõ, que levava 38. de excessõ ao anno de nosso Senhor

38 PROLOGO NOVO

JESU Christo, do qual mandou usar ElRey D. Joaõ I. E quem quizer saber que anno era, tire-lhe os 38. e os que ficarem saõ õs annos de Christo. Tambem advirto que as notas, que acima prometti de fazer na margem, vaõ recolhidas dentro na pagina, e finalladas com * por se naõ poderem accomodar fóra. E as palavras, que prometti differençar, vaõ metidas entre Parentesis, por se naõ confundirem com outros termos da Historia.

VALE.

CHRO-



CHRONICA DELREY D. PEDRO

deste nome o primeiro, e dos
Reys de Portugal o oytavo.

*Escrita por Fernão Lopes, Escrivão
da puridade do Infante santo
D. Fernando, seu neto.*

PROLOGO.



DEIXADOS os modos,
e defençoens da Justi-
ça, que por desvairadas
maneiras muitos em
seus Livros escrevem; sômente
daquella, para que o real poder
foy

foy estabelecido , que he por serem os máos castigados , e os bons viverem em paz , he nossa tenção neste Prologo muy curtamente falar , não como buscador de novas razoens por propria invenção achadas , mas como ajuntadas em hum breve mólho dos ditos dalguns , que nos contentáraõ , a huma por espertar os que ouvirem que entendaõ parte do que falar a Historia , outra por seguirmos inteiramente a ordem do nosso razoado no primeiro Prologo já trazida. * E por quanto ElRey D. Pedro , cujo reinado se segue , usou da Justiça , de que a Deos mais apraz , que outra cousa algũa boa , que o Rey possa fazer , segundo os

San-

Santos escrevem, e alguns dezejaõ saber que virtude he esta ; e pois he necessaria ao Rey, se o he assim ao povo, vós naquelle estylo, que simplesmente o achamos, o podeis ler por esta maneira.

Justa he huma virtude, que he chamada toda virtude, assim que qualquer, que he justo, este cumpre toda virtude ; porque a justiça assim como a Ley de Deos defende, que : *Naõ mateis ; Naõ fornicais ; Naõ furteis, &c.* e guardando isto se cumpre a virtude da Caridade, Castidade, &c. assim podeis entender dos outros vicios, e virtudes. Esta virtude he muy necessaria ao Rey ; e assim mesmo aos seus subditos, e vassallos ; e

por-

porque havendo no Rey virtude de Justiça, fará Leys porque todos vivaõ directamente, e em paz, e os seus vassallos, sendo justos, cumpriráõ as Leys, que elle puzer, e cumprindo-as não faraõ couza injusta contra algum: e tal virtude como esta póde cada hum ganhar por obra de bom entendimento; e às vezes nascem alguns assim naturalmente a ella dispostos, que com grande zelo a executaõ, posto que a alguns vicios sejaõ inclinados: e a razaõ, porque esta virtude he necessaria nos sobredittos, he por cumprirem as Leys do Principe, que sempre devem ser ordenadas para todo o bem.

E quem taes Leys cumprir,
sem-

sempre bem obrará ; porque as Leys são regra do que os subditos haõ de fazer , e são chamadas : *Principe naõ animado* , porque ellas representaõ com vozes mortas o que ElRey diz por sua voz viva ; e assim a Justiça he muito necessaria assim no povo , como no Rey ; porque sem ella nenhuma Cidade, nem Reyno póde estar em affocego. Assim que o Reyno, onde todo o povo he máo , não póde permanecer muito tempo ; porque assim como a alma aviventa o corpo , e apartando-se d'elle, perde o corpo o alento , e morre , assim a Justiça aviventa , e segura os Reynos , e apartando-se delles perecem de todo.

Ora

Ora se a virtude da Justiça he necessaria ao povo, muito mais o he ao Rey, porque se a Ley he regra do que se há de fazer, muito mais o deve ser o Rey, que a põe, e o Juiz, que a há de exercitar; porque a Ley he Principe sem alma, como acima dissemos; e o Principe he Ley, e regra da Justiça com alma, pois quanto a cousa com alma tem melhoria sobre outra sem alma, isto he sem vida, tanto o Rey deve ter excellencia sobre as Leys, porque o Rey deve ser de tanta justiça, e direito, que compridamente dê às Leys a execução. D'outra maneira mostrar-se-hia o seu Reyno cheyo de boas Leys, e máos costumes, que seria
cousa

cousa torpe de ver ; e pois duvidar se El Rey há de ser justo, não he outra cousa senão duvidar se a regra há de ser direita, a qual sem direitura desfalece, e nenhuma cousa direita se póde por ella fazer.

Outra razão, porque a Justiça he muy necessaria ao Rey, assim he que porq̃ a Justiça não sómente aformosenta, e adorna os Reys de virtude corporal, mas ainda espirital ; pois quanto a fermosura do espirito tem a vantagem da do corpo, tanto a justiça em o Rey he mais necessaria, que outra fermosura.

A terceira razão se mostra da perfeição da bondade, porque en-
taõ

taõ dizemos alguma cousa ser perfeita, quando fazer póde alguma semelhante a si, e por tanto se chama huma cousa boa, quando sua bondade se póde estender a outros, ao menos se quer por exemplo, entaõ se mostra por pratica quando cada hum he bom, quando he posto em senhorio, e com razaõ convém aos Reys serem justicofos a todos os seus subditos para lhe poder vir bem, e a nenhum o contrario; trabalhando que a Justiça seja guardada não sómente aos naturaes de seu Reyno, mas ainda aos de fóra d'elle, porque negada a Justiça a alguma pessoa, grande injuria he feita ao Principe, e a toda a sua terra. E desta

vir-

virtude da Justiça , q̄ poucos acha que a queiraõ por hospeda , posto que Rainha , e Senhora seja das outras virtudes , segundo diz Tullio , usou muito ElRey D. Pedro conforme podem ver os que dezejaõ de o saber , lendo a sua Historia. E pois que elle com bom zelo por natural inclinaçaõ refreou os males regendo bem seu Reyno, ainda que outras minguas por elle passassem, de que pendença podia fazer , de cuidar he que alcançou o galardão da Justiça , cuja folha , e fructo he honrada fama neste Mundo , e perduravel descanso no outro.

CAPITULO I.

Do reynado dellRey Dom Pedro de Portugal, e das condições, que nelle havia.

MOrto ElRey Dom Affonso, reinou seu filho o Infante D. Pedro, tendo entã de sua idade trinta e sete annos, hum mez, e dezoito dias; e porque dos filhos, que houve, e de quem, e porque modo, cumpridamente havemos falado, * não cumpre aqui tratar mais disso; mas dos costumes, condições, e estados de cada hum diremos adiante, muito brevemente onde convier falar de suas acções.

Este

Este Rey D. Pedro era muito gago, e foy sempre grande Caçador, e Monteiro em tempo de Infante; e depois que foy Rey, trazendo grande Casa de Caçadores, e Moços de Monte, e d'aves, e caes de todas as maneiras, que para taes jogos, (divertimentos) eraõ pertencentes; era muito viandeiro sem ser comedor mais que outro homem, e suas salas eraõ de praça em todos os lugares, por onde andava, fartas de vianda, e grande abastança. (Isto he, que gostava de que à sua menza viessem muitas, e varias iguarias; porém que no gasto dellas não era demasiado; e que a tal menza era publica, franca, e abastada.) Elle

D

foy

foy grande Criador de Fidalgos de Linhagem, porque naquelle tempo não se costumava ser vassallo senão filho, neto, ou bisneto de Fidalgo de Linhagem, e por usança haviaõ entãõ a quantia, que agora chamaõ maravediz, darse no berço logo que o filho do Fidalgo nascia, e não a outro algum.

Este Rey accrescentou muito nas quantias dos Fidalgos depois da morte delRey seu pay, porque não embargando que ElRey Dom Affonso fosse comprido de ardimiento em muitas bondades, chamãraõ-no porèm descaço, e apertamento de grandeza; (foy notado de apertado de mãos.) E ElRey D. Pedro era muito liberal, e alegre

gre em dar de sorte que muitas vezes dizia que lhe afrouxassem o sinto, que entã usavaõ muito apertado, para que se lhe alargasse o corpo para mais facilmente poder dar, dizendo: *Que o dia em que o Rey não dava alguma cousa, não havia de ser havido por tal.* Era ajuda de bom desembargo aos que lhe requeriaõ bem, e mercè, e tal ordenança tinha nisto, que nenhum era detido em sua Casa por cousa, que lhe requerece. Amava a Justiça, e era muito amigo de a fazer com direito; e assim, como quem faz correiaõ, andava pelo Reyno, ouvindo os queixos, e despachando os requerentes; e visitada huma parte não lhe

esquecia de hir logo ver outra, de forte que poucas vezes acabava hum mez em cada lugar de estada.

Foy muito mantedor de suas Leys, e grande executor de suas sentenças julgadas, cuidava muito quanto podia de as gentes não serem gastadas por azo de demandas, e prolongados preitos; e se a Escritura affirma que por o Rey não fazer justiça vem as tempestades, e tribulações sobre o povo, não se póde assim dizer deste; porque não achamos em quanto reynou que a nenhum perdoasse morte de alguma pessoa, nem que a merecesse por outra via, nem lha mudasse em tal pena, porque pudesse escapar a vida, a toda a gente

te

te era galardoador dos serviços, que lhe fizessem, e não só dos que lhe faziaõ a elle, mas dos que haviaõ feito a seu pay, e nunca tolleo nenhuma cousa, que seu pay lhe dêsse, mas mantinha-a, e acrescentava em ella.

Este Rey não quiz mais cazar depois da morte de Dona Ignez, em quanto foy Infante, nem depois que reynou lhe aprouve receber mulher; mas houve amigas, com que dormio, e de nenhuma teve filhos, salvo de huma Dóna natural de Galiza, que chamavaõ Dona Tareija Lourenço, que pario d'elle hum filho, que houve nome D. Joaõ, que foy Mestre d'Aviz em Portugal, e depois Rey, como

adi-

adiante ouvireis * o qual nasceo em Lisboa a onze dias do mez de Abril às tres horas depois do meyo dia no primeiro anno do seu reynado, e mandou-o El Rey criar em quanto foy pequeno a Lourenço Martins da Praça, hum dos honrados Cidadãos dessa Cidade, que morava junto com a Igreja Catredal, e chamaõ a Praça dos Canos, e depois o deu, para que o criasse, a Dom Nuno Freyre de Andrade, Mestre da Cavallaria da Ordem de Christo.

CAPITULO II.

*Como ElRey de Castella mandou
buscar o Corpo da Rainha Dona
Maria sua mãy, que estava em
Portugal, e da Carta, que en-
viou a ElRey de Portugal seu tio.*

EM esta cezaõ que ElRey Dom
Pedro começou de reynar,
ordenou ElRey de Castella de en-
viar por o corpo da Rainha Dona
Maria, sua mãy, que faleceo em
Portugal, vivendo ainda ElRey
D. Affonso seu pay, como em al-
guns lugares deste Livro fiz men-
çaõ, * e fez saber por sua carta a
ElRey D. Pedro, seu tio, como
tinha vontade de a tresladar para
a pôr

a pôr em Sevilha na Capella dos Reys com El Rey D. Affonso, seu pay, e ordenou para hirem com o corpo da Rainha, o Arcebispo de Sevilha, e outros Prelados de seu Reyno, e dahi mandar diante para aparelhar todas as cousas, que convinhaõ para o corpo hir honradamente, Gomes Pires, seu Despenseiro Môr. O qual corpo havia de ser entregue para ordenar tudo o que fosse necessario à sua tresladação, e se partissem logo.

A El Rey Dom Pedro aprouve muito disto, e escreveo-lhe que mandasse por elle quando por bem tivesse. E El Rey de Castella enviou logo aquelle seu Dispenseiro, e foy-

e foy-lhe entregue o corpo da Rainha na Cidade de Evora, onde jazia, para ordenar os seus aviamentos, segundo a ordem, que lhe era dada; e quando o Arcebispo, e os outros Prelados, e gentes vieraõ pelo corpo da Rainha, trouxeraõ a El Rey D. Pedro huma carta del Rey de Castella, seu sobrinho, que dizia desta maneira.

Rey Tio nós El Rey de Castella, e de Liaõ vos enviamos muito saudar, como àquelle, que muito prezamos, e para que queriamos tanta vida, e saude com honra, como para nós mesmo. Rey fazemos-vos saber que vimos huma carta vossa de crença, que nos enviastes por Martin Vasques, e Gonçalo Arnes de Beja,

Beja, vossos vassallos, e differaõ-
nos da vossa parte a crença, que lhe
mandastes, e Rey tio nossa tençaõ he
de vos amar, e guardar sempre os
bons dividos, que entre nós havemos,
e fazer sempre por vossa honra, co-
mo por a nossa mesma, e por quan-
to a nosso serviço, e vosso cumpra:
haverem de ser declaradas algumas
cousas contheudas nas posturas, que
entre nós havemos de pôr, assim so-
bre cazamentos de nossas filhas com
vossos filhos, nós falámos com o ditto
Martim Vasques, e Gonçalo Annes
toda nossa tençaõ, e enviamos là so-
bre isto Joaõ Fernandes de Melga-
rio, Chançarel do nosso sello da Pu-
ridade, e rogamos-vos, que o creaes
do que de nossa parte vos disser; e

outro

outro fim enviamos para trazer o corpo da Rainha nossa mãy, para a enterrar aqui em Sevilha, ao Arcebispo desta Cidade, e outros Prelados de nossos Reynos, e rogamos-vos que essas joyas, que ella deixou que as mandeis dar ao ditto João Fernandes, e nós agradecer-volo-emos.
Dante, &c.

El Rey D. Pedro fez entregár o corpo da Rainha Dona Maria, sua irmã àquelle Embayxador del Rey de Castella, e foy-lhe feita grande honra assim por El Rey, como pelos Prelados, que por elle vinhaõ, e foy muito acompanhada até o estremo, e dahi até a Cidade de Sevilha; e sahio El Rey, seu filho, ao receber com muita
Cle-

Cleresia, e grandes Senhores, e Fidalgos, que hi eraõ com El Rey; e feitas suas Exequias muy honradamente foy posto o seu corpo na Capella dos Reys junto del Rey D. Affonso seu marido, onde ora jaz.

E sobre os cazamentos dos filhos del Rey D. Pedro com as filhas del Rey de Castella, porque Joã Fernandes era enviado, forã faladas muitas cousas com El Rey de Portugal, e não se acordando por estaõ em alguma dellas, depois ajustãraõ todas suas ayenças, como ao diante ouvireis.

CA-

CAPITULO III.

Das cartas, que o Papa, e ElRey de Aragaõ enviáraõ a ElRey de Portugal, sobre a morte delRey, seu pay.

ELRey D. Pedro escrevêra ao Papa, e a ElRey de Aragaõ por novas quando ElRey D. Afonso morreo, como seu pay era morto, e elle alçado por Rey de Portugal, e tendo cada hum cuidado de lhe responder, chegáraõ-lhe nesta occasiã suas repostas; e a letra do Papa dizia assim: *Innocencio Bispo servo dos servos de Deos, ao muito amado em Christo filho D. Pedro, muy nobre Rey de Portugal*
saude,

saude , e apostolical benção : por quanto muito amado filho , por vossas letras , e fama fomos certificados como o muy claro de nobre memoria ElRey D. Affonso , vosso pay, se finou deste Mundo , sua morte foy a nós , e he muy grande nojo , e tristeza , e não sem razão o devemos ser quando em nosso coração cuidamos nas bondades , e virtudes de que sua Real Alteza fora muito ennobrecido , e por cuja razão o amavamos muito , dezejando-lhe que entre todos os Principes do Mundo o Senhor o accrescentasse , e estendesse seu Real Estado com prolongamento de bemaventurados dias , nos quaes acabando sua honrada velhice , a vós seu primogenito filho deixasse o regimento,

mento, e successão dos Reynos em firme concordia com vossos vezinhos; e pois assim he que o Senhor Deos, em cuja mão está o poderio de a cada hum dar vida, e morte, lhe aprouve de piadosamente o levar deste Mundo, nós pomos fim, e acabamento à nossa dor, e tristeza, consolando-nos em este Senhor, que dá, priva, e tolhe quando quer que lhe praz, em o qual havemos firme esperança, que nos altos Ceos dará bom galardão, e gloria à alma del-Rey vosso pay, pois em quanto neste Mundo viveo trabalhou muito em seu serviço com obras de merecimentos, e lhe agradou com dignas virtudes. E assim muito amado filho piadosamente vos aconselhamos, que vos

consoleis no Senhor Deos , e conformeis com sua santa vontade , considerando como succedeis no Regimento de vosso pay , o qual por exemplo de vida se mostrou sempre ser fiel Catholico ; porèm requeremos a vossa real clareza que sempre com firme dezejo vivais em temor do Senhor Deos , honrando a sua santa Igreja, e sendo favoravel às Ecclesiasticas pessoas , as mantenhaes sempre em seus direitos , e liberdades, e que sejais amator , e defensor das viúvas, e dos orfaõs, alçando os aggravos aos vossos subditos , e lbe não seja feita injuria , e que sem recebimento de alguma pessoa sempre sejais honrador , e amator da Justiça de modo que por vossas obras dignamente sejais

jais chamado por nome de Rey, que bem rege, e sede certo, que se assim o fizeres que sempre em vossos dias vivereis em paz, e descanso, tendo Deos em vossa ajuda, e a sua Santa Igreja vos haverà em sua encomenda, estando prestes para toda vossa honra, e cumprimento de justas petições. Dada em Avinhão, &c.

Em outra carta del Rey de Aragoã eraõ contheudas estas razões.

Muito alto, e nobre D. Pedro pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, D. Pedro por essa mesma graça Rey de Aragoã, e de Valença, e de Mayorgas, e de Cerdenha, e de Corsega, e Conde de Barcelona, e de Rocelhaõ, saude como a Rey, que temos em lugar de

irmão, e muito amamos, e prezamos, e de que muito fiamos, e para quem queriamos muita honra, e boa ventura com tanta vida, e saude como para nós mesmo; Rey, e irmão recebemos vossa letra, pela qual nos significastes a morte do muito alto, e muy honrado ElRey D. Affonso de Portugal, vosso pay, a que Deos perdoe, e por essa mesma nos fizestes saber como vós assim como seu primogenito, e herdeiro dos dittos Reynos, erades levantado por Rey de Portugal; das quaes novas em verdade Rey, e irmão, tivemos desgosto, e prazer juntamente; desgosto pela morte do ditto Rey, o qual sabiamos que nos amava como seu filho, e nós a elle como nosso muito ama-

amado pay; mas como da morte nenhuma pessoa esteja izenta, e o ditto Rey seja sabido da miseria deste Mundo, doendo-nos della, se por nós alguma cousa pudesse ser feita, muito prestes estavamos para o fazermos, porém rogaremos a Deos, em cuja mão está a vida, e morte de cada hum, que receba sua alma com os seus Santos no Paraizo, fiando nelle, que assim o effeitue.

Prazer outro sim bouvemos muy grande, Rey irmão, quando soubermos que ereis alçado em Rey de Portugal, e do Algarve, pela successão herdeira a vós por direito pertencente; e querendo saber que assim como nós entendemos, e tinhamos o ditto Rey em conta de pay, assim enten-

demos de ter a vós em conta de nosso irmão, e fazer por vós toda a cousa, que seja honra, e prazer vosso, e proveito de vosso senhorio, esperando certamente de vós que fareis semelhante por nós, e por nossos Reynos, e terras; e por quanto irmão Rey, segundo he contheudo em vossa letra, vós dezejais saber o bom estado de nossa pessoa, e da Rainha, e de nossos filhos, a prazer vosso vos significamos que somos todos saõs, e em boa disposição de nossas pessoas mercès a Deos, rogando-vos muy caramente que de vosso bom estado, e Real Caza nos certifiqueis por vossa carta, e sede certo, que nos dareis com isso grande prazer. Dante em C, aragoça, &c.

CAPITULO IV.

*Da maneira que ElRey D. Pedro
tinha nos dezembargos de sua
Caza.*

POis deste Rey achamos escri-
to, * que era muy amado de
seu Povo, porque o mantinha em
direito, e Justiça; deshi boa go-
vernança, que em si tinha, bem
he que digamos de cada cousa hum
pouco, para que vejaes parte dos
modos antigos. Na ordenança de
todo los dezembargos tinha ElRey
esta maneira. Quantas petiçoens
lhe a elle davaõ, hiaõ à mão de
Gonçalo Vasques de Goes, Escri-
vaõ da Puridade, e elle as dava a
hum

hum Escrivaõ, qual lhe parecia, o qual tinha encargo de as repartir, e dar cada huma aos Dezembar-gadores a quem pertenciaõ, e as petições, que eraõ desembargos do commum curso, àquelles por quem haviaõ de passar, mandava logo fazer as Cartas a seus Escri-vães, de sorte que naquelle dia, ou no outro seguinte eraõ as partes despachadas; e o Escrivaõ, que assim o não fazia, perdia a mercè delRey por isso: as outras peti-ções, que eraõ de graça, e mercè que pertenciaõ à sua fazenda, fa-zia-as por hum dos Veadores em ementa a seu Escrivaõ, e este Es-crivaõ por sua mão o fazia em hũ escrito, ou lista das petições, que
assim

assim levava, cujas eraõ, e de que
couza constavaõ ; e este escrito fi-
cava na mão do Dezembargador,
e quando depois as despachava
com ElRey, se achava mais peti-
ções postas na emmenta, que a-
quellas que elle lhe mandára pôr,
visto o escrito, que em seu poder
ficava, por tal erro perdia a mer-
cè delle Rey ; e como aquella em-
menta era despachada com El-
Rey, diziaõ os Dezembargadores
a cada huma pessoa a mercè, que
ElRey lhe fazia, e mandavaõ a
seus Escrivães, que lhe fizessem
logo as Cartas, e neste dia haviaõ
de ser feitas, ou no outro seguinte
o mais tardar, sobpena do que
dissemos.

E se

E se ahi havia taes pertençaes, que andavaõ mais apoz El Rey apertando-o com outras petições depois, que haviaõ despacho de fim, ou de não, ou moravaõ mais tempo na Corte, se era Fidalgo pagava certa pena de dinheiro, e se pessoa ordinaria, davaõ-lhe vinte açoutes na praça publica, e mandavaõ-no para sua caza. E trazia El Rey incúlcas que lhe soubessem parte de taes homens por se cumprir, e executar nelles sua ordenação, por El Rey não ser enojado de ver duas vezes as mercès, que fazia, huma por emmentas, e outra por Cartas; e por aquelles, que o requeriaõ haverem mais brevemente o seu despacho fazia-se

se desta maneira : quando ElRey outorgava algumas mercês a alguem , os que lhe haviaõ de dar despacho escreviaõ logo na emmenta perante ElRey a maneira como lhas dava , e em cada hum despacho punha ElRey seu final, e o Chançarel estava presente, quando podia , para ver como as ElRey despachava , e tanto que os Dezembargadores tinhaõ as Cartas feitas , e assinadas mandavaõ-nas ao Chançarel com o rol da emmenta, que ElRey assinára por não pôr duvida em algũas dellas, e logo nesse dia haviaõ de ser selladas , ou no outro atè o jantar.

E se ElRey hia ao monte , ou caça, em que andasse mais de quatro

tro

tro dias, para que ninguem fosse detido esperando por elle, junta-vão-se os que tinhaõ as petições das graças, e viaõ aquillo, que cada hum pedia, e se lhe parecia que não era bem de lho El Rey fazer, escreviaõ-lhe pelo miudo por qual razão; e as que viaõ, que devia outorgar, punhaõ-lhe isso mesmo porque, e affinavaõ todos a emmentia, e a levava hum delles a El Rey por lhe dizer a razão que os movêra a fazer, ou não cada huma daquellas cousas. E desta sorte haviaõ as gentes bom despacho, e desembargo, e El Rey não era taõ molestado com o trabalho dos requerimentos.

E se alguns Conselhos haviaõ
de

de arrecadar com elle, mandava-
lhes que enviassem em escrito sel-
lado, e fechado por hum Portei-
ro, tudo o que haviaõ mister, e
logo ElRey taxava, que houvesse
por dia quatro soldos, e mais não.
ElRey visto o que lhe pediaõ li-
vrava-o logo sem outra detença
como achava que era direito, e se
tal cousa era que cumpria de esse
conselho enviar a elle alguns bons
homens, e entendidos, mandava
ElRey que não enviassem mais de
hum por fazer ao Conselho mais
pouca despeza, e mandava, que
tal como este não houvesse por dia
mais de vinte soldos.

CAPITULO V.

De algumas cousas , que El Rey D. Pedro ordenou por bem de Justiça, e em favor do seu Povo.

Assim como este Rey D. Pedro era amator de apressada Justiça naquelles que se conhecia que o mereciaõ , assim trabalhava que os feitos civeis não fossem prolongados , guardando a cada hum seu direito compridamente; e porque achou que os Procuradores prolongavaõ os feitos como não deviaõ , e davaõ occasiaõ de haver hi maliciosas demandas , e o peyor , e muito de estranhar he que levavaõ de ambas as partes ,
aju-

ajudando hum contra outro, mandou que em sua casa, e todo o seu Reyno não houvesse advogados alguns; * e encomendou aos Juizes, e Ouvidores que não fossem mais em favor de huma parte, que da outra, nem se movessem por alguma cobiça a tomar serviços alguns para que a Justiça não fosse vendida; mas que se trabalhassem, e puzessem todo o cuidado de ver logo os feitos, de sorte que brevemente, e com direito fossem desembargados, e despachados como convinha, e sabendo, que eraõ a isso negligentes que lho estranharia nos corpos, e haveres, e lhes faria pagar às partes todas as perdas, e dannos, que por isso houvessem.

E

E isto assim ordenado, soube El Rey dahi a pouco tempo, que hum seu Dezembargador, de que elle muito fiava, chamado por nome Mestre Gonçalo das Decretaes, levára peita de hũa das partes, que perante elle andavaõ com causas, pela qual julgou, e deu sentença; sabendo El Rey isto teve muito grande pezar, e deitou-o logo fóra da sua graça, e cargo para sempre, e degradou a elle, e aos filhos a dez legoas fóra da Corte, e arredado do lugar, onde quer que elle estivesse; porèm diziaõ todos os que isto viraõ, que aquelle, de que elle levára a peita tinha direito naquelle ple yto.

Entaõ ordenou El Rey, e poz
de-

defeza em sua Caza, e em todo seu senhorio que nenhum que tivesse cargo de fazer justiça tomasse peita algũa dos que trouxessem pleytos perante elles, e se lhe fosse provado que a tomavaõ, que não morresse, porém que perdesse o cargo, e os bens para a Coroa do Reyno, e fosse degradado; e se taes Juizes, e Officiaes tomassem serviços de quaesquer outros, que perante elles não houvessem feitos, que perdessem o cargo, salvo se fosse de homem que não tivesse demanda em todo seu senhorio, que a dar poderia ser achado. E mandou ao Corregedor da Corte, e Ouvidores que não conhecessem de feitos alguns, salvo se fossem
entre

entre taes peffoas, de que os Juizes das terras não podessem fazer direito, senão quando lhe viessem por appellação, ou aggravo.

E sabendo outro si ElRey como alguns, que eraõ cazados deixavaõ suas mulheres, e filhos, que tinhaõ, e tomavaõ mancebas, com que à parte faziaõ vivenda; e outros taes, que com suas mulheres as tinhaõ juntamente em caza, mandou, e poz por Ley, q̄ qualquer homem cazado, que com manceba vivesse, ou a tivesse dentro em sua caza, se fosse Fidalgo, ou Vassallo, que delle, ou doutrem tivesse maravediz, que os perdesse, e segundo os estados das peffoas assim ordenou as penas do dinheiro,

ro, e degredo até mandar que publicamente à terceira vez elles, e ellas fossem por isto açoutados, e quando diziaõ a ElRey que se agravavaõ muitos de tal ordenança como esta, respondia elle: *Que assim o entendia por serviço de Deos, e seu bem delles todos.* E esta ordenança mesma, e penas poz nas mulheres, que fossem mancebas de Clerigos de Ordens Sacras, e defendeo, e mandou em Lisboa que nenhuma mulher de qualquer estado que fosse, não entrasse dentro no arrebalde dos Mouros de dia, nem de noite sobpena de ser enforcada; e mandou que qualquer Judeo, ou Mouro, que depois de Sol posto fosse achado pela

Cidade, que com pregão publicamente fosse açoutado por ella.

E falando ElRey hum dia nos feitos de Justiça, disse: *Que sua vontade era, e fora sempre de manter os povos de seu Reyno em ella, e estremadamente fazer direito de si mesmo; e por quanto elle sentia, que o mayor agravo, que elle em seus feitos, e outros alguns de seu Senhorio faziaõ aos Povos de sua terra, assim era em o tomar de mantimentos por preço mais baixo, do que se vendiaõ, que porèm elle mandava, que nenhum de sua Caza, nem da do Infante D. Fernando, nem doutro algum, que em seu serviço, e Reynos vivesse, que carregotivesse de tomar baver, que não tomasse galinhas, nem patos,*

*patos , nem cabritos , nem leitoens ,
nem outras algũas cousas acostuma-
das de tomar , senaõ compradas por
dinheiro à vontade de seu dono.*

E sobre isto poz pena de pri-
zaõ , e dinheiros às honradas pes-
soas ; e aos ganhõès , e pessoas viz
açoutados pelo lugar , onde as to-
massem , e degradados dos seus
serviços , e cargos. E mandou mais
aos Estribeiros seus , e de seus fi-
lhos , e a todos de sua terra , que
nãõ mandassem a nenhum lugar
por palha , salvo se a houvesse de
haver de foro ; mas que pelo Aze-
mel , que fosse por ella mandasse
pagar pela carga cavallar de pa-
lha , ou de restolho empalhado
tres soldos , e pela carga a snal dous ;

e o Azemel , que por ella fosse , e assim a não pagasse , que pela primeira vez fosse açoutado, e cortadas as orelhas; e pela segunda fosse enforcado ; e outra tal pena mandava dar ao Lavrador , que não empalhasse toda a palha , que houvesse. E quando lhe diziaõ, que punha grandes penas para muy pequenos excessos , dava resposta, dizendo assim : *Que a pena, que os homens mais receavaõ era a morte, que se por esta se não desviassem de fazer mal, que às outras davaõ passada , e que boa cousa era enforçar hum , ou dous , para que todos os outros tomassem medo, e se emmendassem , e que assim o entendia por serviço de Deos , e bem de seu Povo. E*
assim

assim tambem reformou as medidas do pão de todo Portugal , e os pesos , e ordenou outras cousas para bom regimento, e proveito de sua terra , das quaes não fazemos mais largo processo por não sabermos se enfastiarão a quem as ouvir.

CAPITULO VI.

Como ElRey mandou degolar dous criados seus por roubarem , e matarem hum Judeo.

E Ste Rey D. Pedro em quanto viveo usou muito de justiça sem afeição , ou exceição de pessoas, tendo tal igualdade em fazer direito , que a ninguem perdoava

os erros, que fazia por criação; nem bem querença, (ou afeição) que com elle houvesse; e se dizem que aquelle he bemaventurado Rey, que por si esquadrinha os males, e forças, que se fazem aos pobres, bem he este do conto dos taes, porque elle era lédo de os ouvir, e folgava de lhes fazer direito, de sorte que todos viviaõ em paz; era além disto taõ zeloso de fazer justiça especialmẽte dos que eraõ travessõs, que perante si os mandava meter a tormento, e se confessar não queriaõ, elle se despia de seus Reaes pannos, e por sua mãõ açoutava os malfeitores; e posto que disso muito se admiravaõ, e o estranhavaõ seus Confe-
lheiros,

lheiros, e outras muitas pessoas, anojava-se de os ouvir, e não o podiaõ retirar disso de nenhuma forte.

Nenhum feito crime mandava que se despachasse sem elle estar presente, e se tinha noticia de alguns ladrões, ou malfeitores, que andassem muito distantes donde elle estava, chamava a algum dos seus (Officiaes) de que se fiava, e o mandava a prendellos, prometendo-lhe mercès por lhos ir buscar, e ordenava-lhe, que não voltasse à sua presença sem elles; e assim lhos apresentavaõ onde quer que se achava, e da meza se levantava, se chegavaõ a tempo, que elle estivesse comendo, por os fa-

zer

zer logo meter a tormento, elle mesino punha em elles as mãos, quando via que não queriaõ confessar, ferindo-os cruelmente até que confessavaõ. A todo o lugar, onde ElRey hia sempre acharieis prestes com hum açoute aquelle, que de tal officio tinha cargo, * de forte que como a ElRey traziaõ homem malfeitor, dizia elle: *Chamem-me Fuaõ que traga o açoute.* Logo elle estava prompto sem dilação. E pois que escrevemos, que foy justioso por fazer direito em reger seu Povo, bem he que ouçais dous, ou tres casos para exemplo, e mostra, do que nisto observava.

Succedeo, pois, que pousando elle nos Paços de Bellas, (Ter-

mo de Lisboa) que elle mesmo fizera, dous seus Escudeiros, que graõ tempo havia que com elle viviaõ, sendo ambos companheiros houveraõ conselho, que fossem roubar hum Judeo, que pelos povos andava vendendo especiaria, e outras cousas, e foy assim de feito que foraõ buscar aquella certa preza, e roubáraõ-no de tudo, e o peyor disto he que foy morto por elles; porèm sua ventura, que lhes foy contraria, azou de tal sorte que foraõ logo prezos, e trazidos a ElRey alli, onde pousava, ElRey como os vio tomou grande prazer por serem colhidos, e começou de lhes perguntar, como fora aquella caso; e elles cuidando que
a lon-

a longa criação, e serviço, que lhe feito haviaõ, o demovesse a ter algum geito, (ou fórma) com elles, não tal como tinha com outras pessoas, começáraõ de negar, dizendo: *Que de tal cousa não sabiaõ parte.*

Elle, que sabia já de que modo fora, disse: *Que não havia porque mais negar, que ou confessassem como o matáraõ, ou senaõ que a poder de crueis açoutes lhe faria dizer a verdade.* Elles, vendo que negando, ElRey queria pôr em obra o que de palavra lhes dizia, confessáraõ tudo assim como sucedera. E ElRey sorrindo-se disse-lhes: *Que fizeraõ bem, que pois queriaõ tomar officio de ladrões, e matar ho-*
mens

mens pelos caminhos, de se ensinarem primeiro nos Judeos, e depois virião aos Christãos. E dizendo estas, e outras palavras passeava perante elles de huma parte para outra, e parece que lembrando-lhe a criação, que nelles fizera, e como os queria mandar matar, vinhaõ-lhe as lagrimas aos olhos por vezes, depois tornava asperamente contra elles reprimendo-os muito do que feito haviaõ; e assim andou por hum grande espasso.

Os que ahi estavaõ, que viaõ isto, suspeitando mal de suas razões, porfiavaõ muito em lhe pedir mercè, e perdaõ para elles, dizendo: *Que por hum Judeo tratante, e vil, não era razaõ que morressem*

sem taes homens, e que bem era melhor de os castigar com degredo, ou com outra alguma pena; mas não mostrar contra aquelles, que criára, pelo primeiro erro, tão grande crueza. El Rey ouvindo todos, respondia sempre, que dos Judeos virião depois aos Christãos. Em fim destas, e outras razões mandou, que os degolassem; e assim foy feito.

C A P I T U L O VII.

Como El Rey quizera meter hum Bispo a tormento porque dormira com hũa molher cazada.

NAõ sómente usava El Rey D. Pedro de justiça contra aquelles, que razaõ tinha, assim como

como leigos, e semelhantes pessoas, mas assim ardia o coração d'elle de fazer justiça dos máos, que não queria guardar sua jurisdicção aos Clerigos tanto de Ordens menores, como de Sacras, e se lhe pediaõ que os mandasse entregar ao seu Vigario, respondia: *Que os puzessem na forca, e que assim os entregassem a JESUS Christo, que era seu Vigario, que fizesse delles direito no outro Mundo.* Elle por sua mão os queria punir, e atormentar, assim como quizera fazer a hum Bispo do Porto, na manci-
ra, que vos contaremos.

Certo foy, e não ponhaes duvida, que ElRey partindo Dentre Douro, e Minho por ver a Cidade
do

do Porto , foy informado que o Bispo defte lugar, que entaõ tinha graõ fama de fazenda, e honra, dormia com hũa mulher de hum Cidadãõ dos bons, que havia na dita Cidade, e que elle não era oufado de attentar por ifto com ef-pantos de ameaços de morte que o Bispo lhe mandava fazer. E El-Rey quando ifto ouvio por saber de que sorte era, não via o dia, que fosse ter com elle para lho haver de perguntar, e logo sem muita demora depois que chegou ao lugar, e houve comido, mandou dizer ao Bispo que fosse ao Paço, que o havia mister para cousa de feu serviço, e antes que chegasse falou com os seus Porteiros, e lhes ob disse

disse que depois que o Bispo entrasse na Camera lançassem todos fóra do Paço ; assim os do Bispo, como quaesquer outros, e que ainda que alguns do Conselho viessem , que não deixassem entrar algum dentro ; mas que lhes dissessem , que se fossem para as pouçadas ; porque elle tinha de fazer huma cousa , em que não queria ; que elles fossem presentes.

E o Bispo como veyo entrou na Camera , onde ElRey estava, e os Porteiros fizeraõ logo sahir todos os seus , e os outros , de sorte, que no Paço não ficou pessoa alguma , e foy despejado de toda a gente, e ElRey como se vio só com o Bispo, despio-se logo , e ficou
em

em huma faya descarlata , e por sua maõ tirou ao Bispo todas suas vestiduras, e começou de o requerer que lhe confessasse a verdade daquelle maleficio , em que assim era culpado , e dizendo-lhe isto tinha na maõ hum grande açoute para o brandir com elle.

Os criados do Bispo quando na entrada viraõ que os deitavaõ fóra , e assim mesmo os outros todos , e que nenhum ousava lá entrar , pelo que sabiaõ que o Bispo fazia, deshi juntando a isto a condiçaõ delRey , e a maneira , que em taes feitos tinha , logo suspei-táraõ, que ElRey lhe queria jugar dalgum máo jogo ; e foraõ-se com muita pressa ao Conde velho , e

ao Mestre de Christos D. Nuno Freyre, e a outros Privados de seu Conselho, que acudissem com pressa ao Bispo, os quaes logo vierão com muita pressa a ElRey, e não ousáraõ a entrar na Camera pela defeza, que ElRey tinha posta, senão fora Gonçalo Vasques de Goes, seu Escrivaõ da Puridade, que disse que queria entrar para lhe mostrar Cartas, que sobrevieraõ delRey de Castella com graõ pressa, e por tal azo, e fingimento houveraõ entrada dentro na Camera, e acháraõ ElRey com o Bispo em razões da sorte, que havemos ditto, e não lho podiaõ já tirar das mãos, e começáraõ de dizer, que fosse sua mercè de não

pôr mão em elle, porque por tal acção, não lhe guardando sua jurisdicção, haveria o Papa fanha delle; de mais que o seu Povo lhe chamava algoz, que por sua pessoa justicava os homens, o que não convinha a elle de fazer (por sua pessoa) por muito malfeitores, que fossem, (pois tinha Officiaes, e pessoas por quem o mandar fazer.) Com estas, e outras taes razões abrandou ElRey de sua brava fanha, e o Bispo se apartou de diante delle com semblante triste, e torvado coração.

CAPITULO VIII.

*Como ElRey mandou capar hum seu
Escudeiro porque dormio com
huma mulher cazada.*

ERa ainda além disto ElRey D. Pedro muito cioso, (e zeloso da honra) assim de mulheres de sua Caza, como de seus Officiaes, e das outras todas do povo, e fazia grandes justiças em quaesquer homens que dormiaõ com mulheres cazadas, ou virgens; e isso mesmo com Freiras de Ordem. Succedeo, pois, que em sua Caza havia hum Corregedor da Corte, a que chamavaõ Lourenço Gonçalves, homem bem entendido,

e arrefoado cõmpridor de todas as coufas , que lhe ElRey mandava fazer , e não corrompido por nenhuns falsos offercimentos que tresmudaõ os juizos dos homens; e porque ElRey o achava leal , e muy verdadeiro fiava delle muito, e queria-lhe grande bem; e era este Corregedor muito honrado de sua caza, e estado, e muito afavel, e de boa conversação , era entãõ de meya idade , e sua mulher era chamada Catherina Toce , fermosa, engraçada, briosa, e muito perfeita, e adornada de todas as boas partes, e bem inclinada.

Neste tempo vivia com ElRey hum bom Escudeiro , que era ainda muito moço , homem mancebo

bo de qualidade , e naquelle tempo adornado de muitas , e affinaladas partes , e bondades , porque era grande Justador , e Cavalleiro , grande Monteiro , e Caçador , Lutador , e Travador de grandes ligeirices , e de toda las inclinações que se requerem em hum perfeito Varaõ , chamado por nome Afonso Madeira , por a qual razaõ ElRey o amava muito , e lhe fazia muy grandes mercès.

Este Escudeiro se veyo a namorar de Catherina Toce , e mal cuidados os perigos ; que lhe podiaõ vir de tal feito , taõ ardentemente se lançou a lhe querer bem , que não podia perder della vista , e desejo , assim era traspassado de seu amor;

amor ; mas porque lugar , e tempo não occuriaõ para lhe falar , como elle queria , e por tal azo de a requerer a miudo de seus deshonestos amores , firmou com o Aposentador taõ grande amisade , que para onde quer que ElRey partia , ou fosse Villa , ou qualquer Aldea , sempre Affonso Madeira havia de ser aposentado junto , ou muito perto do Corregedor ; e havia já tempo que durava este aposentamento sempre junto hum do outro , tendo bom geito , e conversação com seu marido por carecer de toda suspeita. Affonso Madeira tangia , e cantava , além da sua postura , e boas partes já recontadas , de sorte que por via de tal vi-

fi-

finhança, e amifade com larga af-
feiçãõ, e fallas a miudo, se gerou
entre elles tal fructo, que veyo elle
ao conseguinto dos feus pro-
longados dezejos.

E porque semelhante feito não
he da geraçãõ das coufas, que se
muito encobrem, houve ElRey
de saber parte de toda esta tratada,
e não teve diſſo menos ſentimen-
to, que ſe ella foſſe ſua molher, ou
filha; e como quer que o ElRey
muito amaſſe mais do que ſe põde
encarecer, poſto de parte todo o
bem querer, e amor, mandou-o
tomar em ſua Camera, e mandou-
lhe cortar aquelles membros, que
os homens em mais preço, e eſti-
ma tem, de forte que não lhe fi-
cou

ficou carne até os ossos, que toda não fosse fóra; e cuidando que morresse disto, curáraõ delle, e Affonso Madeira farou, e engroçou em pernas, e em corpo, e viveo alguns annos engelhado do rosto, e sem barbas, e morreo depois de doença natural.

C A P I T U L O IX.

Como ElRey mandou queimar a mulher de Affonso Andrè, e de outras justiças, que mandou fazer.

Quem ouvio semelhante justiça, à que ElRey fez na mulher de Affonso Andrè, Mercador honrado, morador em Lisboa, que andando justando na

Rua

Rua Nova , como era costume quando os Reys vinhaõ às Cidades , que os Mercadores , e Cidadãos justavaõ com os da Corte por festa (em aplauso da sua vinda) estando ElRey presente, e havendo informaçaõ certa, que sua mulher lhe fazia traiçaõ, e maldade, entendeo que entaõ era tempo, (e occasiaõ muy propria) de a achar, e colher na obra (do adulterio,) e por inculcas muito secretamente foy ella tomado no feito cõ quem a culpavaõ , e mandou-lha queimar, e degolar a elle ! E o marido continuando a Justa , quando cessou soube deste successo , e foy-se a ElRey por se queixar do que lhe feito havia ; e ElRey tanto que o
vio,

vio, antes que lhe falasse, pediu-lhe alviçaras do que lhe mandára fazer em sua mulher, dizendo, que já o tinha vingado da aleivosa de sua mulher, e daquelle que o injuriava, adulterando com ella, e que melhor sabia elle Rey quem ella era, que elle mesmo Mercador, seu marido, com que cessou de sua paixãõ. (Em memoria deste caso mandou El Rey retratar os dous agressores nas columnas da mesma rua, onde ainda hoje perseveraõ suas cabeças de meyo relevo na pedra defronte do Chafariz dos cavallos.)

Que diremos de Maria Roufada, mulher cazada com seu marido, que dormira com ella por for-

ça antes de a receber por mulher ,
ao que entãõ chamavaõ , *Roufar* ,
e depois *Forçar* , por a qual couza
elle merecia morte se ella lhe não
perdoasse. E tendo já della filhos,
viviaõ ambos muito contentes , e
em grande bem querença , e ou-
vindo-a ElRey chamar por tal no-
me , perguntou porque lho cha-
mavaõ? E soube da sorte como tu-
do fora , e que se avieraõ que ca-
zassem ambos por tal feito não vir
mais a publico. ElRey por cum-
prir justiça mandou-o logo enfor-
car , e hia a mulher , e os filhos
carpindo atraz d'elle com grande
lastimança , mas não lhe valeo.
(Dizem que isto succedeo no Ter-
mo de Lisboa, no Lugar de Bemfi-
ca,

ca, e que dizendo os que acompa-
nhavaõ a ElRey, que a mulher fi-
cava mal, respondéra ElRey:
Bem fica. E cazando-a depois com
outro lhe deu com que passar; e
que celebrando-se a acção delRey
ficára este nome ao Lugar, que
dantes tinha outro, porque as pa-
lavras dos Principes, ditas com dis-
crição, ficaõ em Proverbios, e quasi
em Leys, e Ordenações.)

Estando ElRey em Braga, a ro-
go de quantos com elle andavaõ
para que pudesse escapar a vida a
Alvaro Rodrigues de Granada,
que era hum dos bons Escudeiros
de Entre Douro, e Minho, e bem
aparentado, porque cortou os ar-
cos de huma cuba de vinho a hum
pobre

pobre Lavrador, que lhe logo El-Rey não mandou cortar a cabeça tanto que o soube. E porque hum seu Escrivão do Thesouro recebeu onze libras e meya sem o Thesoureiro, mandou-o enforcar, que lhe não pode valer o Conde, nem Briatis Dias, manceba delRey, nem outro algum; e foraõ naquelle dia com estes dous, onze mortos por Justiça entre ladrões, e outros malfeitores.

Não fique por dizer de hum bom Escudeiro, sobrinho de João Lourenço Bupal, Privado delRey, e do seu Conselho, Alcayde Môr de Lisboa, o qual Escudeiro vivia em Aviz, honradamente, e bem acompanhado, e foy a sua caza
por

por mandado do Juiz hum Porteiro, para o penhorar, e elle (tendo-se por injuriado) por cumprir vontade, (e executar sua paixãõ) depenhou-lhe a barba, e deu-lhe hũa punhada, e o Porteiro veyo-se queixar a ElRey a Abrantes, onde entãõ estava, e contou-lhe tudo como lhe succedéra. ElRey, que o adparte ouvia, como acabou de falar, começou a gritar, virado para o Corregedor da Corte, que ahi estava : *Acudime aqui Lourenço Gonçalves, porque hum homem me deu huma punhada no rosto, e me depenou a barba.* O Corregedor, e os que o ouviraõ ficaram espantados, não sabendo porque o dizia; e dizendo-lho,

man-

mandou à prêssa que lho fossem buscar prezo, e que lhe não valesse nenhuma Igreja ; e foy assim feito, e trouxeraõ-lho a Abrantes, e alli o mandou degolar , e disse : *Des que este homem me deu huma punhada , e me depenou a barba , sempre me temi delle , que me desse huma cutilada ; mas já agora estou seguro , e nunca ma darà.*

Assim que bem podem dizer deste Rey D. Pedro, que não sahirã em seu tempo certos os Dittos de Solom, Filosofo, só, e de outros alguns , os quaes disserã , que as Leys, e Justiça eraõ taes, como a reya da aranha, na qual os mosquitos pequenos, cahindo, são retidos , e morrem nella, e as moscas gran-

grandes , porque são mais rijas , jazendo nella rompem-na, e vão-se; e assim diziaõ elles que as Leys, e Justiça senão cumpriaõ senão em os pobres , mas os outros , que tinhaõ ajuda , e soccorro , cahindo nella rompiaõ-na, e escapavaõ do castigo. ElRey D. Pedro era muito pelo contrario ; porque ninguém por rogo , nem valia , ou poder havia de escapar da pena merecida , de sorte que todos receavaõ de faltar ao seu mandado.

CAPITULO X.

Do que ElRey passou com hũa mulher de Santarem, que se lhe foy queixar a Evora da morte de seu marido.

E Stando ElRey em Evora se lhe foy aggravar huma mulher de Santarem, dizendo que hum Clerigo da terra, honrado, e de renda lhe matára seu marido contra razaõ, e justiça, e depois delRey lhe perguntar pelo caso miudamente, lhe mandou, que como elle fosse na ditta Villa, para onde elle havia de ir estar o Inverno seguinte, lho lembrasse. E vindo tempo no qual ElRey veyo

H

a ella,

a ella, a mulher do morto teve cuidado de lhe ir fazer aquella lembrança. El Rey lhe disse, que se fosse embora, que elle teria cuidado de lhe fazer inteiramente justiça, e dahi a certos dias indo El Rey pela Villa vio andar em hum andaime a hum mancebo pedreiro, que na maneira de sua pessoa lhe pareceo, como era, solteiro; e tanto que voltou para o Paço o mandou chamar, e vindo ante elle lhe perguntou se conhecia aquelle Clerigo, nomeando-lho? e o mancebo lhe respondeo, que si conhecia muy bem; o que visto por El Rey lhe mandou, que o buscasse, e onde quer que o topasse o matasse, e que trabalhasse
por

por se salvar, e que quando não pudesse se deixasse prender.

Partido o pedreiro, assim favorecido do mandado delRey, se foy em busca do Padre, e vendo-o hum dia ir em huma Procissão o matou, e não podendo escapar foy logo prezo. Tanto que ElRey o soube mandou, que senão despachasse aquelle feito sem elle ser presente, e mandou mais, que a mulher do morto dèsse de comer àquelle prezo, para o que pedisse ao seu Esmoller o dinheiro, que lhe fosse necessario. Proceffado o feito, e sendo ElRey importunado das partes do Clerigo pela final sentença, mandou que lhe fosse levado; para effeito do qual foraõ

juntos com El Rey certos Dezem-
bargadores , e ante elle foy lido
de verbo , a verbo , calando po-
rèm o homicidio , que o Clerigo
fizera (porque não era do caso) o
qual El Rey fazendo , que ignora-
va , perguntou : *Se aquelle Clerigo
era brigozo , ou se tinha feito algum
delicto por onde se pudesse presumir
sua morte ; porque não podia crer
nem estava em razão que aquelle
homem o matasse , não tendo alguma
causa , por pequena que fosse para
isso ?* Respondéraõ elles : *Que ha-
via dias , que o ditto Clerigo matàra
hum homem ; mas que disso era já
livre.*

E tornando El Rey a repetir , e
perguntar pela pena , que lhe fora
dada,

dada, lhe differaõ, que lhe fora mandado por sentença, que se deu no Juizo Ecclesiastico, que mais não dicesse Missa, nem gozasse do fructo, e exercicio de suas Ordens. O que visto por ElRey mandou pôr no feito : *Que visto como o ditto Clerigo por matar a hum secular lhe não fora dada mais pena no Juizo Ecclesiastico, senaõ que não dicesse Missa, nem usasse do seu officio de Sacerdote, que elle outro si mandava: no seu Juizo Secular ao ditto pedreiro em pena de matar hum Sacerdote, que não vivesse mais pelo ditto officio de pedreiro, e se avizasse sobpena de morte, que mais não trabalhasse pelo ditto officio, e que logo fosse solto. Depois o mandou*

dou chamar, e o cazou com a mulher do morto, a quem deu tenças, por onde viveo sem ter necessidade de usar mais do seu officio de pedreiro.

CAPITULO XI.

De outros casos notaveis de rigurosas justicas, que El Rey D. Pedro mandou executar.

HIndo El Rey a Santarem, como tinha de costume ir muitas vezes, hum homem da terra, rico, e honrado, e muito seu amigo, que o costumava visitar pessoalmente todas as vezes que chegava com frutas das suas herdades, lhe não veyo falar, nem appare-
ceo

ceo nesta occasiã, nem em outra, que dalli a alguns dias houve, voltando ElRey àquella Villa; reparou ElRey nisso, lembrando-se daquelle seu amigo, e parecendo-lhe que seria já morto, pois o não visitava como solia, perguntou por elle a outros da terra? os quaes lhe disserã, que vivo era ainda; mas que havia muito tempo que de anojado não sahia fóra de casa por lhe hum filho seu dar huma cutilada pelo rosto, e que por isso entendiaõ que o não viera ver; ouvindo ElRey isto ficou admirado, e lhes mandou que da sua parte lhe dicessem, que o viesse ver; e vindo elle lhe perguntou ElRey pela maneira, e acontecimento do seu
de-

defastre, o qual lhe elle com muitas, e verdadeiras lagrymas contou, attribuindo tudo a seus peccados; e acabado El Rey o despedio depois de que com muitas, e singulares palavras o consolar, e mandou que lhe enviasse lá sua mulher, porque a queria ver.

Tanto que este honrado, e anojado homem chegou a sua casa, mandou a sua mulher que se apparelhasse, porque El Rey a queria ver; em cumprimento do qual ella partio levando por sua companhia ao ditto seu filho; e como foy no Paço, El Rey a recebeu branda, e cortezmente, e se meteo com ella em huma Camera, e apertando-a, que lhe descobrisse
cujo

cujo era aquelle filho mancebo, lhe disse, que elle não podia crer, que aquelle moço o fosse de seu marido; porque se o fora, não era possível levantar-se a carne contra aquelle que lhe dera o ser; finalmente de maneira apertou com ella, e por taes palavras, e razões, que lhe veyo a dizer, que era verdade que hindo ella a hum certo Mosteiro a confessar-se hum Frade Foaõ vendo tempo para isso forçosamente dormira com ella, e a emprenhára daquelle filho, o que ella calára, (e encubrira) por sua honra.

Sabido isto por El Rey a despedio, e mandou lá hum Corregedor, que se fosse apoz aquella mulher,

lher, e que tanto que aquelle mancebo acabasse de a acompanhar o prendesse. E ao outro dia, se foy ElRey ao Mosteiro a ouvir Missa, a qual acabada perguntou pelo tal Frade, e vindo ante elle o mandou meter em hum cortiço, e ferralo pelo meyo, e a alguns, que lho estranhavaõ, respondia, que elle não fazia mal ao Padre, mas sómente mandava ferrar aquelle cortiço. E ao mancebo degradou para sempre (por aggravar aquelle que tinha por pay) e tudo isto fez de maneira que não viesse nojo na honra do seu amigo (e desfrontando-o servisse o castigo de escarmento para emenda de semelhantes desatinos.)

Certo

Certo Fidalgo de Entre Douro, e Minho, que vivia em suas terras rico, e abastado como Senhor de vassallos, sabendo, que hum seu visinho, e subdito Lavrador, velho honrado, não muito rico, tinha duas, ou tres tacinhas de prata, lhas pedio emprestadas para huma festa, que disse que fazia, e dahi a dias o velho se foy a elle, e com palavras de servo a senhor lhas pedio, e assim o fez por muitas vezes, e vendo-se o Fidalgo importunado das importunações justas do Lavrador havendo melancolia, lhe mandou dar muita pancada, injuriando-o, e espancando-o sobre o seu.

Escandalizado o velho se foy
a Evo-

a Evora, onde entãõ ElRey estava, e lhe fez queixume, contando-lhe tudo como passára. Informado ElRey miudamente do caso, lhe ordenou que senão fosse da Corte, e que comesse, e descansasse, porque elle lhe faria inteiramente justiça, e que fosse ao seu Esmoler, que elle lhe daria o necessario para seu gasto. E logo mandou escrever ao Fidalgo, que sem demora apparecesse na Corte; obedeceo o Fidalgo, e chegando quiz beijar a mão a ElRey; mas elle o recebeu de sorte que sem lha querer dar o despedio muito triste; ao outro dia fez o Fidalgo a mesma diligencia, e succedeo-lhe outro tanto; e assim o trouxe hum
anno

anno desfavorecido sem o querer ver, nem consentir que lhe beijasse a mão. No fim do qual lhe disse, que se fosse ao seu Esmoler que elle lhe diria o para que fora chamado; e indo o Fidalgo a sua casa lhe deu conta do que ElRey lhe ordenára.

O Esmoler lhe respondeo, que para haver de o despachar, era necessario mandar alli vir prata, porque assim o havia ElRey por bem; fello elle assim, e juntos ambos o Esmoler, e o Fidalgo, e ao Lavrador lhe perguntou o Esmoler quãta era a sua prata? e por cada hum lhe mandou entregar nove marcos; e assim lhe mandou dar trezentos e sessenta e seis vintens, que

o velho alli fizera de gasto em comer, e tomando o Esmoler o Lavrador pela mão o entregou ao Fidalgo, dizendo-lhe, que ElRey lho entregava, que visse lá como o tratava; porque havia de dar conta d'elle vivo, e são todas as vezes que elle o mandasse. E virando-se para o Lavrador lhe disse, que ElRey jurava pelos ossos de seu pay, que se daquella prata tornava alguma cousa ao Fidalgo, que o havia de mandar enforcar. E assim castigou ao Fidalgo pelos mesmos termos, que elle avexára ao Lavrador: na fazenda, e na honra, que elle mais sentio.

CAPITULO XII.

Como ElRey mandava matar o Almirante, e da Carta, que lhe enviou o Duque, e Comunidade de Genova, rogando por elle.

ELRey D. Pedro queria grande mal a alcoviteiras, e feitiçeras, de sorte que pelas justiças, que nellas fazia, muy poucas usavaõ de taes officios; e fendo elle na Beira soube que huma, chamada por nome Elena, alcovitára huma mulher para o Almirante, com que elle dormira, a que diziaõ Violante Vasques, e mandou logo ElRey queimar a alcoviteira, e ao Almirante Lançarote Paçanha

man-

mandava cortar a cabeça ; e posto que os do seu Conselho trabalhavaõ muito por o livrar de sua sanha nunca o pudéraõ cõ elle acabar , em tanto que o Almirante fugio , e foy amorado , e partio delle por muitos tempos, perdidas suas quantias , e todo o seu bem fazer , e o Officio , e não sabendo remedio, que sobre isto ter, houve acordo de mandar pedir ao Duque, e Comunidade de Genova (dõnde era originario) que escrevessem por elle a ElRey , que fosse sua mercè de lhe perdoar. Os Genovezes vendo o recado do Almirante escrevéraõ a ElRey , que perdesse delle sanha ; e a Carta de Gabriel Adurno, Duque de Genova,

nova, e dos Anciaõs do Conselho daquelle Cidade dizia desta maneira : *Principe, e Senhor muy claro de grande, e real Magestade esguardada a benignidade muitas vezes se tempêra por mancidaõ o modo, e rigor da justiça, e a piedosa consideração trabalha sempre de renovar as boas amizades antigas; e se boa cousa he tomar amizades, e novas conbecenças, muito melhor he, segundo diz o sabio, renovar, e conservar as antigas, dizendo, que o amigo novo, não he igual, nem semelhante ao de longo tempo; as quaes razões nos fazem haver fuzza em vossa grande Alteza, que graciosamente baja d'ouvir nossa humilde supplicação, a qual he esta: Que a*

nós foy notificado como o nobre Cavaleiro D. Lançarote Paçanha, vosso Almirante, filho em outro tempo do nobre varão D. Manoel Paçanha, digno de boa memoria, nosso amigo, e Cidadão, haja cabido em sanha de vossa real Magestade, mais por inveja dalguns, que delle bem não disserão, que por outras graves maldades, que em elle sejaõ achadas, segundo corre a commum fama, que por a razaõ bem parece; porque não he de crer, que saya de regra de bons feitos quem he gerado, e descende de pays, que sempre foraõ ennobrecidos por virtuosos, e bons costumes; e posto que errasse em alguma cousa, muito deve vossa discreta mansidaõ temperar o rigor da justiça, renovando

vando por novos beneficios a lealdade de seus antecessores ; a qual cousa nós esperando da vossa grande Alteza ; a ella humildosamente pedimos, que pelo que dito he , e nossos apertados rogos , tenhaes por bem tornar o ditto Almirante à graça primeira de seu bom estado ; e por isto vossa real Magestade , haverá a nós , e nosso commum aparelhades delle do coração em todas as cousas , que lhe forem apraziveis. Diante, &c. Sem embargo desta Carta não podiaõ acabar com ElRey , que perdesse fanha do Almirante , porèm depois a longos tempos lhe perdoou ElRey , e foy tornado à sua mercè , e Officio.

CAPITULO XIII.

*Das moedas , que ElRey fez , e da
valia do ouro, e prata naquell-
le tempo.*

NAõ se podem dizer taõ temperadamente os louvores de alguma pessoa em que aquellas, cujas linguas sempre tem costume de reprehender, não achem lugares a elles dispostos, em que a miúde bem possaõ calunniar , e nós porque dizemos deste Rey D. Pedro , que era liberal , e alegre em dar , e não dissemos de algumas grandezas , que dignas sejaõ de tanto louvor (e sirvaõ de exemplo, e prova) poderá ser que nos calunniaráõ

niaráõ alguns , dizendo, que não historiamos directamente ; e isto não he por nós bem não vemos, que para authoridade de taõ grande gabo (e louvor) não se achem ditos em sua igualança , mas por não desviar daquelles louvores, que os antigos em suas obras en- cõmendáraõ, contamo-lo da sorte, que o elles disseraõ. * Bem achamos , que nunca se anajova por lhe pedirem , e que mandava lavrar atè cem marcos de prata em taças, e em copas para dar em Janeiras, e dava-as cada anno com outras joyas , a quem lhe prazia.

Accrescentou nas quantias aos Fidalgos, e Vassallos como disse- mos assima, porque o Vassallo não
havia

havia antes, de sua quantia mais de sessenta e cinco libras, e El Rey D. Pedro lhe poz cento, que eraõ quinze dobras cruzadas, dobras Mouriscas; e por esta quantia havia de ter o Vassallo hum cavallo bom de receber, e loriga com seu almafne; e por sua morte ficava o cavallo, e a loriga a El Rey de voluto, e dava-o El Rey a quem sua mercè era; de modo que com aquelle cavallo, e armas, posta contra em outro Vassallo, ficava sempre o conto dos Vassallos certo, e não mingoado.

E no tempo deste Rey valiaõ os marcos da prata de liga dezanove libras, e a dobra Mourisca tres libras, e quinze soldos, e o escu-

escudo tres livras, e dezasete soldos, e o montom tres livras, e dezanove soldos. Este Rey D. Pedro não mudou moeda por cobiça de temporal ganho, mas lavrou-se em seu tempo muy nobre moeda de ouro, e prata sem outra mistura: a saber. Dobras de bom ouro fino de tamanho preço como as dobras cruzadas, que fazião em Sevilha, que chamavaõ de Dona Branca; e estas dobras, que El-Rey Dom Pedro mandava lavar, cincoenta dellas fazião hum marco, e de outras, que lavravaõ mais pequenas, levava o marco cento, e de huma parte tinhaõ as Quinas, e da outra a figura de homem com barbas nas faces, e coroa na cabeça

ça, assentado em hũa cadeira com huma espada na mão direita, e havia letras por de redor de Latim, que em lingoagem diziaõ : *Pedro Rey de Portugal, e do Algarve. E da outra parte: Deos ajuday-me, e fazey-me excellente vencedor sobre meus inimigos.* E a mayor dobra destas valia quatro livras, e dous foldos; e a mais pequena quarenta e hum foldo.

E lavraraõ outra moeda de prata, que chamavaõ *Tornezes*, que sessenta e cinco faziaõ hum marco de liga, e pezo das reaes delRey Dom Pedro de Castella, e outro *Tornez* faziaõ mais pequeno de que o marco levava cento e trinta, e de huma parte tinha *Quinas*, e da

da outra huma cabeça de homem com barbas grandes, e coroa nella, e as letras de ambas as partes eraõ taes, como as das dobras, e valia o *Tornez* grande sete soldos, e o pequeno tres soldos e meyo, e chamavaõ a estas moedas *Dobra*, e *meya Dobra*, e *Tornez*, e *meyo Tornez*; e a outra moeda miuda eraõ dinheiros *Alfonsins* da liga, e valor, que fizera ElRey seu pay, e com estas moedas era o Reyno rico, e abastado, e posto em grande abundancia, e os Reys faziaõ grandes abundancias, e thesouros do que lhes sobejava dos gastos de suas rendas; e para os fazer, e acrescentar em elles tinha esta maneira.

CAPITULO XIV.

Da maneira que os Reys tinhaõ para fazer thezouro, e accrescentallo.

JA' vós ouvistes bem quanto os Reys antigos fizeraõ por encurtar despezas suas, * e do Reyno poendo ordenações em si, e nos seus por terem thesouros, e serem abastados, porque sendo o Povo rico, diziaõ elles que o Rey o era tambem; e o Rey, que thesouro tinha sempre era prestes para defender seu Reyno, e fazer guerra quando lhe cumprisse sem aggravo, e danno do seu Povo, dizendo, que nenhum era taõ seguro

guro de paz, que pudesse carecer de fortuna não esperada; e para encaminharem de fazer thesouro tinhaõ todos esta maneira. * Em cada hum anno eraõ os Reys certificados pelos Vèdores da sua Fazenda de todas as despezas, que feitas haviaõ, assim em Embayxadas, como em toda-las outras cousas, que lhes necessariamente convinhaõ fazer, e diziaõ-lhes o que além disto sobejava de suas Rendas em Direitos, assim em dinheiros, como em quaesquer cousas; e logo era ordenado que se comprasse dellas certo ouro, e prata para se pôr, e guardar no Castello de Lisboa em huma Torre, que para isto fora feita, que chamavaõ

mavaõ a Torre Alvarraã , e esta Torre era muy forte , e não foy porèm acabada. Estava em cima da porta do Castello, e ahi punhaõ o mais do thesouro , que os Reys juntavaõ em ouro , prata, e moedas , e tinhaõ as chaves della hum o Guardiaõ de São Francisco, e outra o Prior de S. Domingos, e a terceira hum Beneficiado da Sé da mesma Cidade ; e para ajuntar este ouro, e prata tinhaõ este modo.

Em toda-las Cidades, e Villas do Reyno, que para isto eraõ azadas, tinhaõ os Reys seus Cambeadores , que compravaõ prata , e ouro àquelles , que o vender queriaõ , o qual não havia de comprar

prar outrem, senão elles, e acabado o anno, trazia cada hum quanto comprára àquelles Lugares, onde havia de ser posto em thesouro; e haviaõ estes Cambeadores certa cousa de cada pessa d'ouro, que compravaõ; e o que sobejava em moeda punhaõ isso mesmo em deposito em outra Torre, que havia isso mesmo no Castello de Santarem, em que outro si estava muy grãde thesouro de moeda, e doutras cousas em tamanha quantidade, que apontoavaõ a Torre muy fortemente por não cahir com o muito aver, que nella punha.

E desta maneira estava no Porto, e em Coimbra, e em outros
Luga-

Lugares do Reyno ; e posto ahi em cada hum anno aquelle ouro, prata, e moedas, que assim ficavaõ, e que os Reys mandavaõ comprar, quando o Rey vinha a morrer, prègavaõ delle, e dos bens, que fizera, dizendo como reinára tantos annos, e mantivera seus Reynos em direito, e justiça, contavaõ-lhe mais, por grande bondade, e louvando-o muito diziaõ : *Este Rey há tantos annos que reina, poz nas Torres do Thesouro tanto ouro, e prata, e moedas. E quanto cada hum Rey em ellas mais punha, tanto lhe contavaõ por muito mayor louvor, e bondade.*

El Rey D. Pedro tanto que en-
 trou

trou a reinar pareceo a alguns que não tinha sentido de ordenar que se accrescentasse no thesouro, que os antigos com grande cuidado começáraõ de guardar, e vendo isto hum seu Privado, que chama-vaõ Joaõ Esteves, houve-o por grãde falta, e propoz de lho dizer; e falando El Rey com elle hũa vez em cousas de fabor, disse elle a El Rey desta maneira: *Senhor a mim parece se vossa mercè fosse que seria bem de proverdes vossa fazenda, e ver o que se despender póde, e do que sobejar encaminhar como accrescenteis alguma cousa nos thesouros, que vos ficáraõ de vosso pay, e de vossos avós, para fazerdes o que os outros Reys fizeraõ; e para terdes que dis-*
pender

pende mais abundantemente se vos alguma necessidade viesse à mão; porque muito mais com vossa honra despenderieis vós accrescentando no thesouro, que tendes, do que gastar o que os outros Reys deixáráõ sempre nelles nenhuma cousa.

A estas contra razões respondeo ElRey, que dizia bem, e que lhe puzessem em escrito quanto era o que rendiaõ seus Direitos, e a despeza, que se disso fazia. Dahi a poucos dias trouxe o Privado em escrito tudo, o que ElRey lhe dissera, e visto por ambos apartadamente, acháráõ que tiradas as despesas, que os Reys em costume tinhaõ de fazer, que sómente no seu thesouro de Lisboa podia
cada

cada anno pôr na Torre do Castello atè quinze mil dobras , e ordenou logo como se puzesse cada anno em ouro , prata , e moedas, tudo o q̄ sobejasse de suas Rendas nos Lugares acostumados , onde os Reys punhão o seu haver ; porém dizia ElRey , *que não fazia pouco quem guardava o thesouro, que lhe ficava doutrem , e se mantinha dos Direitos , que havia do seu Reyno sem fazer aggravo ao Povo, nem lhe tomar do seu alguma cousa.* E assim o fez elle , que dos thesouros , que achára nunca despendeo cousa alguma, e ficáraõ todos por sua morte a ElRey D. Fernando, seu filho, que os depois gastou como lhe prouve, segundo ao diante ouvireis. *

CAPITULO XV.

Porque via El Rey D. Pedro de Castella começou de ajuntar thesouro.

POr outra maneira ajuntou El Rey Dom Pedro de Castella muy grande thesouro, sem mudar moeda, nem lançar peitas ao Povo, e vede de que maneira foy, posto que falemos dos feitos alheos. Assim aveo que El Rey Dom Pedro estando na Aldea de Morales, que he huma legoa de Touro, jugava hum dia os dados com alguns dos seus Cavalleiros, e tinha-lhe hum feu Reposteiro Môr a cerca delle hums huchotes pequenos com alguma

guma prata, e dobras, que feria por tudo até oitenta. ElRey disse: *Que aquelle era todo o seu thesouro, e que mais não tinha.* Aquelle dialogo à noite estando ElRey em sua Camera D. Samuel Levi, (Judeo) seu Thesoureiro Môr lhe disse presente todos.

Senhor, hoje foy vossa mercè dizer perante aquelles, que hi estavaõ, que vós não tinheis mais thesouro que oitenta dobras de que jugaveis, e com que tomaveis sabor, e dezenfado, e isto Senhor, entendo que o dissestes contra mim por me envergonhar, pois que sou vosso Thesoureiro Môr, e não ponho melhor recado em vossa fazenda, porèm, Senhor, vós sabeis bem, que posto que eu fosse vosso

The soureiro depois que vós reinastes atègora , que póde haver huns sete annos , sempre em vosso Reyno houve huns taes boligos , pelos quaes os Recadadores de vossas Rēdas se atreuerã a fazer algumas cousas , que não deviaõ , de sorte que eu não pude tomar disso conta assocegadamente , como era razãõ ; mas agora se vossa mercè for de me mandardes entregar dous Castellos , quaes eu disser , eu vos quero pôr em elles ante de muito tempo thesouro , com que bem possaes dizer que mais tendes juntas de oitenta dobras.

A El Rey aprouve muito disto , e foraõ-lhe entregues o Alcacere de Turgilho , e o de Fita. D. Samuel poz logo ahi homens de que
se

se fiava, e mandou cartas por todo o Reyno a todos os que foraõ, e eraõ Arrecadadores das Rendas delRey desde que começára de reinar até entaõ, que viessem logo dar conta, e tomava-lha desta maneira; por ElRey eraõ concedidos a hum Cavalleiro, ou outro qualquer, certos mil maravediz de seu aposento, ou doutra maneira, e D. Samuel fazia vir perante si todos aquelles, a que alguns dinheiros foraõ despachados, para o qual aggravava a conta, e dava a cada hum juramento aos Santos Evangelhos quantos dinheiros receberaõ daquelle Arrecadador por cada huma vez, e quanto lhe deixára por haver delle pagamento,
e não

e não ser retido, e aquella, a que taes dinheiros foraõ pagos dizia que não houvera mais de tantos, (que recebeo) e que os outros lhe dera de peita peio despachar; porque lhe faziaõ entender que doutra maneira não poderia haver pagamento.

Entaõ se o Arrecadador não mostrasse logo certo onde lhe todo fora pagado, mandava D. Samuel, que ametade de quanto assim levára tosse para o thesouro del Rey, e outra ametade para aquella, que recebéra o tal engano, e diminuiçaõ; e todos os que taes pagamentos houveraõ eraõ muy contentes de dizer a verdade por cobrar o que tinhaõ perdido, e elle

le ajuntou por esta via dentro de hum anno naquelles Castellos taõ grande thesouro, que era estranha cousa de ver. Este foy o começo do muy grande thesouro, que El-Rey D. Pedro depois teve junto, segundo adiante diremos.

CAPITULO XVI.

Como ElRey fez Conde, e armou Cavalleiro, a Joaõ Affonso Tello, e da grande festa, que lhe fez.

O Utras cousas ássinaladamẽte achamos pela mayor parte, em que ElRey Dom Pedro de Portugal gastava seu tempo, v. g. em fazer justiça, e desembargos do Reyno, em monte, e caça, de que

que era muy inclinado , e danças , e festas , segundo aquelle tempo , em que tomava grande fabor , que a duro he agora para ser crido. Estas danças eraõ a som de humas trombetas , que entãõ usavaõ , não curando de outro instrumento , posto que ahi o houvesse. Se alguma vez lho queriaõ tanger , logo se enfadava delle , e dizia , que o dèsssem ao demo , e que lhe chamassem os trombeteiros. Ora deixemos os jogos , e festas , que ElRey ordenava por seu desenfadamento , nas quaes de dia , e de noite andava dançando por muy grãde espaço ; mas vede se era bem saboroso jogo , vinha ElRey em batéis de Almada para Lisboa , e fahiaõ-

hiao-no a receber os Cidadãos, e todos os Misteres, com danças, e trebelhos, segundo eston se usavaõ, e elle sahia dos bateis, e metia-se na dança com elles; e assim hia até o Paço.

E reparay se foy bom desenfado, e graça: jazia ElRey em Lisboa huma noite na cama, e porque não lhe vinha sono para dormir, fez levantar os moços, e quantos dormiaõ no Paço, e mandou chamar Joaõ Matheus, e Lourenço Paulos, que trouxessem as trombetas de prata, e fez acender tochas, e meteo-se pela Villa em dança com outros; as gentes, que dormiaõ sahiaõ às janellas a ver que festa era aquella, ou porque

que se fazia ; e quando viraõ da-
quella maneira a ElRey tomáraõ
prazer de o ver assim alegre, e an-
dou ElRey assim graõ parte da
noite , e tornou-se ao Paço em
dança , e pedio vinho, e frutas , e
lançou-se a dormir.

Naõ curando mais de falar em
taes jogos ; ordenou ElRey de fa-
zer Conde , e armar Cavalleyro a
Joaõ Affonso Tello , irmão de
Martim Affonso Tello , e fez-lhe
a mayor honra em sua festa que
atè aquelle tempo fora vista , que
Rey algum fizesse a semelhante
pessoa. Porque ElRey mandou la-
vrar seiscentas arrobas de cera , de
que fizeraõ cinco mil cirios , e
quando o Conde houve de velar as
suas

suas armas no Mosteiro de S. Domingos dessa Cidade, ordenou El-Rey que desde aquelle Mosteiro até os seus Paços, que he affaz grande espaço, estivessem quedos outros tantos mil homens, todos, e cada hum com seu cirio na mão, e acendo, que davaõ todos muito grande lume, e El-Rey com muitos Fidalgos, e Cavalleyros andava por entre elles dançando, e tomando fabor; e assim despendéraõ graõ parte da noite, e ao outro dia estavaõ grandes tendas armadas no Rocio a cerca daquelle Mosteiro, em que havia grandes montes de paõ cozido, e affaz tinhas de vinho, e logo prestes copos porque bebessem, e fóra estavaõ

ao fogo vacas inteiras em espetos a assar, e quantos comer queriaõ daquella vianda, tinhaõ-na muito prestes, e a nenhum era vedada; e assim estiveraõ sempre em quanto durou a festa, na qual foraõ armados outros Cavalleyros, cujos nomes não curamos dizer.

CAPITULO XVII.

Das avenças que El Rey de Castella, e El Rey D. Pedro de Portugal firmáraõ entre si, e como El Rey de Portugal lhe prometeo de fazer ajuda contra Aragaõ.

E Screvéraõ alguns * louvando este Rey D. Pedro dizendo que reinou em paz em quanto viveo,

veo , e fortuna , não fez sem razão de encaminhar o começo , meyo , e fim de seu mundo de viver em affoço , e folgada paz , porque elle por morte delRey seu pay achou o Reyno sem nenhuma brigga (nem causa) porque houvesse de haver contenda com algũ Rey de Hespanha , nem de outra Provincia mais alongada. Des ahy como elle reinou mandou logo Ayres Gomes da Sylva , e Gonçalo Annes de Beja a ElRey de Castella seu sobrinho com recado ; e de Castella veyo a elle da parte delRey D. Pedro hum Cavalleiro , que chamavaõ Fernão Lopes de Tuniga , e tratou-se entaõ entre os Reys , que fossem ambos verda-

dei-

deiros, e leaes amigos, e firmá-
raõ daquella vez suas amisades.

E depois disto acabo de hũm
anno estando El Rey D. Pedro em
Coura chegáraõ Mensageiros del-
Rey de Castella, a saber Dom Sa-
muel Levi, seu Thesoureiro Mõr,
e Garcia Goterres Tello, Algafil
mayor de Sevilha, e Gomes Fer-
nandes de Sorea, seu Alcaide, e
trattáraõ entre os Reys ambos
muito mais perfeitas amisades, que
antes, e foy mais ordenado entre
elles que o Infante D. Fernando,
seu primogenito filho herdeiro
em Portugal cazasse com Dona
Briatriz, filha do dito Rey de Cas-
tella, e que se fizessem os Esposo-
rios por seus Procuradores desde

Fevereiro meyado seguinte até o ultimo dia de Março, que vinha, e assim voadas logo o derradeiro dia de Abril, e que El Rey de Castella dèsse à dita sua filha em casamento outro tanto haver quãto El Rey D. Affonso de Portugal dera com sua filha Dona Maria a El Rey D. Affonso, seu pay; e que El Rey de Portugal dèsse à dita Dona Briatriz em Arras, e doação outro tanto, quanto seu pay El Rey Dom Affonso dera a Dona Costança, quando com elle cazára, e mais que cazasse Dona Costança, filha do dito Rey D. Pedro de Castella com o Infante D. João; e a outra filha, que chamavaõ Dona Isabel, cazasse com o Infante D. Diniz,

niz, e que os Espoforios, e cazamentos destes fossem acabados dahi a seis annos, e que El Rey de Castella dèsse taes Lugares a cada huma dellas, de que houvessem de renda noventa mil maravediz, e El Rey de Portugal a cada hum dos Infantes Lugares, que lhe rendessem cada anno dez mil libras de Portuguezes, e que El Rey de Castella fosse seu amigo, e inimigo de inimigo, e que se ajudassem hum ao outro por mar, e por terra cada vez que requerido fosse; e que El Rey de Castella não fizesse paz com El Rey de Aragaõ, contra quem elle entaõ lhe pedia ajuda, sem lho fazer saber primeiro, nem com outro algum Rey, e Senhor.

Onde

Onde sabey , que esta ajuda , que ElRey de Castella entaõ pedio a ElRey Dom Pedro de Portugal, fora já ante pedida por elle a ElRey D. Affonso seu pay , quando este Rey D. Pedro de Castella comẽçou a guerra contra ElRey D. Pedro de Aragaõ , que foy no ultimo anno do reinado do dito Rey D. Affonso, segundo ao diante vereis ; a qual ajuda havia de ser de gente de cavallo por terra , e certas galès pelo mar , e ElRey Dom Affonso respondeo a seu neto, que elle sabia bem, e era certo das posturas , e firmidões , que foraõ feitas entre ElRey D. Diniz, seu pay, e ElRey D. Fernando seu avô , e ElRey D. Jaymes de Aragaõ , as

L

quaes

quaes todos tres firmáraõ por si , e por todos seus successores , e havendo acordo com todos os bons da Casa de Portugal, que para isso foraõ juntos em conselho ; achou ElRey D. Affonso , que lhe não podia fazer a dita ajuda com ajudada razaõ. E vista tal resposta por ElRey de Castella , cessou de lha mais pedir , e requerer.

Morto ElRey D. Affonso de Portugal , e começando de reinar este Rey D. Pedro seu filho , enviou-lhe o dito Rey de Castella rogar que lhe quizesse fazer ajuda por mar , e por terra em aquella guerra , que entaõ tinha contra ElRey de Aragaõ , porque assim mesmo tinha elle vontade de fazer

zer

zer a elle quando lhe compridouro fosse ; e ElRey de Portugal respondeo a isto , que bem certo devia elle de ser dos bons, e grandes dividos , que sempre houveraõ entre os Reys de Portugal , e de Aragaõ , pelos quaes elle com razão ajuifada poderia ser bem escusado de fazer , nem dizer cousa, que a elle , nem à sua terra perjuiço fosse ; mayormente que entre ElRey D. Affonso seu pay , e ElRey D. Pedro de Aragaõ, que então era , foraõ firmadas Posturas, e amifades para se haverem de ajudarem, principalmente contra ElRey D. Affonso pay delle dito Rey de Castella , e que isso mesmo fora já a elle tratado por vezes depois

que entre elles recrecia aquella discordia.

Mas que sem embargo de todas estas razões, que entendia que entre elles havia tantos, e taõ bons divididos; e assim ajuisadas razões porque cada hum delles devia de fazer por honra, e proveito do outro toda cousa, que pudesse, e que elle assim o entendia de fazer tambem em aquelle mister, que entaõ havia, como em todos os outros, e que para accrescentar na amifade, e divididos, que ambos tinhaõ, que lhe prazia de o ajudar naquella guerra, que começada tinha, mas por quanto a Deos graças elle era abastante de muitas gentes muito mais que ElRey de Ara-

Aragão, e parte de suas galès eraõ perdidas, que melhor podia escusar a ajuda por terra, que a do mar; e como quer que esta mais custosa lhe fosse, que lhe aprazia de o ajudar com dez galès grossas pagadas por tres mezes, as quaes lhe faria bem prestes quando lhas mandasse requerer.

E foy assim de feito que lhe fez ajuda por mar duas vezes, e duas por terra de bons Cavalleiros, e bem aparelhados, e durando por longos tempos grande guerra, e muito crua entre ElRey D. Pedro de Castella, e ElRey D. Pedro de Aragaõ. E porque alguns ouvindo isto dezejaráõ saber que guerra foy esta, ou porque se começou, e du-

e durou tanto tempo, e nós falar disto podiamos bem escusar por taes couças serem feitos de Castella, e não de Portugal, porèm sem embargo disso por satisfazer ao dezejo destes, e alèm disso, porque nos parece que não havendo alguma noticia das crueldades, e obras deste Rey D. Pedro de Castella, não se póde bem vir em conhecimento de qual foy a razão, porque elle depois fugio de seu Reyno, e se vinha a Portugal buscar ajuda, e soccorro; e como depois da sua morte muitos Lugares de Castella se deraõ a El Rey Dom Fernando, e tomáraõ voz por elle; porèm faremos de tudo hum breve fallamento começando primeiro

meiro pelas cousas , que lhe avie-
raõ em começo do seu reinado, vi-
vendo ainda ElRey D. Affonso de
Portugal seu avô , com as outras,
que se seguirãõ depois, que reinou
ElRey D. Pedro seu tio , as quaes
nos parece que se em outro lugar
melhor contar não podem , que
todas aqui juntamente ; entreme-
tendo seus feitos com a guerra ;
primeiro das cousas , que fez an-
tes que a começasse por saberdes
tudo em certo de que sorte foy.

CAPITULO XVIII.

De algumas pessoas, que El Rey D. Pedro de Castella mandou matar, e como casou com a Rainha Dona Branca, e a deixou.

Segundo alguns testemunhaõ, que seus feitos deste Rey de Castella escrevéraõ, elle foy muito compridor de toda cousa, que sua natural, e desordenada vontade lhe requeria, em tanto que dizendo nós pelo miudo tudo, o que feamente se poderia ouvir de seus feitos, acharíamos em reprehensão que não eramos escaços de contar os males alheos, mayormente taes, que são pregoeiros de

de má, e vergonhosa fama, porèm muito menos daquelles, que achamos escritos, dos principaes dizemos, e mais não.

Este Rey foy muito arredado das manhas, e condições, que aos bons cumpre daver, porque delle dizem, que foy muy luxurioso, de sorte que quaesquer mulheres, que lhe bem pareciaõ, posto que filhas de Fidalgos, e mulheres de Cavalheiros fossẽm, e assim mesmo Dónas de ordem, ou de outro estado, não guardava mais humas, que outras. Era muito cobiçoso do alheo por má, e defordenada maneira, e não queria homem em seu conselho salvo que lhe louvasse sua razaõ, e tudo quan-

quanto fazia. Matou muitas honradas pessoas sem razaõ só por lhe darem bons conselhos , e outras sem porque , e por ligeiras suspeitas , em tanto que muitos bons se afastáraõ d'elle muito anojados por temor da morte ; porque nenhum estava com elle seguro, posto que o bem servisse, e elle lhe fizesse muita mercè , e honra. E deixados os achaques , que a cada hum punha pelos matar , sómente em breve das mortes digamos, e mais não.

No segundo anno do seu reinado foy morta Dona Leonor Nunes de Gusmaõ, manceba, que fora delRey seu pay , e mãy do Conde D. Henrique, que depois
foy

foy Rey; e posto que alguns digaõ que foy por mandado da Rainha Dona Maria, sua mãy, certo he que ella não mandára fazer tal cousa sem consentimento delRey, seu filho. Deu ElRey a sua mãy todos os bens de Leanor Nunes. Mandou ElRey matar Gracia Lafo da Veiga, que era hum grande Fidalgo de Castella, e muito aparentado de genros, parentes, e amigos, por suspeita, que delle teve. Mandou matar tres homens bons da Cidade de Burgos, a saber Pedro Fernandes de Medina, Joaõ Fernandes Escrivaõ, e Affonso Gracia de Carmago. Item cercou D Affonso Fernandes Coronel na Villa de Aquilar, e a entrou por força,

força, e mandou-o matar, e a Pedro Coronel, seu sobrinho, e João Gonçalves de Dêça, e Ponço Dias de Quesada, e Rodrigo Annes de Bedena, e João Affonço Carrilho, que era muy bom Cavalleiro.

Mandou ElRey pedir a ElRey de França, que lhe dèsse por mulher huma das filhas do Duque de Borbom, seu primo, e de seis filhas, que elle tinha escolhéraõ os Mensageiros huma, que chama-vaõ Dona Branca, moça de desoi-to annos, e bem fermosa, e a recebéraõ em seu nome; e como ElRey D. Pedro soube disto mandou que lha trouxessem logo. Enviou ElRey de França com ella o Bisconde de Cardona, e outros grandes
des

des Cavalleiros de sua terra, que lha trouxeraõ muy honradamente; e deu-lhe com ella muy grande casamento em ouro, e prata, e outras riquezas, e foraõ entaõ feitas as Dobras, que chamaõ de Dona Branca, e os Reaes de Castella del Rey D. Pedro.

Em quanto os Mensageiros foraõ tratar este casamento tomou elle por manceba a Dona Maria de Padilha, que andava por donzela em casa de Dona Izabel de Menezes, filha de D. Tello de Menezes, mulher de D. Joaõ Affonso de Albuquerque, que a criava, e tal vontade poz El Rey em ella, que já não curava de cazar com Dona Branca quando veyo, tendo já da
outra

outra huma filha , que se chama-
va Dona Briatriz ; e por conselho
de D. Joaõ Affonso de Albuquer-
que , porèm muito contra vanta-
de delRey , ordenou de fazer suas
vodas em Valhadolid, e foraõ fei-
tas em huma segunda feira; e logo
à terça seguinte como ElRey co-
meo acabo de huma hora , deixou
sua mulher, sem que valesse rogo,
nem lagrymas da Rainha Dona
Maria , sua mãy , nem da Rainha
de Aragaõ , sua tia , (que se acha-
va presente) para que o pudessem
deter que se não partisse ; e levou
tal andar que foy essa noite dormir
a Aldea de Poyares, que saõ deza-
seis legoas de Valhadolid, e ao ou-
tro dia chegou a Monte Alvaõ,
onde

onde estava Dona Maria de Padi-
lha; e tinha ElRey quando partio,
e alguns, que com elle hiaõ mulas
em certos lugares. Porẽm não
chegáraõ com elle mais de tres; e
foy por isto grande alvoroço entre
os Senhores, e Fidalgos do Rey-
no, que todos alli se achavaõ; e
algũs foraõ logo partidos delRey,
e depois por aficado conselho,
tornou ElRey a Valhadolid, e ef-
teve com sua mulher dous dias, e
nunca mais podéraõ com elle que
alli asfocegasse, e partio-se, e
nunca mais a quiz ver.

E o Bisconde, e Cavalheiros,
que com ella vieraõ, se partiraõ
sem mais fallar a ElRey. E sendo
viva esta Rainha Dona Branca
não

não havendo mais que hum anno, que El Rey com ella cazára, pareceo-lhe bem Dona Joanna de Castro, filha de D. Pedro de Castro, que chamavaõ da Guerra, mulher que fora de D. Diogo d'Alfaro, e cõmetteo-lhe por outrem que cazasse com elle. E ella não querendo por elle ser cazado, disse elle, que tinha razões, porque o não era; e mandou aos Bispos Dávilla, e Salamanca, que pronunciaffem, que podia cazar, e elles com medo disseraõ-no assim; e foraõ recebidos na Villa de Calhar, dentro na Igreja solemnemente pelo Bispo de Salamanca, que os recebeu ambos. No dia seguinte partio El Rey dalli, e nunca mais vio
esta

esta Dona Joanna ; mas ella sempre se chamou Rainha, ainda que não prazia disso a ElRey.

A Rainha Dona Maria tomou comfigo sua nora , e foy-se para Turdefilhas , e des ahi a mandou ElRey levar guardada a Arevelo, que a não visse sua mãy, nem outra alguma pessoa , e depois a teve preza em Medina-Sidonia, e alli a mandou matar , sendo então a Rainha em idade de vinte e cinco annos muito sezuda , e bem acostumada , e elle teve ordenado de mandar matar a Alvaro Gonçalves Moraõ, e a D. Alvaro Pires de Castro , irmão de Dona Ignez, mãy de D. João, e de D. Diniz, filhos delRey D. Pedro de Portugal,

(da qual os teve) sendo Infante ; e
forão percebidos por Dona Maria
de Padilha , que lho mandou di-
zer ; e assim escapáraõ da morte,
e mandou matar em Medina del
Campo hum dia pela cêsta em seu
Paço a Pedro Rodrigues de Vilhe-
gas , Adiantado Môr de Castella,
e a Sancho Rodrigues de Rojas , e
foy morto hum Escudeiro de Pe-
dro Rodrigues , e mandou matar
em Toledo vinte e dous homens
bons do commum ; porque forão
em conselho de se alçar a Cidade
de Toledo por não matarem em
ella a Rainha Dona Branca , se-
gundo todos daquella vez cuidá-
raõ ; entre os quaes mandou ma-
tar hum ourives velho de oitenta
annos;

annos ; e hum seu filho de dezoito vendo-o naquelle tranze , disse a ElRey , que lhe pedia por mercè que antes mandasse matar a elle , que a seu pay,* e ElRey mandou-o assim fazer com crueza ; porèm mais prouvéra a todos que ElRey não mandára matar nem hum , nem outro ; e mandou matar quatro Cavalleiros bons dessa Cidade , a saber, Gonçalo Mendes , Lopo de Velhasco , Tello Gonçalves o Palomeque , e Lopo Rodrigues seu irmão.

Quando entrou na Villa de Touro , onde a Rainha sua mãy estava , sahio a Rainha a elle do Alcacer por seu mandado ; e mandou matar D. Pedro Esteves , que

se chamava Mestre de Calatrava, alli onde vinha junto com ella, e Ruy Gomes Gonçalves de Castanheda, que a trazia de braço, e Affonso Telles Giraõ, e Martim Affonso Tello, todos quatro ao redor da Rainha, e ella quando os vio matar taõ junto de si, cahio em terra desmayada como morta, e levantáraõ-na bradando, e maldizendo a seu filho, (que taõ pouco a respeitava,) e a poucos dias lhe pedio que a mandasse a Portugal para ElRey seu pay; e assim o fez, e ahi morreo depois, segundo tendes ouvido. * E mandou ElRey matar a Gomes Manriques de Cornamela, e a outros, e ordenou hum Torneo em Turdesilhas de
luta

luta por luta , por matar nelle o Mestre de Santiago Dom Fadrique seu irmão , que entrava no Torneo , e ElRey não quiz descobrir este segredo a ninguem , e porèm não se fez aquelle dia.

CAPITULO XIX.

Como se começou o desvairo entre ElRey D. Pedro de Castella , e o Conde D. Henrique , seu irmão , e qual foy o azo porque o Conde se foy fóra do Reyno.

POis havemos de fazer menção ao diante da guerra , e grande desvairo , que depois houve entre o Conde D. Henrique , e ElRey D. Pedro seu irmão , necessario

fario he que contemos primeiro como se começou sua desavença, e porque modo elle se partio do Reyno. E isto antes que entremos à guerra de Aragaõ, em cuja ajuda elle depois veyo; onde sabey, que morto ElRey D. Affonso sobre o cerco de Gibaltar, que foy na era de 1387. annos, no mez de Março, e tomando todos por seu Rey o Infante D. Pedro, seu primogenito filho, sendo entaõ em idade de quinze annos, e sete mezes, estando na Cidade de Sevilha; partiraõ do arrayal com o corpo del-Rey para o virem enterrar a Castella muitos dos Senhores, e Fidalgos, que estavaõ alli com elle, e assim como: o Infante D. Fernan-
do

do filho delRey de Aragaõ, Marquez de Tortoza, sobrinho do dito Rey D. Affonso, filho da Rainha Dona Leanor, sua irmã, e D. Henrique, Conde de Trastamara, e D. Fadrique, Mestre de Santiago, seus irmãos, filhos de Leanor Nunes, e do dito Rey D. Affonso, e D. João Affonso de Albuquerque, e outros Senhores, e Mestres, e ricos homens.

E passando o corpo delRey por ante a Villa de Medina-Sidonia, que era de Leanor Nunes, ella se foy dentro ao lugar, por quanto Affonso Fernandes Coronel, que o tinha por ella, lhe disse que o não queria maister; e foy por esta entrada, que Leanor Nunes fez
em

em aquelle lugar muy grãde murmuraçãõ entre os Senhores , e Cavalleiros , que levavaõ o corpo delRey, cuidando, que ella se punha alli em esforço dos filhos , e parentes seus , que alli vinhaõ ; e D. Joaõ Affonso de Albuquerque quando vio aquella ficada , que os filhos , e parentes de Leonor Nunes faziaõ com ella naquelle lugar , que era bem forte , (suposto entrassem entãõ de visita) tratou com alguns que o Conde D. Henrique , e D. Fadrique , seu irmão, estivessem naquella Villa como prezos.

Soubeo Leonor Nunes , e tomou grande medo, e tratáraõ com ella segurando-a D. Joaõ Nunes
de

de Lara, que tinha sua filha es-
pogada com D. Tello, seu filho della;
cuidando ella que tal segurança
fosse firme, sahio-se do lugar ella,
e seus filhos, e D. Pedro Ponce de
Leaõ, e D. Fernaõ Pires Ponce,
seu irmão, Mestre de Alcantara,
e D. Alvaro Pires de Gusmaõ, e
outros seus parentes, e houveraõ
todos acordo de se apartar del Rey,
receando-se muito de hirem a Se-
vilha, onde El Rey D. Pedro esta-
va, e serem prezos, e logo em esse
dia, que partiraõ de Medina se fo-
raõ a Moraõ, que he huma Villa,
e Castello bem forte a cerca da
terra de Mouros, e não se seguran-
do ainda de estar alli, foraõ-se pa-
ra Algefira, que tinha D. Pedro

Ponce

Ponce, e Dom Fadrique se tornou para terra da Ordem de Santiago.

A Rainha Dona Maria com seu filho El Rey D. Pedro, e todos, os que eraõ em Sevilha sahiraõ fóra da Cidade a receber o corpo del Rey, e foy-lhe feito muy honradamente tudo aquillo, que cumpria, e foy soterrado na Igreja de Santa Maria na Capella dos Reys. El Rey D. Pedro sabendo a partida (ou apartamento) de seus irmãos, e dos outros Fidalgos, e como estavaõ em Algefira, mandou saber secretamente que maneira tinhaõ, (ou que ordenavaõ) e achou que se apoderavaõ do lugar o mais que podiaõ, e mandou lá galès armadas, e Goterres Fernandes de Toledo

ledo por Cappitaõ ; e o Conde D. Henrique, e outros , que com elle estavaõ, vendo que lhes não cumpria estar mais alli , tornáraõ-se para Moraõ , onde estava Fernaõ Rodrigues Ponce. Em isto foy-se Dona Leanor Nunes a Sevilha , e posta a de parte a segurança que lhe feita tinhaõ, mandou-a ElRey guardar muy bem no Alcacere ; tratáraõ depois por parte delRey com o Conde D. Henrique, e com os outros Senhores de sorte que se vieraõ todos a Sevilha para ElRey; e o Conde hia ver cada dia sua mãy , com a qual estava Dona Joanna , filha de D. Joaõ Manoel, sua esposa , e houveraõ acordo a mãy com o filho que houvesse a-
junta-

juntamento com sua esposa por se não desfazer o casamento, que rugiaõ; e assim o fez, e pesou disto muito a El Rey, e à Rainha sua mãy, e a outros muitos, e por isto defendeo El Rey que a não fosse nenhum mais ver, e leváraõ-na dalli para Carmona; e o Conde D. Henrique fogio para as Esturias, por quanto lhe differaõ, que o mandava El Rey prender.

Depois foy levada Dona Leonor, sua mãy a Talaveira, e alli a mandou matar a Rainha Dona Maria por Affonso Fernandes de Olmedo, seu Escrivaõ, como já tendes ouvido. O Conde D. Henrique estando nas Esturias ouviu como El Rey mandava matar sua mãy,

mãe, e depois Gracia Laço, Adiantado de Castella, e não ousou estar alli mais, e veyo-se a Portugal para ElRey Dom Affonso. E quando ElRey D. Pedro fez vistas com seu avò em Cidade Rodrigo como dissemos * rogou ElRey D. Affonso a seu neto, que perdoasse ao Conde, e elle perdoou-lhe, e tornou-se o Conde para as Esturias, porque não ousou de ir para ElRey, e elle nas Esturias, soube ElRey como bastecia Gijom, e foy-se lá, e cercou o lugar, onde estava sua mulher Dona Joanna, porque elle não se atreveo de o esperar alli, e foy-se em tanto a huma montanha muy forte, que dizem Montojo, e os de Gijom
prei-

preitejá raõ-se com El Rey , que perdoasse ao Conde, e que lhe não fariague rra de nenhum seu Lugar; e a El Rey aprouve , e tornou-se.

E quando El Rey houve de fazer suas vodas em Valhadolid cõ Dona Branca, segundo contámos, chegou o Conde D. Henrique, e Dom Tello, seu irmão, e trazia o Conde seiscentos homens de cavallo, e mil e seiscentos de pé. E sendo em Ajales, duas legoas donde El Rey estava, mandou-lhe dizer que não oufaria entrar na Villa salvo com toda sua gente, por quanto se receava de alguns, que eraõ na Corte, e El Rey mandou-o segurar. Não se fiando do seguro marchou com todos; mas houve-
raõ

raõ de peleijar com El Rey que sahio a elles ; depois foraõ d'acordo com elle , e ficáraõ em sua mercè, e casou El Rey com Dona Branca, e deixou-a ao outro dia, e foy-se para Dona Maria de Padilha, e da sahida foy desavindo delle D. Joaõ Affonso de Albuquerque, que governava a Casa del Rey , e tratou-se depois que D. Joaõ Affonso estivesse em Portugal se quizesse, e que seus Castellos , e bens , que havia em Castella fossem seguros.

Prometeo-lhe El Rey que sim, e depois que D. Joaõ Affonso veyo para Portugal , cercou-lhe El Rey Medelhim, e cobrou-o , e fello derribar , e depois cercou Albuquerque, e não o podendo tomar,

par-

partio-se dalli, e deixou por fronteiros em Badalhouse o Conde D. Henrique, e o Mestre de Santiago Dom Fadrique, seu irmão; partido ElRey dalli, enviou o Conde seu recado a D. João Affonso que fossem todos tres amigos, e entrassem por Castella; a elle aprouve-lhe muito, e firmáraõ seu preito de ser assim, e houveraõ D. Fernando de Castro em sua ajuda, que estava em Galiza, e começáraõ de entrar por Castella, fazendo em ella grande estrago.

Em isto mandou ElRey D. Pedro João Affonso de Hemstrofa, seu Camareiro Môr a Arevalo, onde estava a Rainha Dona Branca, sua mulher, que a trouxesse ao Alcacere

cacere de Toledo, e elle trazendo-a pela Cidade, disse ella que queria primeiro ir fazer oração à Igreja de Santa Maria, e des que foy dentro na Igreja não quiz mais fahir della, receando-se de ser morta, ou preza, João Affonso não se atreveo de a fazer fahir da Igreja contra sua vontade, e tornou-se para ElRey.

Os moradores de Toledo falando sobre isto houveraõ piedade da Rainha, e acordáraõ de a não deixar prender, nem matar naquella Cidade, e determináraõ de pôr por ella os corpos, e quanto haviaõ; e mandáraõ primeiro por D. Fadrique, Mestre de Santiago, e acolheraõ-no dentro com

suas companhas , e mais enviáraõ
suas cartas ao Conde D. Henrique,
e a D. Joaõ Affonso de Albuquerque,
e a D. Fernando de Castro,
fazendo-lhes saber sua entençaõ;
e tiveraõ com Toledo por parte
da Rainha a Cidade de Cordova,
e Conqua , e o Bispado de Jaem,
e Talaveira , e o que cumpre di-
zer mais os Infantes D. Fernando,
e D. Joaõ, primos delRey ; e mui-
tos Senhores , e Cavalheiros se
partiraõ delle por ajudar a tençaõ
dos outros , de sorte , que não fi-
cáraõ com ElRey mais de seiscen-
tos de cavallo , e todos aquelles
Senhores lhe mandavaõ dizer que
promptos estavaõ para o servir , e
fazer seu mandado , com tanto
que

que tomasse sua mulher, e vivesse com ella, e não regeffe o Reyno pelos parentes de Dona Maria de Padilha, nem os fizesse seus Privados. E El Rey não quiz cahir em tal preitefia, (ou convir niffo.)

Neste tempo adoeceo D. João Affonso de Albuquerque, e El Rey mandou secretamente tratar com o Fifico, que tratava d'elle, que lhe faria mercès se lhe dèsse coufa, com que morresse; fello elle assim, segundo depois foy sabido, e os Vassallos de D. João Affonso promettéraõ de não enterrar seu corpo atè que esta demanda não fosse acabada; e elle assim o mandou em seu Testamento; e quando aquelles Senhores ordenavaõ o Cõ-

selho sobre aquillo, que lhes convinha fazer, fallava em lugar de D. Joaõ Affonso, Ruy Dias Cabeça de Vaca, que fora seu Mordomo Môr; e eraõ as gentes destes Senhores todos atè cinco mil de cavallo, e muita mais gente de pè.

Vendo ElRey como perdia as gentes por esta via, houve conselho de se pôr em poder delles na Villa de Touro, e alli partiraõ elles logo os Officios do Reyno, e da Casa delRey entre si, de sorte que a ElRey não aprouve; e entaõ foraõ enterrar o corpo de D. Joaõ Affonso, tendo que sua demanda era já acabada.

ElRey sentindo-se como prezo, segundo a maneira, que com elle

elle tinhaõ , fingio que queria ir à caça , e huma manhã cavalgou muito cedo, e foy-se a Segovia ; e foraõ-se os Infantes para ElRey por suas preitefias , e começou-se de desfazer a companhia, que antes se ajuntára ; e o Conde D. Henrique , D. Tello , e D. Fadrique, seus irmãos , ficáraõ a hũa parte ; e seriaõ por todos atè mil e duzentos de cavallo , e muitos homens de pè, e houveraõ entrada em Toledo , e foy ElRey à Cidade, e cobrou-a, e elles deixáraõ-na, e foraõ-se. E depois lhe enviou rogar a Rainha Dona Maria que se fossem para Touro , onde ella estava receando-se delRey , seu filho , e foraõ-se lá , e chegou ahi ElRey
com

com suas gentes, e peleijáraõ nas barreiras, e não pode El Rey ahi affocegar por mingua dagua, e partio-se dahi, e depois que se El Rey foy partio-se o Conde Dom Henrique para Galiza, huns diziaõ que para se ajuntar com Dom Fernando de Castro, outros affirmamõ que o fazia o Conde por não ser cercado, e quizera El Rey partir a poz elle, e depois houve conselho de tomar primeiro a Villa de Touro, e cercou-a outra vez, e tratou com D. Fadrique, seu irmão, e do Conde D. Henrique, que ficára na Villa por guarda, que se fofse para elle, e elle fello assim. Em outro dia cobrou El Rey a Villa por huma porta, que lhe deraõ,

deraõ , e prendeo Dona Joanna, mulher do Conde D. Henrique, e fez matar alguns do Lugar, e mais aquelles Cavalleiros , que foraõ mortos a cerca da Rainha , sua mãy , como dissemos.

Quando o Conde D. Henrique soube como ElRey cobrara a Villa de Touro , e matara aquelles Cavalleiros , que tinha por sua parte , e que o Mestre D. Fadrique seu irmão , era já com ElRey de acordo , entendeo , que lhe não convinha mais aprofiar na guerra, nem estar mais tempo no Reyno, e preitejou com ElRey , que lhe dèsse cartas de seguro para se hir para França, e a ElRey aprouve disto , e deu-lhas. Soube o Conde
como

como ElRey mandára ao Infante D. João, e a Diogo Lopes Sarmen-
to, seu Adiantado Môr, e a todos
os outros Cavalleiros, e Officiaes
das Comarcas por onde elle anda-
va, que se o Conde fosse que lhe
tomassem o caminho, e o mataf-
sem, assim como depois matou to-
dos os Senhores, e homens, que
forão na companhia da demanda,
que se levantou contra elle por ra-
zão da Rainha Dona Branca.

E o Conde partio de Galiza, e
foy pelas Esturias, por quanto por
aquella Comarca não havia man-
damento delRey, pensando elle
pouco que fosse por alli, e passou
apressadamente, e foy-se para Bis-
caya, onde estava D. Tello seu ir-
maõ,

maõ, e dahi passou-se por mar à Arrochela, onde achou ElRey de França, que havia guerra com os Inglezes, e tomou delle soldo, (assentando praça para o servir nella.) E desta maneira foy a sua desavença com ElRey D. Pedro seu irmão, e partida do Reyno de Castella, durando em todas estas desavenças, que ouvistes em estes Capitulos passados, espasso de sete annos.

CAPITULO XX.

Como, e por qual azo se começou a guerra entre Castella, e Aragaõ.

ANdando em sete annos que ElRey D. Pedro de Castella
rei-

reinava, Era de 1394. annos, estando elle em Sevilha, mandou armar huma galè para hir folgar em ver pescaria, que faziaõ nas Covas das Almadras, e foy em huma galè a Saõ Lucar de Barrameda, e achou hi no porto dez galès de Catalães, e hum navio, de que era Cappitaõ hum Cavalleiro Aragonnez, que diziaõ Mosem Francés de Perelhos, as quaes hiaõ por mandado delRey de Aragaõ em ajuda delRey de França, contra ElRey de Inglaterra; e entrando aquelle Cappitaõ em aquelle porto por tomar refresco, achou hi dous baixeis de Prasentis, carregados de azeites, que hiaõ para Alexandria, e tomou-os, dizendo,

do, que eraõ fazendas de Genovezes, com quem os Catalães haviaõ guerra. Entaõ ElRey lhe mandou dizer: *Que pois aquelles baixeis estavaõ em o seu porto que os não quizesse tomar ao menos por sua honra delle, pois estava alli de presente.* E elle respondeo: *Que aquellas gentes eraõ inimigos delRey de Aragoã, e que os podia tomar de boa guerra.* ElRey lhe mandou dizer outra vez: *Que fosse certo se as deixar não quizesse, que mandaria prender em Sevilha todos os Mercadores Catalães, que hi eraõ, e tomarhes todos os seus bens.*

Os Cappitães das galès por tudo isto o não quizerãõ fazer, e vendeo logo alli os baixeis por setecen-

tecentas Dobras ; e foy-se feu caminho , sem mais fallar a El Rey ; o qual ficou disto muito agastado, e cheyo de grande melancolia , e desgosto , e não sem razão , mas a vingança foy excessivamente demasiada ; porque assim como de pequena faísca se ascende grande fogo , achando cousas dispostas , em que obre ; assim El Rey D. Pedro com destemperada sanha por tomar daquillo vingança , moveo crua guerra contra Aragaõ de sangue, e fogo por muitos annos , como agora brevemente ouvireis. Porque elle mandou logo prender em Sevilha todos os Mercadores Catalães , que hi eraõ , e escreveo-lhes todos seus bens, e ao outro

tro dia partio-se com pressa por terra , e fellos todos pôr em cadeas , e vender quanto lhe acháraõ , e mandou logo a ElRey de Aragaõ fazerlhe queixume de Mo- sem Francés da pouca honra , e cortesia, que em elle achára, mandando-lhe rogar por duas vezes, (que tivesse respeito à sua presença para não fazer a preza , que fez ; pelo que) lhe requeria, que lho entregasse para delle haver emmen- da , e além disto que tirasse huma Commenda , que dera a D. Pedro Moniz de Godoy, que era homem a que não queria bem ; e se estas cousas fazer não quizesse, que fosse certo que lhe faria guerra.

ElRey de Aragaõ deu sua re-
posta

posta , que lhe pezava do nojo ,
que a El Rey fora feito , e que co-
mo aquelle Cavalleiro tornasse
para seu Reyno , que elle o ouvi-
ria, e faria justiça de modo que elle
Rey de Castella fosse contente ,
(e ficasse satisfeito,) e que a Com-
menda, que havia dado a D. Pedro
Moniz , pois a El Rey não prazia
disso , q̄ elle procuraria outra cou-
sa , de que lhe fizesse mercè , mas
que esta , que lhe aldèsse que lha
não podia tirar sem grande sua
mingua. O Mensageiro, que bem
sabia a vontade del Rey D. Pedro,
não foy contente desta resposta , e
desafiou-o logo , e a seu Reyno ; e
El Rey de Aragaõ disse, que El Rey
de Castella não havia justa razão
para

para fazer isto , e que o deixava em Juizo de Deos, e mandou logo a perceber sua terra.

CAPITULO XXI.

Como ElRey de Castella entrou por Aragaõ , e das cousas, que fez em este anno.

ELRey de Castella em quanto mandou a Aragaõ o recado, que haveis ouvido, antes que a resposta de lá viesse , com dezejo de tomar vingança, mandou à pressa armar sete galès , e seis náos , e meteo-se ElRey em ellas cuidando de achar na costa de Portugal aquelle Cavalleiro , e chegou até Tavira, onde soube que era passado,

do, e tornou-se para Sevilha, e mandou ElRey as galès à Ilha de Niça, e começou-se a guerra por todas as partes. Neste tempo começou-se a Era de 1395. annos, em cuja sezaõ morreo ElRey Dom Affonso de Portugal, a que ElRey D. Pedro, seu neto, mandára pedir ajuda para esta guerra, segundo ante havemos contado; e vendo ElRey de Aragaõ a não boa maneira, (ou desavença) que ElRey de Castella com elle queria ter, fello saber ao Conde D. Henrique, e a alguns Cavalleiros Castelhanos, que andavaõ em França por medo delRey D. Pedro; e o Conde com elles vieraõ-se para elle, e ElRey os recebeo muy bem, e deu

e deu ao Conde certos Castellos, em que tivesse suas gentes, e soldo para oitocentos de cavallo.

ElRey de Castella como isto soube partio de Sevilha, e entrou por Aragaõ, e tomou alguns Castellos, e tornou-se para Dêça, huma Villa sua na frontaria de Aragaõ, e acendia a guerra cada vez mais; e alli chegou a elle o Cardeal D. Guilhem, Legado do Papa Innocencio VI. para pôr avença entre elles, e não podendo fazer cessasse a guerra de todo por as cousas muy graves de outorgar, que ElRey D. Pedro de Castella requeria a ElRey de Aragaõ, fez em tanto huma tregoa de quinze dias, os quaes durando tomou El-

Rey D. Pedro a Cidade de Tarragona ; e o Cardeal se aggravou contra El Rey dizendo , que em quanto elle fora fallar a El Rey de Aragoã, durando ainda os dias da tregoa tomára elle aquella Cidade ; e El Rey dizendo, que já eraõ passados, e o Cardeal dizendo que não, ficou o lugar por El Rey bem fornecido de gente; e desta segunda vez, que El Rey entrou em Aragoã, e tomou a Cidade de Tarragona, se vieraõ para elle muitas gentes de seus Reynos, e alguns Inglezes, de sorte que eraõ sete mil de cavallo, e dous mil gentes, e muita gente de pé: e vendo o Cardeal que não podia entre os Reys tratar firme paz, ordenou
que

que houvesse tregoa por hum anno, e foy apregoada em huma segunda feira dez dias do mez de Mayo da mesma Era 1395.

ElRey veyo-se entã a Sevilha por mandar fazer galès, e encaminhar de fazer armada no anno seguinte, tanto que as tregoas fossem sahidas. Em este comenos durando a tregoa tratou Pedro Carrilho, que vivia com o Conde D. Henrique suas avenças com ElRey D. Pedro, que o honrasse em seu Reyno, e que se veria para elle. A ElRey aprouve, e fello assim, e Pedro Carrilho, des que segurou alguns dias a amisade, traçou como podesse levar a Condeça Dona Joanna, que estava preza des que

El Rey tomára a Villa de Touro, para o Conde, seu marido, e foy assim de feito, que a levou. E desta forte cobrou o Conde sua mulher, de que pesou muito a El Rey D. Pedro quando soube que assim a leváraõ.

CAPITULO XXII.

Como El Rey D. Pedro fez matar o Mestre de Santiago D. Fadrique seu irmão no Alcacere de Sevilha, e outros Cavalheiros.

SE dizem que o que faz nojo a outrem, escrevem o faz no pó, e o injuriado em pedra marmore, bem se cumprio isto em El Rey D. Pedro, porque elle movido

do por sobejo queixume contra seus irmãos , e outros do Reyno por causa da tenção, que tomáráõ em favor da Rainha Dona Branca , e contra os parentes de Dona Maria de Padilha, segundo ouvistes , que já em tempo havia mais de tres annos , andando entãõ a Era em 1396.ordenou em Sevilha alli , onde estava de matar o Mestre de Santiago D. Fadrique , seu irmão , e mandou-o chamar onde vinha de guerra , que fora tomar a Villa de Jumela, que he no Reyno de Murcia, por lhe fazer serviço, e no dia que o Mestre havia de chegar à Cidade chamou ElRey pela manhã em sua Camera o Infante D. Joãõ , seu primo , e tomou-

mou-lhe juramento sobre a Cruz, e os Evangelhos, e descubrio-lhe como o queria matar, rogando-lhe, que o ajudasse a fazer tal obra, e terlho-hia em serviço; e como fosse morto, que logo entendia de hir a Biscaya matar o outro irmão D. Tello, e darlhe a elle as suas terras.

E o Infante D. Joaõ respondeo, que lho tinha em grande mercè querer fiar delle seus segredos, e que lhe prazia muito do que tinha ordenado, e era contente de o fazer assim.

Em isto chegou D. Fadrique antes de comer, huma terça feira 29. dias de Mayo, e como chegou de caminho foy logo ver El Rey, que

que estava no Alcacere da Cidade jogando as tavolas, e beijou-lhe a mão, e muitos Cavalleiros com elle, e ElRey o recebeu muy bem, mostrando-lhe muy boa vontade, e perguntou-lhe donde partira, e que pousadas tinha? O Mestre disse, que partira de Santilhana, que são dalli cinco legoas, e que as pousadas entendia, que seríaõ boas; e ElRey, porque entráraõ muitos com o Mestre, disse, que se fossem aposentar, e depois se viriaõ para elle.

O Mestre partio-se, e foy ver Dona Maria de Padilha, e as sobrinhas, que estavaõ em outra parte dos Paços, e dalli se veyo ao estabulo, onde deixára as bestas,
e não

e não achou hi nenhuma , porque
assim fora mandado aos Porteiros.
O Mestre não sabendo se tornasse
a ElRey , ou que fizesse , disse-lhe
hum seu Cavalleiro , suspeitando
mal de tal feito , *que se sabisse pelo
postigo do estabulo , que estava aber-
to , porque lhe não faltariaõ bestas
se fosse fóra.* E elle cuidando se o
faria, vieraõ-lhe dizer, que o cha-
mava ElRey , e elle começou de
tornar a ElRey , porèm espanta-
do , receando-se muito , e como
hia entrando pelas portas dos Pa-
ços , e das Cameras , assim hia ca-
da vez mais desacompanhado, de
forte que quando chegou onde El-
Rey estava não hia com elle já
mais que o Mestre de Calatrava ; e
esti-

estiverão à porta ambos, e não lhes abrião; e posto que todas estas cousas lhe apresentavaõ meffagem de morte, vendo-se sem culpa, tomava em si algum alento, e esforço.

Neste tempo abrião o portigo do Paço, onde ElRey estava. E ElRey disse a Pedro Lopes de Padilha, seu Bêsteiro Môr, que prendesse o Mestre. *Senhor* (disse elle) *qual delles?* O Mestre de Santiago, disse ElRey. E elle travou delle, dizendo: *Sede prezo.* O Mestre ficou espantado; e quando ouviu outras vezes que ElRey dizia aos bêsteiros da maça, *que o mataffem*, desenvolveo-se de Pedro Lopes, que o tinha prezo, e
quiz

quize tirar da espada, que tinha na cinta, e foy sua desaventura tal, que não pode, por causa do talabardo, que tinha vestido, e andando muy rijo de huma parte à outra, não o podiaõ ferir os bêteiros com as maças, até que o houveraõ de ferir, e cahio em terra por morto.

ElRey, quando vio o Mestre jazer em terra, sahio pelo Alcacere cuidando de achar alguns dos seus para os matar, e não os achou, que eraõ fugidos, e escondidos; e fõ achou no Paço, onde estava Dona Maria de Padilha, Sancho Dias de Vilhegas, Camareiro Mõr do Mestre, que se acolhéra alli quando ouvio dizer que o matáraõ, e tomou

tomou Dona Briatriz , filha del-Rey nos braços , cuidando por ella escapar da morte , e ElRey fez-lha tirar das mãos , e deu-lhe com huma brocha , que trazia , e matou-o , e tornou-se onde jazia o Mestre , e achou-o que não era bem morto , e fello acabar de matar a hum seu moço da Camera , des hi foy-se assentar a comer , e mandou logo em este dia pelo Reyno , que mataffem estas pessoas. Em Cordova a Pedro Cabreiro , hum Cavalleiro , que hi morava , e hum Jurado , que diziaõ Fernão d’Affonso de Gachiz ; e mandou matar D. Lopo Sanches de Mendanho, Comendador Môr de Castella ; e matar em Salaman-

ca Affonso Jorge Tenorio, e em Touro Affonso Pires Formosinho; e matáraõ em Mora Gonçalo Mendes de Toledo; e estes dizia El Rey que mandava matar, porque foraõ da parte da Rainha Dona Branca, aos quaes El Rey já havia perdoado, e não curando do que promettéra; mandou a todos cortar as cabeças (por muito contumaz no odio, que hũa vez concebia das peffoas.)

CAPITULO XXIII.

Como ElRey partio de Sevilha por tomar D.Tello, seu irmaõ para o matar, e como matou o Infante D. Joaõ, seu primo.

E Stando ElRey ainda comendo mandou chamar logo o Infante D. Joaõ, seu primo, e disse-lhe em segredo como tanto que comeſſe queria partir para Biscaya por hir matar D. Tello, seu irmaõ, e que fosse com elle, e darlhe-hia o senhorio daquella terra, e o Infante não embargando que estivesse cazado com Dona Isabel, irmã da mulher do Conde D. Tello, aprouve-lhe muito com taes novas,

vas, e beijou as mãos a El Rey por isso, cuidando pouco no que lhe elle tinha ordenado; e El Rey partio logo, e o Infante com elle, e foy em sete dias em Aguilar do Campo, onde D. Tello estava; e D. Tello andava aquelle dia ao monte, e hum seu Escudeiro quando vio El Rey foy-lho logo dizer com muita pressa; e elle com a mesma fogio, e chegou a Bermeo, huma Villa sua ribeira do mar, e entrou em Pinaças de Pescadores, e foy-se para Bayona de Inglaterra; e El Rey cuidando de o tomar, seguiu o caminho para onde fora; e aquelle dia, que D. Tello chegou a Bermeo, e entrou no mar, esse mesmo dia chegou El Rey, e
entrou

entrou em outros navios , cuidando de o alcançar, porèm o mar era hum pouco boliçoso, e ElRey anojou-se, e deixou de o seguir, porque hia muy longe, e tornou-se para terra, e prendeo Dona Joanna sua mulher.

E o Infante Dom Joaõ quando vio D. Tello por esta forte fugido, disse a ElRey : *Que bem sabia sua mercè como lhe differa em Sevilha, que queria matar D. Tello, e dar-lhe a terra de Biscaya, que era sua, e que pois D. Tello era fóra do Reyno sem sua graça, que fosse sua mercè de lha dar, como lhe prometéra.* ElRey disse: *Que mandava aos Biscainhos, que se ajuntassem como haviaõ de costume, e que elle hiria lá,*
e lhe

e lhe mandaria, que o tomassem por senhor. E o Infante com alegre esperança de cobrar a terra lhe beijou a mão por isto, tendo-lho em grande mercè. Os Biscainhos hindo para se ajuntar onde haviaõ de costume, fallou El Rey com os mayores delles, dizendo-lhes em segredo, *que respondessem quando elle lhes propozesse de dar a terra a D. Joaõ, que não queriaõ outro Senhor senaõ a elle Rey.* Elles differaõ: *Que assim o fariaõ.*

Elles juntos bem coufa de mil dos principaes, propoz El Rey muitas razões por parte do Infante D. Joaõ, seu primo como a terra de Biscaya lhe pertencia por direito, por azo do casamento de sua

mulher, e que lhes rogava, e mandava que o tomassem por Senhor. Porèm que elle hiria a Bilbao, e que ainda tornaria outra vez a fallar com elles, que o tomassem por Senhor. O Infante começou de entender, que isto era encuberta, que ElRey fazia, e teve-se por mal contente. ElRey em Bilbao, mandou ao outro dia chamar o Infante, e elle veyo, e entrou só na Camera, e ficáraõ dous seus à porta, e os que sabiaõ parte de sua morte começáraõ de jogar com elle por lhe tirarem hum pequeno cutello, que trazia; e assim o fizeram; e Martim Lopes, Camareiro Môr delRey abraçou-se entaõ com o Infante, e hum bésteiro

P deu-

deu-lhe com huma maça na cabeça, e des hi outros, e cahio o Infante, e foy isto huma terça feira, havendo quinze dias que o Mestre Dom Fadrique fora morto em Sevilha.

ElRey mandou-o lançar na rua por huma janella da casa, onde poufava, e disse aos Biscainhos, que estavaõ alli : *Vedes hi o vosso Senhor de Biscaya, que vos demanda por seus.* Isto feito mandou logo ElRey a João Fernandes de Hinstrosa, que se fosse a Roa, donde estava a Rainha de Aragaõ sua tia, mãy do dito Infante, e Dona Isabel sua mulher, e que as prendesse ambas; e não sabendo parte a mãy do filho, nem a mulher do mari-

marido , foraõ prezas em hũ dia, e ElRey chegou em outro , e fez-lhe tomar quanto tinhaõ, e mandou-as prezas a Castro Xeres, e dalli partio , e veyo-se a Burgos, onde esteve huns oito dias , e alli lhe trouxeraõ as cabeças daquelles que ouvistes , que mandára matar pelo Reyno quando o Mestre D. Fadrique foy morto.

CAPITULO XXIV.

Como foy quebrada a tregoa de hum anno , que havia entre os Reys, e comẽ ElRey D. Pedro ajuntou Armada para fazer guerra a Aragaõ.

NO's não dissemos a morte do Mestre D. Fadrique, e do Infante

fante D. Joaõ da maneira, que era
ouvistes por nos prazer de contar
as crueldades, (que este Rey ufava)
mas possemolas hum pouco assim
cumpridas mais que dos outros,
porque eraõ notaveis pessoas, e
para que visses a fõrma, que ElRey
teve em os matar. Onde sabey
que por esta causa, não embar-
gando que ainda durasse a tregoa
de hum anno, que o Cardeal pu-
zera entre ElRey D. Pedro de Cas-
tella, e o de Aragaõ, que tanto
que o Conde D. Henrique soube
que o Mestre D. Fadrique, seu ir-
maõ era morto, e isso mesmo dif-
ferãõ ao Infante Dom Fernando,
Marquez de Tortoza, da morte
do Infante D. Joaõ, seu irmaõ,
ajun-

ajuntáraõ logo suas gentes, e entráraõ por Castella; e o Conde entrou por terra de Soria, e chegou à Villa de Seirom, e roubou-a, e combateo ao Castello do Alcaçer, cuidando de o tomar, e tornou-se para Aragaõ; e o Infante D. Fernando entrou pelo Reyno de Murcia, e fez muito danno em aquella terra.

El Rey soube disto em Valhadolid, e poz logo Fronteiros contra Aragaõ, e veyo-se a Sevilha, e fez armar à pressa doze galès, e em as armando chegáraõ seis galès de Genoezes, que entaõ haviaõ guerra com os Catalãos, e prouve-lhe muito com ellas a El Rey, e tomou-as a soldo, dando por
mez

mez a cada huma mil dobrás cruzadas. Com estas de foito galès chegou a hũa Villa, que chamaõ Guardamar, que era do Infante D. Fernando, e fez ElRey huma manhã, que eraõ dezafete dias de Agosto, fahir muita gente de todas as galès para combater a Villa; e posto fosse bem cercada, tomou-a por força, e acolheraõ-se muitos ao Castello, e estando-o combatendo às horas de meyo dia alçou-se hum vento muy forte, que he travessia naquella terra, e como as galès estavaõ sem gente deu com todas detravès à costa, que não escapáraõ mais de duas, que jaziaõ dentro no mar, huma delRey, e outra dos Genoezes, e

às dezaseis mandou ElRey pôr o fogo, porque senão podiaõ reparar, e dos remos, e outros aparelhos não se salvou senão muy pouco, que puzeraõ em huma náõ de Laredo, que hi estava, e houve ElRey, e os Patrões das galès bestas, em que partiraõ dalli, das gentes de Goterre Gomes de Toledo, que chegáraõ hi elle, e outros com seiscentos de cavallo, e foyse ElRey muy triste com este máo successo, e todos os das galès de pé com elle muy nojosos; e chegou ElRey a Murcia, e foraõ-se os Genoezes para a sua terra em navios de Cartagena.

E ElRey mandou logo a Sevilha que fizessem à pressa galès, e
em

em oito mezes foraõ feitas doze galès novas, e repairadas quinze de outras, que estavaõ nas Terce-nas, e fez fazer muitas armas, e grande almazem, e mandou a-perceber todos os navios do Rey-no, e que não se fretassem para nenhuma parte; e partio ElRey de Murcia, foy-se à frontaria de Aragaõ, e ganhou alguns Castel-los, e tornou-se para Sevilha; e foy esta a quarta vez que ElRey D. Pedro entrou em Aragaõ.

CAPITULO XXV.

Como veyo o Cardeal de Bolonha para fazer paz entre ElRey de Castella , e ElRey de Aragaõ , e os não pode pôr de acordo.

E Stando ElRey assim em Sevilha, soube como D. Guilhem, Cardeal de Bolonha era na Villa de Almagom por tratar paz entre elle, e ElRey de Aragaõ , e fez saber o Cardeal a ElRey se lhe aprazia de elle hir a Sevilha, onde elle se achava , ou se aguardaria alli por elle , havendo de hir para aquella Comarca. ElRey era partido de Sevilha para a frontaria de Aragaõ quando lhe chegou este
reca-

recado em Villa Real , e disse que lhe aprazia muito com sua vinda, e que o aguardasse naquella Villa, porque elle hia directamente para ella, e foy assim que chegou hi El-Rey a poucos dias , e fallou o Cardeal a ElRey presentes os do seu Conselho , tudo o que lhe o Papa enviava a dizer , assim do nojo , que tomava por a guerra , em que era elle , e ElRey de Aragaõ , como do graõ prazer que haveria se os visse postos em paz.

ElRey respondeo que a guerra , que elle havia com ElRey de Aragaõ era muito por sua culpa, e contou ao Cardeal o que lhe aviera com o Cappitaõ de suas galès na Foz de Barrameda , como ouvistes,

vistes, e como fizera saber tudo a ElRey de Aragaõ, e que nunca quizera atentar por isso como devia; e de mais que mãdára a França por todos seus inimigos para lhe fazer com elles guerra. O Cardeal disse que queria hir fallar a ElRey de Aragaõ sobre isto; e ElRey disse que lhe prazia, e que de boa vontade haveria com elle paz, fazendo ElRey de Aragaõ estas cousas; primeiramente: *Que lhe entregasse aquelle Cavalleiro para delle fazer justiça onde elle quizesse, e que lançasse fóra do Reyno o Infante Dom Fernando, Marquez de Tortoza, seu irmão, e mais D. Henrique, e todos os outros, que vierão em ajuda da guerra, e que lhe dèsse*

os Castellos da Viola , e Alicante , e outros Lugares, que foraõ de Castella antigamente , e mais por as despesas, que fizera na guerra lhe tornasse quinientos mil florins.

O Cardeal posto que lhe parecessem isto cousas desarrefoadas, disse que lhe prazia de tomar cargo de hir fallar a ElRey de Aragaõ sobre isto. E chegou a Aragaõ , e contou a ElRey pelo miudo todas as cousas que lhe ElRey de Castella dissera. ElRey respondeo , dizendo assim : *Cardeal amigo bem vedes vós que se elle houvesse vontade de haver comigo paz, que me não demandaria taes cousas , como me envia requerer ; porque o Cavalleiro não he direito que o entregue para o matar,*

matar , pois não fez porque , mas isto quero-o fazer , mande-o acusar por direito, e se for achado, que merece morte , eu lho quero entregar prezo que o mande matar em seu Reyno. Ao que diz que envie fóra de meu Reyno D. Henrique, e Dom Tello , e Dom Sancho , seus irmãos, pois são seus inimigos , digo que me apraz se ficar com elle de acordo ; mas desterrar fóra do Reyno o Infante Dom Fernando , meu legitimo irmão , isto me parece estranho de pedir.

Os Lugares , que me requiere, que lhe entregue não tenho razão ; porque cá foraõ julgados a este Reyno por sentença del Rey D. Diniz de Portugal, e pelo Infante D. Joaõ de
Cas-

Castella, presentes muitos Fidalgos de seus Reynos, e elle, e eu temos cartas de como foraõ partidos.

As despezas, que fez na guerra, naõ sou obrigado de lhas pagar, porque senaõ começou por minha vontade, antes me pezou muito, e peza de ver entre mim, e elle tal desvario, mas tanto lhe farey se houvermos paz, que havendo elle guerra com El Rey de Granada, ou de Benamarim, que o quero ajudar seis annos com dez galès armadas à minha custa quatro mezes cumpridos; e se Mouros passarem a Hespanha, e lhe convier opporse, e darlhe batalha, o ajude com meu corpo, e gentes, e ser com elle no dia da batalha; doutra maneira dissei-lhe que
lhe

lhe requero da parte de Deos que me não queira fazer guerra, pois justa razão não tem, e se de outra sorte fizer, deixo-o todo na ordenança, e justiça de Deos.

Tornou o Cardeal a El Rey de Castella, e contou-lhe isto, que ouvistes. El Rey começou-se de queixar, dizendo que El Rey de Aragaõ não pezava a guerra, nem se queria chegar para haver avença com elle, mas que desta vez provaria cada hum para quanto era, porèm por elle entender, que lhe prazia de haver paz, que elle se partia das outras cousas, que lhe demandava, e que lhe dèsse os cinco Lugares, que lhe requeria, e que lançasse de seus Reynos seus

irmãos, e as gentes, que eraõ com elles.

O Cardeal foy com isto muy alegre, entendendo que pois se El Rey decia do que à primeira differa, que poderia aproveitar neste trato muito, e foy-se a Catalaud, onde El Rey de Aragaõ estava, e contou-lhe como El Rey de Castella por bem de paz requeria já fõmente estas duas cousas. El Rey de Aragaõ houve acordo com os do seu Confelho, e disse, que as gentes todas lançaria fóra, mas que nenhuma Villa, nem Castello entendia de dar de seu Reyno, e que El Rey de Castella devia ser bem contente da primeira reposta. Quando o Cardeal tornou com este

este recado, foy El Rey D. Pedro muy fanhudo dizendo que tudo eraõ razões pelo temor da Armada, que queria fazer, pelo que disse ao Cardeal que lhe perdoasse, porque não entedia de fallar mais nesta materia; mas continuar sua guerra o mais que pudesse.

Ao Cardeal pesou muito de tal resposta; e não podendo mais fazer, cessou de fallar em ella. El Rey muy agastado por tomar logo alguma vingança deu sentenças de morte contra o Infante D. Fernando, seu primo, e contra o Conde D. Henrique, seu irmão, e outros muitos Cavalleiros, por a qual razaõ os perdeo entã de todo o ponto, e o peyor disto foy,

Q

que

que mandou matar a Rainha Dona Leanor, sua tia, mãy do dito Infante Dom Fernando, e Dona Joanna de Lara, mulher de Dom Tello, seu irmão; nas quaes cousas cumprio sua vontade, e não fez muito do seu serviço, (cousa horrenda, que lhe foy muito estranhada,) e depois que mandou fazer estas, e outras cousas, poz seus fronteiros contra Aragaõ, e partio Dalmaçom, e veyo-se a Sevilha.

CAPITULO XXVI.

Como ElRey de Castella enviou pedir ajuda de galès a ElRey de Portugal, e como partio com sua Frota por fazer guerra a Aragaõ.

SENDO ElRey de Castella em tal desacordo com ElRey de Aragaõ, e tendo vontade de fazer grande Armada contra seu Reyno em este anno de 1397. posto que grande numero de Frota tivesse, (armada) assim de náos, como de galès, porèm não contente, mādou dizer a ElRey de Portugal, seu tio, por Joaõ Fernandes de Hinstrosa, seu Camareiro Môr, que lhe rogava, que as dez galès, que

Q ij

lhe

lhe havia prometido de dar em
 ajuda contra Aragón, que as man-
 daria aparelhar, e lhas enviasse,
 porque lhe eraõ agora muito ne-
 cessarias; e El Rey aprouve muito
 d'ello, e mandou logo armar de
 boas gentes dez gales, e huma ga-
 leota, e seu Almirante Micer Lan-
 çarote com ellas. El Rey como
 soube que as dez gales de Portugal
 eraõ prestes, partio de Sevilla no
 mez de Abril meyado com toda
 sua Armada junta, a qual consta-
 va de cinquenta naos de alto bordo,
 e oito gales suas, e duas galeotas,
 e quatro barcaffas, e mais tres ga-
 les del Rey de Granada, que lhe
 enviara em ajuda a seu requeri-
 mento,

Esteve ElRey em Algezira quinze dias aguardando por as galès de Portugal, e quando vio que tardavaõ partio para Cartagena, e ahi esperou todas suas náos, e foy sobre Guadamar, e tomou a Villa, e o Castello, e dalli foy pela costa combatendo alguns Lugares, que não pode tomar; e chegou ao rio, e veyo a cerca de Tortoza, Cidade de Aragaõ, e alli chegáraõ as dez galès de Portugal, que ElRey seu tio lhe enviára em ajuda, e prouve muito a ElRey com ellas, e a todos os da Frota; e tinha ElRey entaõ por todas quarenta e huma galès além das Fustas pequenas: e partio ElRey dalli com toda a Armada, e
che-

chegou a Barcelona huma vespera de Pascoa, onde estava El Rey de Aragaõ, e achou doze galès armadas, e não as pode tomar, porque se puzeraõ todas a travez junto com a Cidade, e dalli as defendiaõ com muita béstaria, e tiros; e esteve El Rey ante Barcelona cõ toda sua Frota tres dias, e dalli se foy à Ilha de Niça, e cercou hũa boa Villa, que tem o mesmo nome; e tendo-a assim apertada com engenhos, e bastidas, soube como El Rey de Aragaõ tinha armadas quarenta galès, com que estava na Ilha de Mayorgas, e queria peleijar com elle.

El Rey de Castella como isto soube disse, que lhe não cumpria
estar

estar mais em terra , nem curar mais do cerco daquelle Lugar, pois todo o feito da guerra havia de haver fim por aquella batalha, em que os Reys haviaõ de ser por seus corpos , e fez logo recolher toda sua gente à Frota, e meteo-se em huma grande galè , que fora dos Mouros , que passava quarenta cavallos sob-sota, e mandou fazer nella tres Castellos de madeira hum na proa , e outro na popa , e outro no meyo , e poz nella cento e sessenta homens de armas, e cento e vinte bésteiros , e partio El-Rey de Niça com toda sua Frota, e veyo-se a hum Lugar, que dizem Calpe, e alli ancoráraõ as náos, e galès junto da terra traz huma al-

ta

ta penha, que hi há, de forte que se não podiaõ ver, salvo de perto.

As galès de Aragaõ apparecêraõ dalli distantes à Villa atè duas legoas pouco mais dentro no mar; e eraõ quarêta, sem outros navios, e não vinha ElRey em ellas, porque os seus não quizeraõ, e ficou em Mayorcas; e ellas não haviaõ vista da Frota de Castella por causa daquella penha, que as encubria, e vinhaõ todas à vella em esta ordenança; em meyo dellas eraõ duas galès grossas com Castellos feitos, de que peleijassem, e em huma vinha o Conde de Cardona, e em outra D. Bernardo de Cabreira, Almirante de Aragaõ, e duas galès de guarda vinhaõ di-
ante

ante por grande espasão das outras, e muitas gentes de pé, e de cavallo por terra para as ajudarem se mister fizesse. As duas galès, que vinhaõ diante, como houeraõ vista das náos, e Frota de Castella abatéraõ vellas, e tomáraõ os remos; as outras todas como isto viraõ, fizeraõ logo o mesmo por se ordenarem à sua vontade; e sabendo parte das náos, que alli estavaõ, de que houeraõ muy grande receyo, não as oufáraõ de esperar no mar; mas logo essa tarde a horas de vespervas se metéraõ todas no rio de Denia.

El Rey D. Pedro fez logo pôr todos os seus promptos, tratando de que ao outro dia se désse batalha,

lha, porèm o mar era taõ sem vento , que se não podia aproveitar das náos ; e havido seu conselho, em que foraõ varios os pareceres, determinou, que pois a Armada dos inimigos jazia em tal rio, que por sua estreitura não podia peleijar com ella , que se fossem em tanto para Alicante por ver se que-riaõ depois peleijar. Assim se fez, e ElRey como dalli partio com sua Frota , as galès de Aragaõ vieraõ-se lançar em Calpe , onde a Frota de Castella jazia primeiro.

CAPITULO XXVII.

Como se partio o Almirante de Portugal com as dez galès, e como ElRey Dom Pedro desfarmou a Frota, e de outras cousas.

HAvendo seis dias que ElRey D. Pedro estava em Alicante, e vendo que a Armada de Aragoã não apparecia, partio daquelle lugar, e veyo-se para Cartageña; porque alli disse o Almirante de Portugal a ElRey, que seu senhor ElRey de Portugal lhe mandára, que estivesse com aquellas dez galès tres mezes, para hir onde quer que o elle mandasse, e que pois ostres mezes eraõ já passados, que

que não ousaria mais de estar alli, nem passaria o mandado de seu senhor. E ElRey de Castella quando isto ouvio, pesou-lhe muito, porque não quizera, que taõ azinha partira, e não podendo fazer, que se detivesse alli mais, deu-lhe licença que se viesse.

E tanto que as galès de Portugal se partiraõ acordou ElRey de deixar a Frota, e hir-se por terra para Castella; e mandou as galès todas para Sevilha, e deu lugar às náos, que se partissem, e elle veyo-se para Turdefilhas, onde estava Dona Maria de Padilha, mãy de seus filhos. As galès de Aragaõ, como fouberaõ que ElRey de Castella desfarmára a Frota, desfarmáraõ

raõ elles trinta galès suas, e deixá-
raõ dez, que andassem pelo mar,
por fazerem dano a alguns navios
de Portugal, ou de Castella, e foy
assim, que o fizeraõ a alguns, mas
poucos, e em pequenos navios.

Em esta occasiaõ no mez de
Setembro, o Conde D. Henrique,
e D. Tello, seu irmaõ, e alguns
Fidalgos, e Cavalleiros de Aragaõ
atè oitocentos de cavallo entráraõ
por Castella, por terra de Grana-
da, e Dom Fernando de Castro, e
João Fernandes de Hinistrosa, e
outros, que estavaõ na Frontaria
da Comarca de Almaçaõ com hũs
mil e quinhentos de cavallo, sahi-
raõ a elles, e foy de tal sorte, que
peleijáraõ junto de Moncayo, e
foy

foy vencido D. Fernando de Castro, e morto Joaõ Fernandes de Hinistrosa, e outros bons Fidalgos, e prezo Inhego Lopes de Orafco, e outros.

A El Rey D. Pedro pesou muito disto, e seus inimigos cobrãraõ grande esforço. E mandou neste anno matar em Carmona, onde estavaõ prezos, D. Joaõ, e D. Pedro, seus irmãos, filhos del Rey D. Affonso seu pay, e de Leãnor Nunes de Gusmaõ. Era D. Pedro de quatorze annos, e D. Joaõ de dezanove, moços innocentes, que nunca lhe mal merecãraõ. E por occasiaõ destas, e outras muitas cousas, que tendes ouvido, era El Rey D. Pedro taõ mal quisto, e a-

borre-

borrecido de todos , e haviaõ del-
le tamanho medo , que por ligei-
ra coufa se partiaõ delle , e se hiaõ
para Aragaõ para o Conde Dom
Henrique , assim como fez Diogo
Lopes Sarmiento, e Pedro Fernan-
des de Vellasco , e outros cõ mui-
tas gentes , que comfigo levavaõ,
em tanto que o Conde disse a El-
Rey de Aragaõ , que se quizesse
ordenar huma boa Campanha de
gente , que elle entraria com elles
por Castella , e que entendia de
nãõ achar quem lhe puzesse impe-
dimento. E quizera ElRey de boa-
mente, que se fizesse , mas que le-
vasse o Infante D. Fernando , seu
irmaõ a Cappitania delles, porèm
o Conde D. Henrique nãõ quiz ;
e por

e portanto se não fez naquella occasiaõ.

CAPITULO XXVIII.

Como o Cardeal de Bolonha quizera tratar paz entre os Reys, e não pode; e como as gentes delRey D. Pedro peleijáraõ com o Conde, e o desbaratáraõ.

VENDO o Cardeal de Bolonha (que andava em Aragaõ por havir, e concordar estes Reys) como ElRey D. Pedro havia perdido parte de sua gente em aquella batalha, que houvera o Conde D. Henrique com Dom Fernando de Castro, e como se alguns Cavalleiros partiaõ delle, e se hiaõ para
Ara-

Aragão, entendeu que por estas, e outras razões elle se chegaria a algũa boa avença para haver paz com ElRey de Aragaõ, o que fez a saber a ambos os Reys se lhes aprazia de fallar mais em isto, e outorgou cada hum que sim; e o Cardeal se veyo entaõ para Tudella, que he do Reyno de Navarra, e chegou ahi Guterre Fernandes de Toledo por Procurador delRey de Castella, e D. Bernardo de Cabreira, Procurador delRey de Aragaõ, e estiveraõ por dias, e não se avieraõ. ElRey D. Pedro como isto soube, partio de Sevilha para Leaõ, por quanto lhe disseraõ que o Conde Dom Henrique, e D. Tello, e outros Senhores de

Aragão se ajuntavaõ para entrar por Castella ; e dalli partio, e veyo a Valhadolid , sabendo como já eraõ entradas aquellas gentes em seu Reyno , e matáraõ os Judeos de Navarra , e de outros Lugares, e roubáraõ as Judarias.

O Conde chegou a Paõ-Curvo, e se deteve ahi alguns dias , e depois se partio para Navarra , e El-Rey foy là com o seu poder, e poufou em hum Lugar , que chamaõ Cofra , e ahi chegou a elle , hum Clerigo de Missa , natural de São Domingos da Calçada , e contou-lhe: *Que São Domingos lhe dissera em sonhos , que viesse a elle , e lhe dicesse , que fosse certo , que não se guardando do Conde D. Henrique,*
que

que elle o havia de matar por sua
maõ. ElRey cuidou que o Clerigo
lho dizia por induzimento ; po-
rèm o Clerigo affirmava que não,
e mandou-o queimar ante si.

E partio ElRey huma festa fei-
ra para Navarra , onde o Conde
estava ; e elle era fóra da Villa
com oitocentos de cavallo, e dous
mil homens de pè; e mandára pôr
o Conde ante a Villa , e hum ou-
teiro huma tenda, e hum pendaõ,
e os delRey , que hiaõ diante pe-
leijáraõ com o Conde , e vence-
raõ-no, e tomáraõ a tenda , e o
pendaõ , e morréraõ ahi parte dos
seus , e partio ElRey à tarde para
Cofra , onde tinha seu arrayal , e
em outro dia vindo para combater

Navarra , onde ficára o Conde , achou no caminho hum seu Escudeiro , que vinha fazendo pranto por hum seu tio, que lhe matáraõ, e ElRey o houve por hum forte sinal, e não quiz lá hir, e tornou-se para S. Domingos , e dahi a dous dias lhe disseraõ , que era partido o Conde para Aragaõ levando caminho de Navarra , e quizera-o ElRey seguir , e o Cardeal lhe aconselhou , que o não fizesse , que affaz avondava deixar-lhe suas Villas , e hirem-se.

ElRey mandou aos seus , que estivessem quedos , e daquelle lugar ordenou seus Fronteiros para os Lugares onde cumpria, e veyo-se para Sevilha ; e chegando elle
alli

alli foubẽ como hũ Cavalleiro de Aragaõ , que chamavaõ Matheus Murcede andava no mar com quatro galès fazendo dãno a Castelhanos , e a Portuguezes , pelo que fez armar cinco galès , e mandou em ellas hum seu bésteiro, que diziaõ Zoyzo, natural de Tortaria, que fosse em busca daquelle Corsario , e foy assim, que o achou na Costa de Berberia , onde peleijou com elle, e desbaratou-o , e trouxe as galès com elle prezo a Sevilla , e ElRey mandou-o matar, e a muitos dos que vinhaõ prezos com elle. Mas por agora deixemos a ElRey de Castella em Sevilla (com as suas tirãnias) matando, e prendendo aquelles, que vos de-

depois contaremos, e digamos algumas outras cousas, que este anno acontecêraõ em Portugal, que nos parece que he bem q̄ saibais.

CAPITULO XXIX.

Comõ El Rey D. Pedro de Portugal disse, que Dona Ignez fora sua mulher recebida, e da maneira, que nisso teve.

JA' tendes ouvido cumpridamente onde falámos na morte de Dona Ignez, * a razaõ, porque El Rey D. Affonso a matou, e o grande desvairo, que entre elle, e este Rey Dom Pedro, seu filho, sendo entaõ Infante, houve por esta occasiaõ. Ora assim he, que
em

em quanto Dona Ignez foy viva, nem depois da morte della em quanto ElRey feu pay viveo, nem depois, que elle reinou atè este presente tempo nunca ElRey Dom Pedro a nomeou por sua mulher, antes dizem que muitas vezes lhe enviára ElRey feu pay perguntar se a recebéra, que a honraria como sua mulher; e elle respondeo sempre, que não a recebéra, nem o era.

E poufando ElRey em esta occasião no Lugar de Cantanhede no mez de Julho, havendo já hūs quatro annos, que reinava, tendo ordenado de a declarar por mulher, estando ante elle Dom João Affonso, Conde de Barcellos, feu
Mor-

Mórdomo Môr , e Vasco Martins de Soufa , feu Chançarel, e Mestre Affonso das Leys , e João Esteves Privado , e Martim Vasques , Senhor de Ruões , e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e João Mendes, feu irmão , e Alvaro Pereira, e Gonçalo Pereira , e Diogo Gomes , e Vasco Gomes de Abreu, e outros muitos , que dizer não curamos , fez ElRey chamar hum Tabaliaõ, e presente todos , jurou aos Santos Evangelhos por elle corporalmente tocados , que sendo elle Infante, vivendo ainda ElRey feu pay , que estando elle em Bragança , podia haver huns sete annos , pouco mais , ou menos, não se acordando do dia , e mez, que

que elle recebéra por sua mulher legitima por palavras de presente, como manda a Santa Mãre Igreja, Dona Ignez de Castro, filha, que foy de D. Pedro Fernandes de Castro, e que essa Dona Ignez recebéra a elle por seu marido por semelhantes palavras, e que depois do dito recebimento a tivera sempre por sua mulher até o tempo de sua morte, vivendo ambos de commum, e de consuum, e fazendo-se maridança qual deviaõ.

E accrescentou ElRey D. Pedro: *Que por quanto este recebimẽto não fora publicado, nem claramente sabido a todos os do seu senbório em vida do dito seu pay, por temor, e receyo, que delle havia, que*
porèm

porèm elle por descarregar sua consciencia, e dizer a verdade, e não ficar duvida em alguns, que do dito recebimento tinhaõ não boa suspeita, se fora assim, ou não, que elle dava de si fé, e testemunho de verdade, que assim se passára de feito, como dito havia. E mandou àquelle Tabaliaõ, que presente estava, que désse disto instrumẽtos a quaesquer pessoas, que lhos requeressem; e por estaõ não se fez mais.

CAPITULO XXX.

Do testemunho, que alguns deraõ no casamento de Dona Ignez, e das razões, que sobre isso propoz o Conde Dom João Affonso.

PAssados tres dias, que isto foy, chegáraõ a Coimbra D. João Affonso, Conde de Barcellos, e Vasco Martins de Sousa, e Mestre Affonso das Leys em o Paço, onde entaõ liaõ Decretaes, sendo o Estudo em esta Cidade, presente hum Tabaliaõ chamáraõ duas testemunhas, a saber, D. Gil, que entaõ era Bispo da Guarda, e Estevão Lobato, criado delRey, aos quaes disseraõ, que pelo juramento

to

to dos Santos Evangelhos dicefsem a verdade do que fãbiaõ em feito do casamento delRey Dom Pedro com Dona Ignez, e perguntado cada hum por si a de parte, o Bispo disse primeiramente: *Que andando elle com o dito Senhor, e sendo entãõ Dayaõ da Guarda, que em aquelle tempo sendo ElRey Infante, e Dona Ignez com elle, pousavaõ na Villa de Bragança, e que elle Senhor o mandára chamar hum dia à sua Camara, sendo Dona Ignez presente, e que lhe dissera, que a queria receber por sua mulher, e que logo sem mais detença o dito Senhor puzera a mão nas suas mãos delle, e isso mesmo a dita Dona Ignez, e que os recebêra ambos por palavras de*
pre-

presente, como manda a Santa Madre Igreja, e que os vira viver de consuum até morte de Dona Ignez; e que isto podia haver sete annos, pouco mais, ou menos; mas que se não acordava do dia, e mez, em que fora; e deste feito não disse mais.

E semelhantemente foy perguntado Estevão Lobato, e disse: Que sendo ElRey Infante, e pousando em Bragança, que o mandára chamar à sua Camara, e que lhe dissera, que o mandára chamar porque sua vontade era de receber Dona Ignez, que presente estava, e que queria, que fosse disso testemunha, e que o Dayão da Guarda, que hi estava presente tomára o dito Infante por huma mão, e ella por outra,
e que

e que entaõ os recebêra ambos por aquellas palavras, que se costumaõ dizer em taes desposorios, e que os vira viver juntamente até o tempo da morte della; e que isto fora em o primeiro dia de Janeiro, podia haver sete annos, pouco mais, ou menos.

E tanto que estes foraõ perguntados, e escritos seus ditos, segundo ouvistes, fizeraõ logo juntar, que para isto já estavaõ presentes D. Lourenço, Bispo de Lisboa, e D. Affonso, Bispo do Porto, e D. João, Bispo de Vizeu, e D. Affonso, Prior de Santa Cruz desse Lugar, e todos os Fidalgos antes nomeados, e outros muitos, que não diflemos, e os Vigairos, e Cleresia, e muito outro povo, assim

Eccle-

Ecclesiastico , como secular , que para isto ahi se ajuntou ; e feito silencio a bem escutar , começou a dizer o Conde D. Joaõ Affonso.

Amigos deveis de saber, que El-Rey nosso Senhor, que ora he, sendo Infante passa já de buns sete annos, estando entaõ em a Villa de Bragança, sendo El-Rey seu pay vivo, recebeu por sua mulher legitima por palavras de presente a Dona Ignez de Castro, filha, que foy de D. Pedro Fernandes de Castro, e ella isso mesmo recebeu a elle, e sempre o dito Senhor a teve depois por sua mulher, fazendo-se maridança, qual deviaõ atè o tempo de sua morte; e por quanto estes recebimentos, e casamento não foy publicado a todos os
do

do Reyno em vida do dito Rey Dom Affonso por medo, e receyo, que seu filho delle havia casando de tal sorte sem seu mandado, e consentimento; porèm q̃ agora El Rey nosso Senhor por desencarregar sua alma, e dizer a verdade, e não ficar duvida a alguns, que deste casamento parte não sabiaõ se fora assim, ou não, fez juramento aos Santos Evangelhos, e deu disso fè, e testemunho de verdade, que foy desta sorte, que o eu digo, segundo vereis por hum instrumento, que disto tem feito Gonçalo Pires, Tabaliaõ que aqui està, e mais vereis o dito do Bispo da Guarda, e de Esteuaõ Lobato, que aqui estaõ, que foraõ presentes no dito casamento. E entaõ lhes fez cumprida-

damente ler todo o testemunho, que ambos sobre isso deraõ.

E porque vontade delRey nosso Senhor (disse elle) he que isto não seja mais encuberto, antes lhe praz que o saibaõ todos, por ser arredada a grande duvida, que sobre isso adiante podia recrecer, pelo que me mandou que vo lo notificasse, e dicesse tudo isto por tirar suspeita de vossos corações, e ser a todos claramente manifesto; mas porque não embargando tudo o que eu disse, e vos ora aqui foy lido, e declarado, alguns poderãõ dizer que tudo isto não abastava, se abi despensação não houvesse por o grande divido parentesco, que entre elles havia, sendo ella sobrinha delRey nosso senhor, filha

de seu primo com irmão, me mandou que vos certificasse de tudo, e vos mostrasse esta Bulla, que houve no tempo de Infante, em que o Papa dispensou com elle, que pudesse casar com qualquer mulher, posto que lhe chegada fosse tanto, e mais como Dona Ignez era a elle.

Entaõ publicáraõ perante todos hũa Letra do Papa Joaõ XXII. que dizia nesta fôrma.

Joaõ Bispo, servo dos servos de Deos, ao muy amado filho Infante D. Pedro, primogenito do muy amado em Christo nosso filho muy claro Rey de Portugal, e do Algarve Afonso, saude, e Apostolica bençaõ. Se o rigor dos Santos Canones poem defeza, e interdicto sobre a copula
do

do Matrimonial ajuntamento, querendo que se não faça entre aquelles, que por algum divido de parentesco são conjuntos por guarda da publica honestidade, aquelle porèm, que he às vezes Bispo de Roma de poderio absoluto, que em lugar de Deos dispensando pôde por especial graça pôr temperança sobre tal rigor; pelo que nós de movido a cerca da tua pessoa com especial favor por algumas razões, de que ao diante esperamos paz, e folgança em esses Reynos querendo condescender a tuas preces, e del Rey D. Affonso, teu pay, que por suas letras por ti a nós humildosamente suplicou para casares com qualquer nobre mulher devota à Santa Igreja de Roma, ainda que por li-

inha transversa de huma parte no segundo gráo, e da outra no treceiro sejais devidos, e parentes; e isso mesmo ainda que por razaõ de outras duas linhas colatricaes seja embargo de parentesco, ou cunhadia entre vós no quarto gráo licitamente por Matrimonio vos podesseis ajuntar. Nós por Apostolical authoridade de especial graça, tudo tiramos, e demovemos, e dispensamos comtigo, e com aquella com quem casares de nosso Apostolico poderio, que a geração, que de vós ambos nascer possa ser legitima sem outro impedimento. Pelo que nenhum homem seja usado presumtuosamente hir contra esta nossa dispensação, doutra maneira seja certo incorrer na ira, e sanha

nha de todo poderoso Deos , e dos Bemaventurados S. Pedro, e S. Paulo Apostolos. Dada em Avinhão, duodecimo Calendas de Março ; do nosso Pontificado anno nono.

Acabada de ler assim esta Carta disse então o Conde presente elles todos : *Que elle por guarda , e em nome dos Infantes D. João , e D. Diniz, e Dona Briatriz, filhos, que eraõ dos ditos Senhores , queria tomar certos instrumentos para cada hum d'elles. E requereo ao Tabaliaõ que lhos d'esse. Partiraõ-se então todos para as poufadas, não faltando a cada hum razões duvidosas, que fossem entre si fallando sobre esta historia.*

CAPITULO XXXI.

*Razões contra isto de alguns , que
ahi estavaõ duvidando muito
em este casamento.*

A Cabadas as razões , que ou-
vistes, ditas presente Letra-
dos , e outros muitos do povo , a-
quelles, que de chaõ, e simples en-
tender eraõ , não escoldrinhando
bem o tecimento de taes cousas, li-
geiramente lhe deraõ fé , outor-
gando ser verdade tudo, o que alli
ouviraõ. Outros mais sutiz Letra-
dos , e bem discretos , que os ter-
mos de tal feito muy delgado in-
vestigáraõ , buscando se aquillo ,
que ouviraõ podia ser verdade, ou
por

por o contrario , não recebêraõ isto em seus entendimentos , parecendo-lhes de todo ser muito contra razão ; porque certamente o crer da couza ouvida está na razão , e não na vontade , porêm o prudente homem , que tal couza ouve, que sua razão não quer conceber, logo se maravilha duvidando muito ; pelo que foraõ affaz dos que alli estiveraõ de tal historia não muy contentes, vendo que aquillo que lhe fora proposto nenhum alicerse tinha de razão ; e se alguns quizerem perguntar , porque presumiaõ os taes ser tudo fingido, as razões delles , que nos bem claras parecem , sejaõ reposta contra aquelles , que defendiaõ
fer

fer tudo verdade suas razões, em esta maneira.

Não quizerão consentir os antigos, que nenhum resoado homem sendo em sua saude, e inteiro fizo, se pudesse delle tanto a senhorear o esquecimento, que toda cousa notavel passada, sempre della não houvesse lembrança, allegando aquelle claro lume da Filosofia Aristoteles em hum breve tratado, que disto compoz; e porque todas as cousas presentes, ou que são por vir não cumpre haver nenhuma memoria, e ao das cousas passadas, que já acontecéraõ era necessaria a lembrança, dizendo, que a memoria he dita quando a imagem vista, ou vida de alguma

guma

guma cousa do homem he sempre presente na virtude memorativa, e reminiscencia, e quando alguma cousa feita, ou ouvida sahe da virtude memorativa, e depois tornar a lembrar por ver semelhante cousa, assim como se eu cazey, ou me foy feita huma grande mercè, ou fuy chamado a hum grande conselho em hum dia de Pascoa, ou Janeiro, ou outro dia affinado do anno, e depois me vem a esquecer não o tendo sempre presente na memoria, vendo depois outra volda, ou alguma das outras cousas, que acontecêraõ em semelhante dia; lembrarme-há entonces que cazey em dia de Pascoa, ou outra qualquer cousa, que me succedeo,

se

se vejo alguma semelhante, ou me perguntarem, porque convem que me lembre o dia, e a causa, posto que me esqueça o conto dos annos, ou dos dias, em que foy.

Tambem dizem, que tornavaõ ainda a lembrar por outra contraria maneira, assim como, se eu cazey em dia de Pascoa, e depois de alguns annos morre-me a mulher em outro tal dia, ou houve graõ prazer em dia de Natal, e depois graõ desgosto em semelhante dia, necessario he, que me lembre o prazer primeiro, posto que o conto dos annos, ou dias me esqueçaõ, porque he cousa, que não causa disposiçaõ na memoria; porèm o dia affinado, em que me tal
cousa

cousa aveo, nunca se tira de todo o ponto, que depois não torne a lembrar cumpridamente, porque tal dia he effencia de relembração, que o processo do tempo não gasta; pelo que não he cousa, que possa ser, estando homem em sua saude, que lhe cousa notavel esqueça, posto que lhe o conto dos dias esqueça, que he transitorio, e não da effencia do lembramêto.

Pois como pôde cabir em entendimento de homem (diziaõ elles) que hum casamento taõ notavel, como este, e que tantas razões tinha para ser lembrado, houvesse em taõ pequeno espasso de esquecer, assim àquelle, que o fez, como aos que forã presentes, não lhe lembrando o dia,

dia, nem o mez; certamente busca-
da a verdade deste feito, a razão isto
não consente. Porque deixadas to-
das as razões, que hi havia para se
elle Rey lembrar bem quando fora
assim, como a tomada de Dona Ignez,
e o grande desvairo, que por tal azo
houve com seu pay, des abi o grande
tempo, que tardou até que o fizesse,
e a grande deliberação, com que se
moveo ao fazer, e o segredo, com que
o poz àquelles, que dizem que forão
presentes; e deixando tudo isto, só-
mente por ser feito em dia de Janeiro,
que he o primeiro dia do anno,
segundo disse Estevaõ Lobato, de mais
festa taõ assinada do Paço do Infan-
te, e por todo o Reyno, isto só era a-
bastante affaz para ser lembrado o
dia,

dia, em que a recebêra, posto que longo processo de annos houvesse.

Outra razão notavaõ ainda a parecer fingido tudo, o que ouvi-
raõ, dizendo: *Que se ElRey dava em seu testemunho, que com temor, e receyo de seu pay não ousára descu-
brir este casamento em sua vida del-
le, quem lhe tolhêra depois que El-
Rey morreo, que logo o não descu-
brisse, sendo em seu livre poder, e alvedrio, pois lhe aprazia tanto de ser sabido? Mais diziaõ: Que este feito queria parecer semelhante a ElRey Dom Pedro de Castella, que posto que elle mandasse matar Dona Branca, sua mulber, em quanto Dona Maria de Padilha foy viva, que elle tinha por sua manceba, nan-*

ca lhe alguém ouvio dizer, que ella fosse sua mulher; e depois que ella morreo em humas Cortes, que fez em Sevilha alli declarou perante todos, que primeiro casára com ella, que com Dona Branca, nomeando quatro testemunhas, que forão presentes, os quaes por juramento certificáraõ logo, que assim fora, como elle dizia, e des entaõ mandou elle que lhe chamassẽm Rainha, posto que já fosse morta, e os filhos Infantes; e fez logo a todos fazer menagem a hum filho, que della houvera, que chamavaõ D. Affonso, que o tomassem por Rey depois de sua morte. Por onde diziaõ os que isto, e outras razões secretamente entre si fallavaõ, que a verdade não buscava

cava cantos, muito encuberta andava em taes feitos.

E assim porque o entender he disposto sempre para obedecer à razão, muitos que entonces isto ouviraõ, deixáraõ de crer o que dantes criaõ, e apegáraõ-se a este rasoado, mas nós, que não por determinar se foy assim, ou não, como elles disseraõ; mas sómente por ajuntar em breve o que os antigos notáraõ em escrito, * puzemos aqui parte do seu rasoado deixando cargo ao que isto ler, que destas oppiniões escolha qual quizer.

CAPITULO XXXII.

Como os Reys de Portugal, e de Castella fizeraõ entre si avença, que entregassem hum ao outro alguns, que andavaõ seguros em seus Reynos.

Porque o fructo principal d'alma, que he a verdade, pelo qual todas as cousas estaõ em sua firmeza, ella há de ser clara, e não fingida, mayormente nos Reys, e Senhores, em que mais resplandece qualquer virtude, ou effeito, ou seu contrario, houveraõ as gētes por muy graõ mal hum muito davorrecer escaibo, ou (contrato) que este anno entre os Reys de
Por-

Portugal, e de Castella foy feito; em tanto que posto que escrito achamos * del Rey de Portugal, que a toda a gente era mantedor de verdade, nossa tenção he não o louvar, pois contra seu juramento foy cõsentidor em tão fea cousa como esta, onde assim aconteceo, segundo dissemos, que na morte de Dona Ignez, que El Rey D. Afonso, pay del Rey Dom Pedro de Portugal, sendo entã Infante, mandou matar em Coimbra, foraõ muy culpados, pelo Infante, Diogo Lopes Pacheco, e Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves, Meirinho Mõr, e outros muitos, que elle culpou; mas assinaladamente teve contra estes o Infante muy

T

gran-

grande rancura , e odio ; e fallando verdade , Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho , eraõ niſto affazmente culpados.

Mas Diogo Lopes não , porque muitas vezes elle mandára perceber o Infante por Gonçalo Vasques , ſeu privado , que guardaffe aquella mulher da ira delRey ſeu pay ; porèm depois de tudo iſto , foy ElRey d'acordo com o Infante ſeu filho , e perdoou o Infante a eſtes , e a outros , que ſuſpeitava ; e aſſim meſmo perdoou ElRey aos do Infante todo o queixume , que delles havia , e foraõ ſobre iſſo grandes juramentos , e promeſſas feitas , como cumpridamente tendes ouvido ; * e vive-
raõ

raõ affim seguros Diogo Lopes, e os outros no Reyno em quanto ElRey D. Affonso viveo; e sendo ElRey doente em Lisboa de dor, de que estonce finou, fez chamar Diogo Lopes Pacheco, e outros, e disse-lhes:

Que elle sabia bem, que o Infante Dom Pedro, seu filho, lhes tinha má vontade, sem embargo das juras, e perdaõ, que fizera da maneira, que elles bem sabiaõ; e que por quanto elle se sentia muy chegado à morte, lhes dizia, e aconselhava que lhes convinha muito de se porrem em salvo fóra do Reyno, porque elle não estava já em termos de os poder defender delle se lhes alguns nojos quizesse fazer. Elles se partiraõ

logo de Lisboa , e se foraõ para Castella , andando entaõ o Infante D. Pedro no monte à caça além do Tejo , em huma Ribeira , que chamaõ de *Canha*, que são oito legoas da Cidade ; e ElRey de Castella os recebeo de bom grado ; e haviaõ delle bem fazer , e mercè , vivendo em seus Reynos seguros , e sem receyo.

E assim foy , que deõ pois que o Infante D. Pedro reinou deu sentença de traiçaõ contra elles , dizendo : *Que fizeraõ contra elle , e contra seu Estado , cousas , que não deviaõ de fazer* : e deu os bens de Pedro Coelho a Vasco Martins de Soufa , Rico homem , e seu Chancel Mõr , e os de Alvaro Gonçalves,

çalves , e Diogo Lopes a outras
pessoas , como lhe aprouve, e fez
ElRey em alguns destes bens tan-
tas , e taes bem feitorias , e outras
repartio em tantas partes, que de-
pois que elle morresse nunca mais
os podessem haver aquelles, cujos
foraõ, nem tirar àquelles, a quem
os assim dava.

E semelhante mente fugiraõ de
Castella nesta occasiaõ, com te-
mor delRey, que os mandava ma-
tar , D. Pedro Nunes de Gusmaõ,
Adiantado Mõr da terra de Lezaõ,
e Mem Rodrigues Tenorio, e Fernãõ
Guodiel de Toledo, e Fernãõ
Sanchez Caldeiraõ , e viviaõ em
Portugal na mercè delRey D. Pe-
dro, crendo não receber danno.

Tam-

Tambem os Portuguezes, como os Castelhanos; porque rasoadá fé lhes dera ousado contentamento nas fraldas da segurança, a qual não sendo bem guardada pelos Reys, fizeraõ caladamente humatal avença, que El Rey de Portugal entregasse prezos a El Rey de Castella os Fidalgos, que em seu Reyno viviaõ, e que elle outro sim lhe entregaria Diogo Lopes Pacheco, e os outros ambos, que andavaõ em Castella. E ordenáraõ, que fossem todos prezos em hum mesmo dia, porque a prizaõ de huns não fosse aviso aos outros; e que aquelles, que levassẽ prezos os Castelhanos até o Estremo do Reyno recebessem os Por-
tu-

tuguezes , que trouxessem de Castella.

CAPITULO XXXIII.

Como Diogo Lopes Pacheco escapou de ser prezo , e os outros foraõ entregues, e logo mortos cruelmente.

FEito aquelle contrato desta maneira , foraõ em Portugal prezos os Fidalgos, que dissemos, e naquelle dia , que o recado del-Rey de Castella chegou ao Lugar, onde Diogo Lopes , e os outros estavaõ para haver de serem prezos , aconteceu que essa manhã muito cedo fora Diogo Lopes à caça dos perdigões , e prezos Pedro Ccelho, e Alvaro Gonçalves, quan-

quando foraõ buscar Diogo Lopes, acháraõ, que não estava no Lugar, e que se fora pela manhã à caça, cerráraõ entaõ a porta da Villa para que ninguem lhe levasse recado para o avisar, e esperavaõ-no assim estando para o prender à vinda; e hum pobre manco, * que sempre em sua casa havia recebido esmola quando Diogo Lopes comia, e com quem algumas vezes zombava, vendo como se passavaõ estas cousas, tratou consigo, e cuidou muito em o avisar no caminho, antes que chegasse ao Lugar, para o que soube secretamente para qual parte Diogo Lopes fora; e chegando às guardas da porta, lhes pedio, que o deixassem

xassem fahir fóra a buscar sua vida.

E elles, que de tal homem nenhuma coufa suspeitavaõ, abriirão a porta , e deixáraõ-no fahir , e elle andou quanto pode por onde entendeo que Diogo Lopes viria; e achou-o já vir com seus Escudeiros muy descuidado das novas, que lhe elle levava ; e dizendo o pobre a Diogo Lopes: *Que lhe queria fallar* , quizera-se elle escusar de o ouvir , como quem pouco suspeitava que lhe trazia tal recado; profiando porèm o pobre que o ouvifse, contou-lhe em segredo como huma guarda delRey de Castella com muitas gentes chegáraõ ao feu paço para o prender depois q os outros foraõ prezos; e isso mes-

mo

mo de que maneira as portas esta-
vaõ guardadas, porque ninguem
fahisse para o avisar.

Diogo Lopes tanto que isto
ouvio, ficou sobrefaltado, e logo
entendeo o que era, e o medo da
morte o fez turbar todo, e pôr em
grande pensamento, e cuidado; e
o pobre lhe disse, quando o assim
vio: *Tomay o meu conselho, e servos-
há proveitoso. Apartay-vos dos vos-
sos, e vamo-nos a hum valle, não
longe daqui, e alli vos darey a ma-
neira, como vos ponhaes em salvo.*
Entaõ disse Diogo Lopes aos seus:
*Que andassem por alli perto caçan-
do, porque elle só queria hir com a-
quelle pobre a hum valle, onde lhe
dizia que havia muitos perdigoens.*

Fizeraõ-no assim, e foraõ-se ambos àquelle Lugar, e alli lhe disse o pobre : *Que se queria escapar, que vestisse os seus fatos rotos, e assim a pé andasse quanto pudesse atè dar na estrada, que hia para Aragaõ, e que com os primeiros Almocreves, que achasse se metesse por soldada; e assim com elles de volta fosse seu caminho, que por esta via, ou com hum habito de frade, se depois o haver pudesse, se puzesse em salvo no Reyno de Aragaõ; porque por força havia de ser buscado pela terra.*

Diogo Lopes tomou o feu cõselho, e foy-se a pé daquella maneira. E o pobre não tornou logo para a Villa. Os seus aguardáraõ por muy grande espaffo, e vendo
que

que não vinha , foraõ-nõ buscar contra onde elle fora ; andando em busca delle acháraõ a besta andar só , e cuidáraõ que cahira della , ou lhe fugira , e buscando-o com mayor cuidado foy a detença com isto taõ grande , que se fazia já muito tarde , e vendo como o não podiaõ achar , leváraõ a besta , e foraõ-se ao Lugar, não sabendo que cuidassem em tal feito.

E quando chegáraõ , e viraõ de que forte o aguardavaõ , e souberaõ da prizaõ dos outros , ficáraõ muy espantados ; e logo entendéraõ que era fugido ; e perguntados por elle , disseraõ , que caçando só se perdéra delles, e que buscando-o acháraõ a besta, e não a elle,

a elle, e que com aquillo foraõ detidos atè aquellas horas, e que não sabiaõ que cuidassem, senão que jaria em algum lugar morto ; e os que tinhaõ cuidado, ou cargo de opprender , foraõ-no buscar por diversas partes sem effeito , e do que lhe succedeo no caminho , e como passou por Aragaõ , e se foy a França para o Conde D. Henrique , e de que sorte lhe fez roubar os campos , não curamos de dizer mais por não sahir fóra do proposito.

Quando ElRey de Castella foubé , que Diogo Lopes não fora tomado teve grande pezar , e não pode mais fazer. Entaõ enviou Alvaro Gonçalves , e Pedro Coelho
bem

bem prezos, e arrecadados a El-Rey de Portugal, seu tio, segundo era ordenado entre elles, e quando chegáraõ ao estremo acháraõ ahi Mem Rodrigues Tenorio, e os outros Castelhanos, que lhe El-Rey D. Pedro enviava; e alli dizia depois Diogo Lopes, fallando nesta historia: *Que se fizera o troco de burros por burros*, (porèm se elle não escapára por virtude da esmola, houvera de entrar na mesma conta.) E foraõ levados a Sevilha, onde El-Rey entaõ estava, aquelles Fidalgos, que já nomeamos, e alli os mandou El-Rey matar todos. E a Portugal foraõ trazidos Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho, e chegáraõ a Santarem, onde

onde ElRey D. Pedro se achava, o qual com prazer de sua vinda (porèm muito magoado, porq̄ Diogo Lopes fugira) os sahio logo a receber fóra, e com ira cruel, sem piedade os fez por sua mão meter a tormento, querendo que lhe confessassem a verdade quaes forão culpados na morte de Dona Ignez, e que era o que seu pay tratava contra elle quando andavaõ defavindos por causa da morte della, e nenhum delles lhe respondeo a taes perguntas coufa, que a ElRey aprouvesse.

E ElRey com queixume, dizem que deu hum açoute no rosto a Pedro Coelho, e elle (exasperado) se soltou entaõ contra ElRey
em

em palavras injuriosas , chamando-lhe : *Traidor , sem fé , prejuro , algoz , carniceiro dos homens*. E El-Rey dizendo , que lhe trouxe sem febola , e vinagre para o coelho , enfadou-se delles , e mandou-os matar.

A maneira de sua morte sendo dita pelo miudo seria muy estranha , e crua de contar ; porque mandou tirar o coração pelos peitos a Pedro Coelho , e a Alvaro Gonçalves pelas espadas ; e quaes palavras houve , e aquelle , que lho tirava , que tal officio havia pouco em costume , seria bem durida cousa de ouvir ; e em fim mandou-os queimar ; e tudo foy feito ante os Paços , onde elle pousava , de sorte
que

que comendo estava vendo executar quanto mandava fazer.

Muito perdeu El Rey de sua boa fama por tal escaibo, (ou contrato) como este ; o qual foy havido em Portugal , e em Castella por muy grande mal, dizendo que todos os bons, que o ouviaõ diziaõ : *Que os Reys erravaõ muito indo contra suas verdades , pois que estes Cavalleiros estavaõ sobre segurança acoutados em seus Reynos.*

CAPITULO XXXIV.

De algumas cousas , que ElRey D. Pedro de Castella mandou fazer, e como fez paz com ElRey de Aragoã entrando em seu Reyno.

NO's deixámos ante disto El-Rey Dom Pedro de Castella em Sevilha prendendo , e matando como lhe vinha em vontade , e contamos a morte de alguns , que depois matou, com outras cousas, que se em Portugal em esta fezaõ passáraõ no anno de 1398. e depois que se fez aquelle feo escaibo dos Cavalleiros de hum Reyno a outro , segundo ouvistes em seu lugar , mandou ElRey D. Pedro

ma-

matar Goterre Fernandes de Toledo, seu Reposteiro Mór, e trouxeraõ-lhe a cabeça delle, e Gomes Carrilho, filho de Pedro Rodrigues Carrilho, indo muy alegre em huma galè, em que ElRey fingio que o mandava para lhe entregarem a Villa de Algesira, para estar alli por Fronteiro, o Patraõ cortou-lhe a cabeça, que mandou a ElRey, e deitou-lhe o corpo ao mar; e foy preza a mulher, e os filhos deste Gomes Carrilho, e mandou ElRey matar hum Cavalleiro de Castella, que chamavaõ Diogo Lopes de Arvelos.

E deitou fóra do Reyno Dom Vasco, Arcebispo de Toledo, depois que matou seu irmaõ Gó-

terre Fernândes , e mandou-lhe tomar quanto tinha , que nem sómente hum livro levou comfigo, nem roupa, senão a que tinha vestida , e veyo para Portugal, (onde viveo algum tempo,) e morreo em Coimbra. Mandou prender Dom Samuel Livid , seu Thesoureiro Môr , e grão Privado do seu Conselho , e quantos parentes tinha pelo Reyno em hum dia, e tomou a elle , e aos outros todos quanta riqueza lhe achou ; e foraõ-lhe dados grandes tormentos , e nas Terecenas de Sevilha prezo morreo.

Em este anno cuidou ElRey D. Pedro haver guerra com ElRey Vermelho de Granada, que diziaõ
que

que tinha a parte delRey de Aragaõ. E este Rey Vermelho lançára ElRey Mafoma fóra do Reyno, mas logo fez preitezia com ElRey D. Pedro, que o não torvasse com ElRey Mafoma, seu inimigo, posto que houvesse ElRey graõ sanha delle, porque lhe em tal tempo quizera fazer guerra; e isto asfio-
cegado, no mez de Janeiro da era de 1399. foy-se ElRey a Almaçaõ com muitas Companhias, que comfigo levava para entrar no Reyno de Aragaõ, e foraõ desta vez em sua ajuda seiscentos Portuguezes, e hia por Capitaõ delles o Mestre de Aviz, Dom Mártim do Avelar, bom Fidalgo, e muito honrado, e de que todos se tiva-

raõ

raõ por contentes; ganhou ElRey de Castella em Aragaõ desta vez alguns Lugares.

E o Cardeal de Bolonha, Legado do Papa fallou com ElRey, que não désse lugar a se derramar tanto sangue como estava prestes; porque ElRey de Aragaõ com todo seu poder estava disposto para peleijar com ElRey de Castella, que via que por guerra guerreada não podia igualar com elle. E tinha ElRey de Castella entaõ seis mil de cavallo, e muita gente de pé; e receando-se delRey Vermelho de Granada, que lhe diziaõ que tinha feito liga com ElRey de Aragaõ para lhe fazer guerra, se mais durasse aquella contenda, pela

pela qual razão se desencaminhavaõ muito seus feitos, fez paz com ElRey de Aragaõ fingida, e muito contra sua vontade.

E foy (com estas condiçoens)
Que ElRey de Aragaõ enviassse fóra do Reyno o Conde D. Henrique, e D. Tello, e D. Sancho, seus irmãos, e os Cavalleiros, e Escudeiros de Castella, que com elles estavaõ em Aragaõ, e que ElRey de Castella lhe tornasse todos os Lugares, que lhe tinha tomados de seu Reyno, e dahi em diante fossem amigos. E foraõ disto feitas escripturas, e apregoada a paz no Arrayal. E aprouve disto muito a quantos ahi eraõ, porque a guerra, que faziaõ era muito contra sua vontade.

CAPITULO XXXV.

De algumas entradas, que ElRey de Castilla este anno fez no Reyno de Granada, e como ElRey Vermelho se veyo pôr em seu poder cuidando de ser seguro, e ElRey o mandou matar.

TAnto que ElRey veyo de Aragaõ, e chegou a Sevilha, juntou suas gentes por fazer guerra a ElRey Vermelho de Granada, dizendo que queria ajudar a ElRey Mafoma, e que por sua causa fizera paz com Aragaõ contra sua vontade, e veyo-se para elle ElRey Mafoma com quatrocentos de cavallo, e entrou em companhia

panhia delRey D. Pedro, e chegou ElRey a Antequeira, e não a pode tomar, e tornou-se, e mandou entrar os seus na Veiga de Granada, que eraõ seis mil de cavallo, e vencéraõ os Christãos duas peleijas, e foraõ dos Mouros mortos, e cativos muitos. Em outra peleija foraõ os Christãos vencidos, e algũs mortos; e foy prezo o Mestre de Calatrava, e Sancho Peres da Vala, e outros; e cuidando ElRey Vermelho, que fazia prazer a ElRey Dom Pedro, fez grande recebimento, e agasalhado ao Mestre, e aos outros, cuidando d'amançar a vontade delRey, e soltou o Mestre, e alguns Cavalleiros dos outros, e deu-

deu-lhes de suas joyas, e enviou-os a El Rey.

Elle lhe agradeceo muy pouco taõ grãde presente ; mas a poucos dias fez outra entrada , e ganhou quatro Lugares de Mouros, e poz recado nelles , e tornou-se a Sevilha , os Mouros combatéraõ hum destes Lugares, que chamaõ Sagra , e furando o muro entrando-o por força , preitejou-se Fernaõ Delgadilho , que o tinha , e foy posto em salvo , e veyo-se para El Rey, e El Rey mandou-o matar ; e deu El Rey outra vez volta em Granada, e ganhou outros Lugares , e tornou-se a Sevilha. Os Mouros aggraváraõ-se todos dizendo a El Rey Vermelho , que por

por a contenda , que elle havia com ElRey Mafoma entrára já El-Rey de Castella tres vezes na terra , e que se perdia o Reyno de Granada.

E ElRey houve disto receyo. E vendo que não podia levar adiante aquillo, que começára, houve conselho de se vir pôr em poder , e mercè delRey de Castella, (parecendo-lhe) que ElRey des q̄ o visse , haveria piedade delle , e teria com elle alguma boa maneira ; e partio logo de Granada com quatrocentos de cavallo, e duzentos de pè , e chegáraõ ao Alcaçar de Sevilha , onde ElRey D. Pedro estava , e fizeraõ-lhe grandes reverencias, e ElRey os recebeo muy bem.

bem. Entaõ lhe falou hum Mouro por El Rey de Granada, dizendo entre outras cousas: *Que bem se poderia defender del Rey Masoma, que era seu contrario, mas delle, que era seu Rey, e Senbor não se podia defender, e que havendo conselho sobre isto, o melhor acordo, que achára, fora pôr-se em seu poder, e mercé, a quem pedia que tomasse aquelle feito em sua mão, e que o punha em seu juizo, e que se sua vontade era doutra maneira fosse sua mercé de mandar pôr elle, e os seus além mar em terra de Mouros.*

E El Rey respondeo ao Mouro: *Que lhe prazia muito da vinda del Rey, e dos seus, e que sobre a contenda*

têda delRey Masoma elle teria com isso boa maneira como se livrasse, e compuzesse tudo. E ElRey Vermelho, e os seus fizeraõ por isto grãde reverencia a ElRey, entendendo que seu feito estava bem; e foraõ-se muito alegres para as poufadas, que lhe ElRey mandou dar na Judaria da Cidade.

A cubiça, que he raiz de todo o mal, fez logo saber a ElRey D. Pedro como ElRey Vermelho trazia muita riqueza em aljofre, e pedras preciosas, e joyas, e houve grande dezejo de cobrar tudo isto, e mandou ao Mestre de Santiago, que o convidasse ao outro dia para a cea, e aos Mouros honrados, que com elle vinhaõ, e foraõ cear com elle

elle atè cincoenta; e acabada a cea estando seguros, e nenhum ainda levantado da meza, chegou Martin Lopes com homens armados, e prendeo a ElRey, e a todos os outros, e foy logo buscado ElRey, e acháraõ-lhe tres pedras balazes muy nobres, e muy grandes, e acháraõ a hum Mouro pequeno em hum correo setecentas e trinta pedras balazes, e a hum seu pagem cincoenta grãos de aljofre, tão grossos como avelans esburgadas, e a outro moço tanto aljofre como ervanços, em que poderia haver huma oitava, e aos outros a huns achavaõ aljofre, a outros pedras, e tudo levavaõ a ElRey.

No mesmo tempo foraõ outros

tros homens de armas à Judaria, e prendéraõ todos os outros Mouros, e todas as dobras, e joyas, que lhes acháraõ tudo leváraõ a El-Rey; e foy o Rey Mouro levado prezo, e todos os seus à Tercena, e dahi a dous dias foy tirado a hum campo, que dizem *Tabarda*, elle, e trinta e sete Cavalleiros Mouros, e alli os mandou El-Rey matar todos; e foy El-Rey D. Pedro o primeiro que deu huma lançada em El-Rey Vermelho, que estava em cima de hum jumento, vestido em huma saya de scarlata, e disse-lhe: *Toma, porque me fizeste fazer má preitezia com El-Rey de Aragaõ. E o Mouro respondeo por sua Arabia, dizendo: Pequena cavalgada fizeste.*

Enviou

Enviou ElRey D. Pedro á cabeça delRey Vermelho, e dos outros trinta e sete Cavalleiros a ElRey Mafoma de Granada; e elle enviou-lhe alguns cativos. E posto que ElRey Dom Pedro dicesse muitas razões para colorar este máo feito por mostrar que o fizera sem encargo de sua consciencia, todos os seus o tiveraõ por muy grande mal, e lhes prouvera muito de não ser assim.

CAPÍTULO XXXVI.

Das avenças, que ElRey de Castella fez com ElRey de Aragaõ, entrando em seu Reyno, e como depois as não quiz guardar.

ELRey D. Pedro, que grande vontade tinha de tornar outra vez à guerra de Aragaõ, dizendo que a paz, que fizera fora contra sua vontade, por receyõ delRey Vermelho, fez liga com ElRey de Navarra que fossem amigos, e se ajudassem, e mandou aos seus que se percebessem, e nenhum pensava, que fosse contra Aragaõ, com quem havia paz, e ençubertamente antes que ElRey

o foubesse por lhe tomar algumas Villas. Entaõ entrou em Aragaõ, e tomou logo seis Castellos, e cercou a Villa de Calataud, e tendo-a cercada entre tanto ganhou treze Castellos daquela Comarca ; e ElRey de Aragaõ, que estava em cabo de seu Reyno, quando soube isto ficou espantado, e mandou a Proença, onde estava o Conde D. Henrique, e seus irmãos, e outros Fidalgos de Castella desterrados do Reyno fazendo guerra ; que o viessem ajudar, e lhes daria grandes soldos, e os herdaria em seu Reyno.

Entre tanto foy apertada a Villa de Calataud de sorte que a tomou ElRey D. Pedro por preitezia,

zia, e deixou recado nella, e tornou-se a Sevilha. E receando-se delRey de França pela morte da Rainha Dona Branca, sua mulher, que mandára matar, fez então sua firme amisade com ElRey Duarte de Inglaterra, e com o Principe de Gáles, seu filho, que se ajudassem contra quaesquer outros, e entrou logo em Aragaõ, e chegou a Calataud, que estava já por elle, e ganhou por hi derredor sete Lugares; e quando a entrou por força mandou matar quantos no Lugar havia que não ficou algum; e a razaõ, porque dizem que os mandou assim todos matar foy porque elle tendo-a cercada, e não a podendo tomar alçou o cerco de fo-

bre ella. E os da Villa quando affim o viraõ partir começáraõ de bradar do muro, dizendo suas affrontas, e maldições, como cada hum lhe prazia.

ElRey houve disto grande desgosto, e mandou tornar suas gentes sobre o Lugar, e taõ rijamente lhe deu o combate, que a entrou logo por força; e por isto mandou fazer aquella grande mortandade. E cercou mais a Cidade de Taragona, e tomou-a. Et tendo-a cercada chegou o Mestre de Santiago de Portugal D. Gil Fernandes de Carvalho com quinhentos Cavalleiros, e Escudeiros muy bem armados em sua ajuda, que lhe enviava ElRey Dom Pedro, seu tio.

Entre

Entre os quaes hia Martim Vafques de Goes, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e Martim Affonso de Mello, e Alvaro Gonçalves de Moura, e Nuno Viegas o velho, e Ruy Vafques Ribeiro, e outros muitos, e bons Fidalgos.

Partio dalli ElRey, e tomou Turiel, e onze Lugares outros, e tomou mais a Cidade de Segorbe, e a Villa de Monvedro, e veyo-fe à Cidade de Valença, e havendo huns oito dias que ElRey estava sobre ella, soube que ElRey de Aragaõ, e o Infante D. Fernando, seu irmaõ, e o Conde D. Henrique, e D. Tello, e D. Sancho, e as outras gentes, por quem ElRey de Aragaõ mandára, eraõ já todos

dos juntos para vir pelejar com elle, e que seriaõ tres mil de cavallo.

ElRey D. Pedro, que a vontade não havia de pelejar com elles, partio-se de Valença, e foy-se para Monvedro, e ElRey de Aragaõ chegou atè duas legoas do Lugar, e poz sua batalha, e não achou com quem pelejar, e tornou-se, e da Ribeira de Monvedro vio ElRey D. Pedro levar quatro galès suas a seis de Aragaõ, que as tomáraõ, e pefou-lhe muito disso; e alli se começáraõ de tratar avenças entre os Reys de Aragaõ, e Castella, a saber: Que casasse ElRey Dom Pedro de Castella com Dona Joanna, filha delRey de Aragaõ, e D. Joaõ primogenito de
Ara-

Aragão com Dona Briatriz, filha delRey D. Pedro; e isto com certas condições: e alli onde se ajuntáraõ para firmar as avenças foy requerido ElRey D. Pedro, e disse que se não achava naquella preitezia, e que o não requeressem mais; e dalli se veyo para Sevilha.

E dizia ElRey D. Pedro, que nestes tratos fora fallado secretamente, que pois elle casava com a filha delRey de Aragaõ, e tomava com elle tal divido, que matasse, ou prendesse primeiro o Infante D. Fernando, seu irmão, e o Conde D. Henrique, que eraõ seus inimigos; e pois o não fizera, que não curava de suas preitezias. E bem pareceo isto ser verdade; por-

porque El Rey de Aragoã dalli a poucos dias mandava prender, depois que comeo, o Infante D. Fernando, seu irmão, que tivera convidado esse dia, porque diziaõ que se queria hir com gentes, que tinha para a guerra de França; e porque se não deu à prizaõ foy logo morto, e Luis Manoel, e Diogo Pires Xarmento com elle.

E todos os do Reyno lho tiveram a muy grande mal, por ser seu irmão, e muy nobre senhor, como era, e depois fez falla El Rey de Aragoã com El Rey de Navarra que mataffem o Conde D. Henrique, e fingiraõ que fallassem em hum Castello todos tres sobre outra coufa; e porque D. Joaõ Ramires

mires de Aralhano , Camareiro del Rey de Aragaõ , que o Conde escolhéra que tivesse o Castello em quanto elles fallassem , não quiz cõsentir em ser feita tal morte , escapou o Conde aquelle dia de ser morto.

CAPITULO XXXVII.

Como El Rey D. Pedro de Castella entrou outra vez em Aragaõ com sua Frota de náos , e galés , e das cousas , que lá fez.

Partio El Rey outra vez de Sevilha em o começo do anno de 1402. aos quinze annos do seu reinado , e entrou em Aragaõ pelo Reyno de Valença , e ganhou

Ali-

Alicante , e outros Lugares , e chegando junto de Banio Nabio, galès , e outros navios , que traziaõ mantimento a Valença , de que estava muy minguada , tornou-se do caminho por lhes dar torva, e poz seu arrayal onde chamaõ Giaõ na Ribeira do mar, que he meya legua da Cidade , e esperava cada dia sua Frota, e galès de Portugal , que lhe haviaõ de hir em ajuda , e todas estavaõ já em Cartagena , não havendo tempo, com que partir. E ElRey D. Pedro não sabendo novas delRey de Aragaõ, chegou hum Escudeiro a elle , e disse-lhe , que ElRey de Aragaõ , e o Conde D. Henrique com todos os outros Senhores , e

gen-

gentes, que poderiaõ ser tres mil de cavallo a fora muitos homens de pé, vinhaõ muy encubertamente para pelejar com elle ante que dalli partisse, e que vinhaõ pelo mar em direito delles doze galès, e outros navios com mantimentos, e tres noites havia que não faziaõ fogo por não serem descubertos, e que ao outro dia seriaõ com elle.

El Rey ouvindo isto partio-se logo dalli, e foy-se a Monvedro, que eraõ quatro leguas. Ao outro dia pela manhã cedo chegou El Rey de Aragaõ, e poufáraõ todos entre Monvedro, e o mar huma legua da Villa, e suas galès, e navios alli junto, e foy soccorrida a

Cida-

Cidade por mar, e por terra, e acabou de dias chegou a Frota del Rey de Castella, que eraõ vinte galès suas, e quarenta náos, e dez galès de Portugal, que lhe enviava seu tio em ajuda. A Frota de Aragaõ quando vio a de Castella, houve receyo, e meteo-se no rio de Calhar; e El Rey D. Pedro entrou logo na Frota, e foy-se pôr na boca do rio, cuidando tomar as galès de Aragaõ.

E estando alli começou de ventar o Levante, que he travessia naquelle lugar; e mostrando o mar sua grande braveza, cuidáraõ todos que quebrassem suas galès em terra; e El Rey de Aragaõ com todas suas gentes aguardava em terra,

ra, crendo toda via por o vento, que se esforçava cada vez mais que de todo o ponto eraõ perdidas, e a galè del Rey perdéra já tres calabres com suas ancoras, e sobre o quarto estava seu feito. Ao Sol posto cessou a tormenta, e esteve El Rey com muy graõ perigo arriscado a perderse; e partio dalli deixando seus Fronteiros, e tornou-se para Castella.

El Rey de Aragaõ cercou Monvedro, e não o pode tomar, e partio-se dahi, e foy-se andar por seu Reyno entre tanto. E deu outra vez volta El Rey de Castella, e partio de Sevilha, e entrou por Aragaõ, e tomou alguns Lugares, e os da Villa Dauriola receando de serem

serem cercados fizeraõ-no saber a ElRey , e veyo ElRey de Aragaõ com seu poder a duas leguas donde ElRey de Castella estava; e bastecio-a de mantimentos de que estava muito necessitada. ElRey D. Pedro não quiz pelejar com elle ; mas deteve-se alguns dias por aquella terra, e tornou-se para Sevilha, onde achou novas de como algumas das suas galès, que andavaõ pelo mar, tomáraõ cinco galès de Aragaõ.

E com este gosto foy-se logo a Cartagena , onde estavaõ , e mãdou matar toda a gente dellas, que não escapou pessoa alguma , salvo os que sabiaõ fazer remos, porque os houve mister : e dalli
partio

partio ElRey D. Pedro para Murcia, sabendo como ElRey de Aragoã cercára Monvedro, e foy cercar a Villa Dauriola, que dissemos, e ganhou a Villa, e o Castello, e tornou-se para Sevilha, e os de Monvedro apertados do cerco, vendo-se já muito faltos de mantimentos requereraõ muito a miude a ElRey que os soccorresse; e ElRey porque lhes não podia valer senão por batalha, não era ousado de o fazer, porque elle não queria pelejar com ElRey de Aragoã, receando-se dos seus proprios vassallos, de que muito se não fiava; pelo que buscava outras maneiras de guerra, e não por batalha; porque ElRey D. Pedro pe-
los

los muitos , que mandára matar ; des ahi pelos do Reyno, que sabia que eraõ d'elle mal contentes , e o defamação , não se atrevia a pôr o corpo (aventurando sua pessoa.) Os de Monvedro, faltos de mantimentos de maneira que já comiaõ as bestas, caens, gatos, e ratos, de raõ a ElRey de Aragaõ o Lugar por preitefia, e estavaõ dentro para o defender seiscentos homens d'armas além de piaens , e bésteiros , e os mais delles ficáraõ com o Conde D. Henrique pelo grande receyo , que haviaõ delRey , sem embargo do soccorro , que d'elle não podéraõ haver.

CAPITULO XXXVIII.

Como o Conde D. Henrique entrou por Castella com muitas Companhias, e foy alçado por Rey, e como ElRey Dom Pedro mandou desamparar os Lugares todos, que em Aragaõ tinha ganhados.

GAnhado Monvedro por ElRey de Aragaõ foy-se por Barcelona, e vieraõ allí alguns Cappitães das Companhias, por quem elle mandára, que viessem, e firmáraõ com elle de fer allí no Fevereiro seguinte para entrarem em Castella com o Conde D. Henrique. Soube ElRey D. Pedro disto parte, e foy-se a Burgos, onde

mandára juntar suas gentes das Companhias, e eraõ juntas ; e (os de Aragaõ com o Conde) partiraõ de Saragoça para entrar por Castella , e vinhaõ hi Cappitães de Aragaõ , a saber o Conde de Denia, e D. Felippe de Castro, e outros Cavalleiros. E de França Mosem Beltraõ Delpim , e o Conde das Marquas, e o Senhor de Baym, e o Mariscal Dandemar, Mariscal de França , e outros Cavalheiros, e de Inglaterra, Mosem Boytro de Carnabay, Mosem Estacio, e Mosem Martim de Gorima, e Mosem Guilhem Alevante, e Mosem João de Obreus , e outros Cavalleiros, e homens d'armas de Inglaterra, e de Guiana , e de Gasconha, e de
outras

outras nações, e chegáráõ todos à Villa de Alfarom, e não curáráõ della, e foraõ ao outro dia a Calafora, Cidade não forte, e preitejáráõ-se os do Lugar, e recolhéraõ-no dentro com aquellas gentes, as quaes alli foraõ certificadas como ElRey D. Pedro estava em Burgos, e que não havia vontade de pelear com elles.

Aqui ouveraõ acordo, dizendo ao Conde Dom Henrique, que pois tanta boa gente era contente de o aguardar em esta cavalgada, que se chamasse Rey de Castella; e elle à primeira (tomou sobrefal- to da novidade,) e começou-se de escusar de o fazer, des hi, como he doce cousa reinar, ante de mui-

tas palavras outorgou que lhe prazia, e foy alçado entaõ por Rey, e pediraõ-lhe os que com elle vinhaõ grandes mercès, e officios no Reyno, e elle muy de grado lhes outorgava tudo, dando o que ganhado tinha, e prometendo o que tinha por ganhar; porque em tal tempo assim lhe cumpria de o fazer; e foy isto no anno de mil e quatrocentos e quatro da era de Cezar. E partio dalli El Rey Dom Henrique caminho de Burgos onde estava El Rey D. Pedro, e chegou a Navarrete; o qual se entregou, não ousando de esperar combate, e foy combatida Brivesca, e tomou-a.

Sabendo El Rey D. Pedro tudo isto

isto, Sabbado de Ramos bem pela manhã mādou matar João Fernandes de Toar por queixume, que houve de seu irmão, e sem dizer cousa alguma aos seus cavalgou por se partir logo, e vieraõ a elle os mayores da Cidade, dizendo que os não deixasse em tal occasiaõ, porque o Conde estava oito leguas dalli, e não lhes aproveitando nenhuma cousa suas razões desobrigou-os da omenagem, e partico-se logo, e foraõ com elle alguns Cavalleiros, e seiscentos Mouros de cavallo, que andavaõ na guerra em sua ajuda, que lhe dava ElRey de Granada; e muitos dos seus ficáraõ em Burgos, a que prazia de tudo isto, e quem delle
algũa

alguma vez se apartava, não ou-
sava de tornar mais a elle.

E aquelle dia, que El Rey par-
tio dalli, mandou suas cartas a to-
dos, que por elle tinhaõ as Forta-
lezas, que em Aragaõ ganhára,
que as desemparassem, e destruis-
sem se pudessem, e se viessem pa-
ra elle, e elles assim o fizeraõ; mas
muitos delles se foraõ para El Rey
D. Henrique; e aqui cessou entaõ
de todo a guerra de Castella com
Aragaõ, a qual hia em onze an-
nos, que durava, e certamente
perdia-se o Reyno de Aragaõ to-
do se fortuna taõ cedo não encur-
tára os annos da vida del Rey D.
Pedro, porque onze vezes que el-
le em Aragaõ fez entrada ganhou

cin-

cincoenta e dous Lugares aqui contheudos, a fora outros muitos, que aqui não são nomeados. E chegou ElRey D. Pedro a Toledo, e poz recado na Cidade ; e dahi partio para Sevilha.

Os de Burgos vendo que se não podiaõ defender delRey D. Henrique , mandáraõ-lhe seus recados , e receberaõ-no na Cidade, e coroou-se alli por Rey , e vieraõ a elle muitos Procuradores das Villas, e Cidades do Reyno, e receberaõ-no por Senhor , de sorte que desde o dia da coroação a vinte e cinco dias foy todo o Reyno de Castella a seu mandado. E elle recebia a todos graciosamente ; e a nenhum era negada cousa , que
pe-

pedisse, e deu alli ElRey D. Henrique muitas terras àquelles Senhores, e Cavalleiros, que vinhaõ com elle, assim Estrangeiros como naturaes; e mandou a Aragaõ por sua mulher, e filhos, e foy recebida honradamente; e dalli partio, e veyo-se a Toledo, e foy na Cidade grande revolta se o receberiaõ, ou não, porque a huns prazia que o recebessem, e os outros eraõ de todo em contrario; porèm finalmente houveraõ accordo de o recolherem nella, e foy recebido com grande prazer.

CAPITULO XXXIX.

Como ElRey de Castella enviava humma sua filha a Portugal , e como elle partio de Sevilha com temor, que houve dos da Cidade.

E LRey D. Pedro estando em Sevilha soube novas destas cousas todas ; e posto em grande pensamento, (e cuidado) acordou com os seus de enviar a pedir ajuda a ElRey de Portugal seu tio ; e por lhe dar mayor cargo de se mover a lhe fazer tal ajuda , enviou-lhe dizer, que bem sabia como era posto , e ajustado o casamento da Infanta Dona Briatriz , sua filha com o Infante D. Fernando, seu pri-

primogenito filho, e que para isso lhe mandava a dita Infanta, e toda a quantia do aver, que era afentado, e posto em condição de lhe dar em dote ao tempo do casamento; e que essa Dona Briatriz ficasse herdeira dos Reynos de Castella, e de Leaõ; e mandou-a logo de Sevilha, e com ella Martim Lopes de Trozilho, hum homem de que elle muito se confiava, e mais certa quantia de dobras, que deixára a esta Infanta Dona Maria de Padilha, sua mãy, com joyas, aljofar, e outras coufas.

E partida Dona Briatriz de Sevilha para Portugal, houve ElRey D. Pedro novas como ElRey Dom Hen-

Henrique se encaminhava de Toledo para Sevilha, e acordou de enviar pelo thesouro, que tinha no Castello de Almodovar, que era todo em moedas de prata, e de ouro, e fez armar huma galè, em que o poz com toda a riqueza, que tinha na Cidade, e entregou a galè a Martinhanes, seu Thesoureiro, e mandou-lhe que se fosse a Tavira, Villa de Portugal no Reyno do Algarve, e que alli esperasse com a galè até que elle fosse, e tambem mandou carregar muitas azemolas de seus thesouros, e trouxe consigo muy grande quantia de ouro, pedras, e aljofar, assim do que elle tomára a ElRey Vermelho, e aos seus, co-
mo

mo d'outro muito, que tinha junto, e assim mesmo de prata, toda a que pode trazer.

E estando assim ElRey para partir de Sevilha, differaõ-lhe como os da Cidade se alvoraçavaõ contra elle, e o queraõ roubar alli, onde estava, e com o grande temor, que houve, partio-se logo para Portugal, e trouxe comfigo Dona Constança, e Dona Isabel, suas filhas; porque Dona Briatriz a mayor a havia já mandado como diffemos; e hiaõ com ElRey D. Pedro, Martim Lopes de Cardona, Mestre de Alcantara, e Diogo Gomes de Castanheda, e Pedro Fernandes Cabeça de Vacca, e outros.

E se-

E segundo alguns escrevem, * como ElRey partio de Sevilha taes hi houve dos que hiaõ com as aze- molas da riqueza, que vendo co- mo ElRey fugia do Reyno daquel- la forte, que se tornaraõ para a Cidade como que levavaõ, e ou- tros sahiaõ da Cidade, e lhe rou- bavaõ parte daquella riqueza. Mi- cé Gité Boca Negra, feu Almi- rante, que era Genoez, armou em Sevilha huma galè, e outros na- vios, e foy tomar a galè do the- souro, em que hia Martim Annes para Tavira, no rio Guadalquivir; porque ainda não era mais arre- dado, e constava o thesouro, que vinha nella de trinta e seis quin- taes de ouro, e outras muitas joyas, de

de que ElRey D. Henrique depois
houve toda a mayor parte.

CAPITULO XL.

*Como ElRey de Castella fez saber a
seu tio, que se achava no seu Rey-
no, e como ElRey se escusou de o-
ver, e lhe fazer ajuda.*

ELRey de Portugal em esta
cesão pousava nos Paços de
Vallada, que estavaõ em pouca
distancia de Santarem, e era isto
no mez de Mayo, e quando El-
Rey Dom Pedro mandou sua filha
Dona Briatriz, como pouco antes
agora ouvistes, para casar com o
Infante D. Fernando para effeito
de haver melhor ajuda delRey seu
tio,

tio , foáraõ primeiro novas em Vallada , onde poufava ElRey , que ElRey de Castella lhe mandava duas filhas , que estavaõ já nas Alcaçovas , que são dahi vinte leguas , mas não sabiaõ dizer certamente o porque as mandava ElRey , nem com que tençaõ. ElRey de Portugal , que parte não sabia que ElRey seu sobrinho se achava posto em tal pressa , e aperto , cuidando que as Infantas vinhaõ por outra maneira , porèm tanto que soube que não era mais que aquella huma , mandava aparelhar casas , e Cameras em seus Paços , em que ella bem pudesse poufar.

ElRey de Castella partio de seu

Rey-

Reyno, e taõ aperfurado andar
poz no caminho fem ser detido
em nenhum Lugar, que ante que
sua filha chegasse onde ElRey de
Portugal estava, a achou elle no
caminho, onde vinha. E chegou
ElRey D. Pedro a Serpa, e dahi a
Beja, e deshi a Coruche, que eraõ
vinte e huma leguas donde ElRey
seu tio estava, e dalli lhe fez saber
como vinha, e a ajuda, e soccor-
ro, que delle necessitava, e assim
mesmo o casamento de sua filha
com o Infante D. Fernando, seu
filho.

ElRey de Portugal como isto
soube, teve bem assaz em que cui-
dar, e mandou-lhe dizer que não
fosse mais adiante, mas que se de-
tivesse

tivesse alli até que fosse seu recado. E mandou chamar o Infante Dom Fernando, seu filho, que não era ahi, e com elle, e com os seus privados houve conselho sobre este feito, e foy o parecer de alguns: *Que o visse, e acolhesse em seu Reyno, e que o ajudasse a cobrar sua terra.* Porèm outros cuidando bem nesta materia acháraõ: *Que o não podia ElRey fazer sem grandes trabalhos, e gastos, e muy graõ danno de seu Reyno, e o peyor de tudo era não ter nenhumas azadas razões como tal feito pudesse vir a acabamento como convinha, porque ElRey Dom Henrique, seu irmão tinha já toda Castella a seu mandar, salvo alguns Lugares taõ poucos, de que*

Z

naõ

naõ havia que fazer conta, e alêm disto tinhaõ-lhe grande odio todos os do Reyno, assim grandes, como pequenos, de modo que bem era de cuidar quaõ pouco todos fariaõ pelo recobramẽto a elle.

Pois quem houvesse de lançar fóra de Castella a El Rey D. Henrique, e todos os da sua parte assim por batalha, como por guerra guerreada, graõ poderio lhe convinha ter, e naõ se fazendo segundo seu dezejo ficava ao depois em grande omesio, e guerra com elle. Outro si recebendo-o em seu Reyno, e naõ trabalhar de o ajudar era-lhe grande vergonha, e calunnia, e assim mesmo vendo-o, e fallando-lhe naõ se poderia escusar disso; pelo que acordáraõ,

raõ, que o mais saõ conselho era que o naõ visse elle, nem o Infante seu filho, buscando algumas razões collogadas, porque parecesse que airementemente, e com razaõ se escujava.

Entaõ foy a Coruche o Conde D. Joaõ Affonso Tello, onde El-Rey de Castella estava esperando a resposta de seu tio, cuidando ser aposentado em Santarem; e disse-lhe: *Como El-Rey vira seu recado, e soubera parte de sua vinda de que sorte era, e que elle de boamente o recebêra em seu Reyno, e o ajudára a cobrar sua terra, como era razaõ, e direito; mas que por entaõ naõ estava em ponto de o poder fazer, como cumpria, porque daquellas vezes, que lhe elle fizera ajuda assim*

por mar, como por terra os Fidalgos de seu Reyno vieraõ d'elle, e de suas gentes muy mal contentes, e escandalizados, e que vinhaõ em sua companhia taes, com que alguns houeraõ razões; e que era por força haver entre elles grandes bandos, e arruídos, o que a serviço d'ambos pouco cumpria.

Além disto, que elle sabia bem como o Infante D. Fernando, seu filho, era sobrinho da Rainha Dona Joanna, que entaõ novamente entrára em Castella, irmã de sua mãy Dona Costança, filha de Dom João Manoel; e que naõ entendia de paktar com elle, que lhe muito prouvesse de tal ajuda. E foy assim certamente, segundo alguns escrevem,

vem, * que o Infante D. Fernando deu grande torva; porèm rasoada em este feito. Com estas, e com outras razões escusou o Conde a ElRey, seu senhor, que elle àquelle tempo o não podia ver, nem fazer mais ajuda, da que lhe feito havia, e despedio-se delle, e foy-se para a pouxada.

CAPITULO XLI.

Como ElRey de Castella partio de Coruche, e se foy de Portugal, e quaes enviáraõ em sua companhia.

NAõ embargando as razões, que dissemos, e outras muitas, que falladas foraõ entre El-Rey

Rey de Castella , e o Conde sobre o feito de seu negocio, bem entendeu ElRey D. Pedro que o fim de todos seus ditos eraõ não haver ElRey seu tio vontade de lhe dar ajuda , nem acolhimento em seu Reyno por nenhuma maneira , e houve disto taõ grande queixume, que não pode com sua vontade, que o logo não désse a entender por algum modo. E depois que o Conde com elle falou , e se despedio, e se foy para as poufadas ficou ElRey triste, e merencorioso , e com torvado gosto tomou certas dobras que tinha na maõ , e deitou-as por cima de hum alpendre das casas, em que poufava. Hum Cavalleiro de sua companhia vendendo

do isto, que El Rey fazia, disse-lhe como sorrindo-se ; pôrque deitára assim aquellas dobras fóra, porque melhor foraõ dadas a algum dos seus , a que prestaßem ; e El Rey lhe respondeo, dizendo: *Não cures disso , que quem as semea as virá depois recolher.* Dando a entender , que se seus annos não foraõ depois taõ poucos , que elle lhe fizera de boa vontade guerra por não achar entaõ em elle ajuda , nem recolhimento nenhum. E houve seu acordo de se hir a Albuquerque , e deixar hi as filhas , e todas suas cargas ; e chegando ao Lugar , não o quizeraõ em elle acolher , antes se lançáraõ dentro alguns , dos que hiaõ em sua companhia.

Ven-

Vendo ElRey como seus feitos hiaõ cada vez mais para peyor, mandou dizer a ElRey de Portugal, seu tio, que pois lhe outra ajuda fazer não queria, que lhe houvesse carta de seguro para que pudesse passar por seu Reyno. E isto fazia elle temendo-se do Infante D. Fernando de Portugal, por ser sobrinho da mulher delRey Dom Henrique, como já dissemos. A ElRey de Portugal aprouve muito, e enviou-lhe o Conde de Barcellos, que ouvistes, e Alvaro Pires de Castro, que se fossem com elle pelo Reyno, e o puzessem em salvo em Galiza, e elles se foraõ para elle, e começáraõ de andar seu caminho.

E quando chegáraõ à Guarda, segundo alguns contaõ, elles differaõ alli a El Rey que se queriaõ tornar, e não podiaõ hir mais com elle por quanto se receavaõ do Infante D. Fernando, que os mandára ameaçar por hirem assim em sua companhia, e que El Rey lhes dera entaõ seis mil dobras, e duas cintas de prata, e dous estoques para que o acompanhasssem até Galliza; e se assim succedeo por esta maneira, isto foy fingido, que elles differaõ, porque o Infante não tinha razaõ de lhes tal cousa mandar dizer, pois com seu accordo fora ordenado em conselho, que o acompanhasssem até fóra do Reyno, e dizem que chegáraõ
com

com elle sómente até Lamego , e mais não.

E à partida lhe furtou o Conde huma filha delRey D. Henrique , seu irmão , que ElRey levava preza comfigo , de idade de quatorze annos , que chamavaõ Dona Leanor de Liões , porque ElRey Dom Pedro por queixume, que de seu pay havia sendo esta moça em poder de sua ama, nascida de muy poucos mezes , com grande crueldade a mandou tomar , e esfaimados os liões , que criava ante si por hum dia no curral , onde andavaõ , mandou que lha lançassem em camiza , e foy assim feito, como elle mandou ; e os liões vieraõ , e chegáraõ-se a
ella,

ella , e prouve a Deos que lhe não fizeraõ nenhum nojo , mas assim como se della ouvessem piedade, se chegavaõ a ella sem lhe fazer outro mal. E foy isto dito a ElRey por alguns seus , e mandou-a ElRey tirar dalli , e entregar àquelles, que a criavaõ; e lhes ordenou que puzessem em ella tal guarda, que nunca feu pay a pode haver ; e a levava entaõ ElRey comfigo. E o Conde a trouxe a ElRey de Portugal , e depois foy entregue a ElRey D. Henrique , seu pay.

CAPITULO XLII.

Como El Rey Dcm Pedro chegou a Galliza, e matou o Arcebispo de Santiago, e se foy para Inglaterra.

PArtio de Lamego El Rey de Castella affaz desemparrado, e com muy pouca gente, que não hiaõ com elle mais que atè duzentos de cavallo, e chegou a Monte Rey, hũa Villa de Galliza, e dalli escreveo a Logronho, e a Soria, e a Camora, que tinhaõ sua voz, que se esforçassem, porque elle os foccorreria, e fez saber a El Rey de Navarra, e ao Principe de Gales como se achava em Galliza, e

que-

queria saber que esforço, ou confiança poderia ter em elles, e escreveo alli ao Arcebispo de Santiago, e a D. Fernando de Castro, seu Alferes, e Adiantado em terra de Leaõ, e das Asturias, o qual antes disto viera a Galliza por seu mandado, e falou com todos os Prelados, Cavalleiros, e Escudeiros, e Cidadãos, e Villas, e Fortalezas, de sorte que todos tiveraõ sua voz. E estiveraõ trez semanas havendo conselho se era melhor hir-se a Camora, e dahi caminho de Logronho, pois El Rey Dom Henrique com suas Companhas estava em Sevilha, ou hir-se a Bayona de Inglaterra procurar socorros do Principe de Gáles, e acostou-

coftou-fe ElRey antes ao confelho da hida de Inglaterra, que tornar outra vez a feu Reyno ; porque taõ pouco se fiava nos que tinhaõ voz por elle, como nos outros, que não eraõ de fua parte.

E partio de Monte Rey, e foy ter a S. Joaõ, e a Santiago de Galiza, e ahi heuve acõrdo com os feus de matar o Arcebispo, e tomar-lhe as Fortalezas, e o Conde D. Soeyro vinha fe guro a feu mandado dia de S. Pedro, que lhe mandára ElRey dizer que vieffe a confelho, entrando pela Cidade foy morto ; e o Arcebispo à porta da Igreja de Santiago por Fernaõ Pires Tunichaõ, e Gonçalo Gomes Galinhato, e dous Cavalleiros, que

que lhe mal queriaõ , a que ElRey mandára que o matafsem , e matáraõ mais Pedro Alvres , Dayaõ de Santiago , homem muito inteirado , e bem sezudo , e ElRey o estava vendo de cima da Igreja como tudo isso se fazia.

E tomou ElRey quanta riqueza o Arcebispo tinha no Castello da Rocha , e deu as Fortalezas a D. Fernando de Castro , e o fize-raõ Conde de Trastamara , e de Lemos, e de Faria, donde o sohia ser o Conde D. Henrique, fazêdo-lhe do dito Condado Morgado para sempre , para elle, e para todos seus herdeiros legitimamente nascidos , e D. Alvaro Pires , irmão seu , e Andres Sanches de
Goens,

Goens , que vinhaõ ver ElRey, quando souberaõ da morte do Arcebispo, tornáraõ-se para suas terras com medo , e tomáraõ voz delRey D. Henrique. ElRey partio dalli, e foy-se para a Curunha, e naquelle Lugar lhe chegou recado do Principe de Gáles , que se fosse para o Senhorio de Inglatera, e que elle lhe ajudaria a cobrar o Reyno.

Partio ElRey da Curunha , e levou comfigo vinte e duas náos, e huma galè, e huma carraca, e deixou D. Fernando de Castro em Galliza , e commetteo-lhe todo o seu poderio , e ElRey hia na carraca com suas filhas todas tres , e o Thesouro, que comfigo levava,
que

que eraõ trinta e seis mil dobras em ouro amoedado , porque todo o outro thesouro deixára na galè, que Martim Annes havia de levar a Tavira , e levava muitas joyas de ouro , e aljofar , e de pedras de grande valor , e passou o mar , e chegou a Bayona , onde se hia corregendo , ou aparelhando para seus feitos , de que mais por ora dizer não queremos.

CAPITULO XLIII.

Como ElRey D. Henrique chegou a Sevilha, e da aliança, que fez com ElRey de Portugal.

ELRey D. Henrique sabendo tudo, o que succedéra a ElRey

D. Pedro em Sevilha, e assim mesmo em Portugal, e como se fora depois a Galliza, partio de Toledo, e chegou a Cordova, onde o recebêraõ com grande prazer, e dahi levou caminho de Sevilha com grande prazer sabendo que tinha voz por elle, onde foy recebido com taõ grande festa, que posto que ElRey chegou pela manhã a cerca do Lugar, passava de meyo dia quando entrou em seu Paço; e partio ElRey com os seus, e com aquellas Companhias, que com elle vinhaõ, de sorte que todos foraõ muito contentes; e mãdou-os para suas terras, porèm ficáraõ com elle Mosem Beltraõ de Carquim, e outros Senhores com alguns

alguns Inglezes, e Bertoens, que eraõ todas estas Companhas atè mil lanças; e esteve ElRey em Sevilha quatro mezes.

Antes que dalli partisse escreveu a ElRey D. Pedro de Portugal como queria haver paz, e amizade com elle; e que elle enviaria taes ao Estremo de q̄ fiava por seus Procuradores para tratarem avença entre elles, e que ElRey D. Pedro mandasse outros, com que seus feitos fossem concordados, e foy assim de feito, que enviou ElRey D. Henrique Dom Joaõ, Bispo de Badajoz, e Diogo Gomes de Toledo Cavalleiro. E ElRey de Portugal enviou Dom Joaõ, Bispo de Evora, e Dom Alvaro Gonçalves,

Prior do Hospital, e juntáraõ-se todos na Ribeira do Caya no Estremo dos Reynos.

Alli tratáraõ pelos ditos Reys, que fossem fieis amigos hum do outro, e houvessem paz, e concordia, e que ElRey de Castella trabalhasse a todo o seu poder que ElRey de Aragaõ fosse amigo delRey de Portugal da sorte que o era dantes, e que ElRey de Aragaõ deixasse vir para Portugal a Infanta Dona Maria, filha do dito Rey Dom Pedro, mulher, que fora do Infante D. Fernando, Marquez de Tortoza com todo o seu haver, ou viver na terra, qual eila antes quizesse, e louváraõ, e approváraõ as avenças, que em outro tem-

po foraõ feitas em Agreda entre ElRey D. Fernando , e ElRey D. Diniz, seus avôs. Outro fim Mafamede , Rey de Granada tratou logo amifade com ElRey D. Henrique , e ficou por seu amigo.

E partio ElRey de Sevilha , e foy-se a Galliza , e cercou em Lugo a D. Fernando de Castro , que tinha voz delRey Dom Pedro, e o não pode tomar , e preitejou com ElRey, que se lhe ElRey Dom Pedro não accorresse até cinco mezes , que deixasse o Reyno , e lhe entregasse todas as Fortalezas , e se quizesse ficar em sua mercè, que lhe désse a Villa de Castro Xeres, donde sua linhagem se chamava de Castro, e elle Conde, depois
que

que lha ElRey D. Pedro dera ; e que em este tempo não se fizesse guerra de huma parte a outra ; a qual cousa ElRey D. Pedro lhe teve muito a mal. A ElRey D. Henrique aprouve disto, e tornou-se para Burgos ; e alli ordenou Cortes, nas quaes foraõ juntos os maiores do Reyno ; e certos da vinda, que ElRey D. Pedro queria fazer, lhe foy prometida ajuda para a despeza da guerra, e offercidos os corpos a seu serviço, como bem podia ver.

ElRey entaõ mãdava por gentes que lhe cada dia vinhaõ, com que repartia grandemente, e lhes fazia muita honra. E porque dos feitos destes Reys ambos não succedeo

cedeo mais em tempo delRey D. Pedro de Portugal cessaremos de mais dizer delles ; e em quanto elles ajuntavaõ suas gentes para a batalha de que depois ouvireis , * contaremos nós agora outras cou-
sas , segundo requer a ordenança desta obra. Mas antes que as digamos ouvi isto , que achamos escrito. *

Quinta feira 22. dias do mez de Outubro desta presente era de Cezar de mil quatrocentos e quatro annos foy feito hum movimẽto no Ceo desde a meya noite por diante, o qual foy desta forte. Corriaõ todas as Estrellas do Levante para o Poente , e depois que todas foraõ juntas, começáraõ a discor-
rer

rer humas cá, e outras lá, (discorriaõ de hũa parte à outra) des ahi deixáraõ-se estalar do Ceo tantas, e taõ espeffas que depois que foraõ baixas no ar pareciaõ grandes fogueiras, e que o Ceo, e o Ar ardia, e que a Terra queria arder , e o Ceo parecia partido por muitas partes alli, onde não estavaõ estrellas, e não havia homem, que isto visse, que não fosse fortemente espantado. E era tamanho o medo, que quantos isto viraõ, todos cuidavaõ de serem mortos, (e que se acabava o Mundo) durando isto por muito grande espaço. E isto escrevemos por não haverdes por cousa nova quando outra tal acontecer por lembrança

ça das maravilhas, que Deos faz. (Isto foy sem duvida huma exalação ignea extraordinaria, ou Cometa annunciador da morte del Rey Dom Pedro, que logo se seguiu.)

CAPITULO XLIV.

Como El Rey de Portugal enviou seus Embaixadores a caza do Principe de Gáles por se desculpar do que El Rey D. Pedro de Castella dizia contra elle.

A Grande melancolia, ou sentimento, que levou El Rey D. Pedro de Castella do máo gaza-lhado, que em Portugal achára, lhe fazia que em muitas occasiões fallando, a não pudesse encobrir, e que

e que o não deixasse de dar a entender com ira, e algumas vezes estando com o Principe, presente muitos, fazia queixume do máo acolhimento, que achára em El-Rey, seu tio, esperando d'elle o contrario, dizendo que o não havia tanto pelo seu, (não o sentia tanto por si) como das Infantas, suas filhas, as quaes lhe devera de agazalhar, e receber em sua encomenda, (e amparo,) e fallando nisso muito largamente mostrava em isto géstos, e semblante, (demonstrador de) que tinha grande dezejo de se vingar.

E foy isto assim fallado, e por taes palavras que não faltou quem o escrevesse a ElRey de Portugal,
o qual

o qual conhecendo sua preversa
condição, e provendo ao que avir
podia, (attendendo ao que dalli se
podia seguir) ordenou de se enviar
a desculpar presente o Principe,
mostrando que a culpa não a tive-
ra elle, assim em seu recebimento,
como em agazalhar suas filhas; e
mandou lá o Bispo de Evora, e
Gomes Lourenço do Avelar, os
quaes chegáráõ a Gasconha, on-
de ElRey, e o Principe por entãõ
estavaõ; e chegados elles alli, or-
denou o Principe o dia, e a hora
para dizerem sua Embaixada, a
qual proposta ante elle sendo El-
Rey presente começáráõ de con-
templar pelo miudo tudo o que em
Portugal diziaõ alguns de que se

El-

El Rey D. Pedro aggravava , fazendo queixume d'El Rey, seu tio ; e que elles eraõ alli vindos para o mostrarem sem culpa , como sua mercè bem podia ver.

E El Rey de Castella respondeo a isto, dizendo: *Que assim era como elles diziaõ, que elle se sentia por muy aggravado delle pelo não receber em seu Reyno, e lhe dar acolhimento como era razaõ sendo seu tio, irmão de sua mãy ; e que a mayor merencoria havia de não dar gaza-lhado às Infantas, suas filhas, queda aspereza, que contra elle mostrára; porque se as El Rey seu tio tomára, e lhas tivera em sua terra guardadas com alguns averes, que elle trazia, onde era certo que estariaõ.*

segu-

seguras, que elle ficára desempachado dellas, e estonces tornára a recobrar seu Reyno, dizendo que muitos se alçáraõ contra elle, que o não fariaõ se o viraõ presente, mas pelo embarço, que tinha das filhas, que lhe conviera de fugir com ellas, não tendo lugar seguro, onde as deixasse; porque àquelle tempo que as quizera deixar em algum Castello de sua terra, em nenhum via tanta fuzza, (ou segurança) porque onfasse de o fazer.

Sobre isto corréraõ tantas palavras entre ElRey D. Pedro, e os Embaixadores, atè que pediraõ por mercè ao Principe que fizesse pergunta a ElRey se àquelle tempo que elle escrevéra a ElRey seu tio,

tio, que era em seu Reyno, se lhe fizera saber por sua carta que lhe queria deixar suas filhas, e o thesouro, que comfigo trazia, segundo elle resoava presente elle? E o Principe lho perguntou. Entaõ disse elle, que não tocára em cousa das filhas, nem do aver, que trazia comfigo. *Pois, disse o Principe, nem vosso tio era adevinhador do que vós tinheis na vontade.*

Entaõ fizeraõ recontamento ao Principe das ajudas, que de Portugal recebéra, assim por mar, como por terra, e como todos os Senhores, e Fidalgos, que lá foraõ vieraõ delle, e dos seus muy mal contentes, e escandalisados, e que esta fora huma das razões,
por-

porque ElRey seu tio o não quizer
ra ter em sua terra por se não le-
vantarem entre huns , e outros,
bandos , pendenças , arruidos , e
mortes. Argumentáraõ tanto atè
que se enfadáraõ; e o Principe co-
nhecendo da razaõ , disse que o
não havia por culpado, como an-
tes julgava; e no que tocava à náõ,
e fazendas, em que ElRey de Por-
tugal lhe enviára dizer, que em
Inglaterra eraõ retidas contra ra-
zaõ , que elle as faria logo desem-
bargar, como seu amigo, que era,
e queria ser ; e assim o fez de feito
que em breves dias foraõ despa-
chados.

CAPITULO XLV.

Como D. Joaõ filho delRey D. Pedro de Portugal foy feito Mestre de Aviz.

POis ouvistes no primeiro Capitulo desta Historia como depois da morte de Dona Ignez ElRey sendo Infante nunca mais quiz cazar, nem depois que reinou quiz receber mulher, mas houve hum filho de huma Dóna, a que chamáraõ D. Joaõ. Deste moço deu ElRey cargo a D. Nuno Freire de Andrade, Mestre de Christus, que o criava, e tinha em seu poder, e que criando-o elle assim sendo em idade até sete annos,

veyo-

veyo-se a finir o Mestre de Aviz, D. Martim do Avelar. O Mestre de Christus, como isto soube, foy-se logo a ElRey D. Pedro, que entã poufava na Chamusca, e pediu-lhe aquelle Mestrado para o dito seu filho, que levava em sua companhia, e ElRey foy muy alegre do requerimento, e muito mais alegre de o outorgar.

Entã tomou o Mestre o moço nos braços, e tendo-o em elles lhe cingio ElRey a espada, e o armou Cavalleiro, e beijou-o na boca, lançando-lhe a benção, dizendo : *Que Deos o accrescentasse de bem em melhor, e lhe dèsse tanta honra em feitos de Cavallaria, como dera a seus avôs.* A qual benção

Bb

foy

foy em elle bem cumprida , como ao diante ouvireis. * E disse entaõ ElRey contra o Mestre : Tenha este moço isto por agora , porque sey que mais alto ha de montar , se este he o meu filho Joaõ , de que me a mim algumas vezes falláraõ , como quer que eu queria antes que se cumprisse no Infante D. Joaõ , meu filho , que nelle ; porque a mim disseraõ que eu tenho hum filho Joaõ , que ha de montar muito alto ; e por quem ao Reyno de Portugal ha de vir muy grande honra. E porque eu não sey qual destes Joannes ha de ser , nem o podem saber em certo , eu ordena-
reý como sempre acompanhem ambos estes meus filhos.

E pois que ambos são de hũ mes-

mo nome, escolha Deos hum delles para isto, qual sua mercè for, como quer que muito me suspeita a vontade que este ha de ser, e outro nenhum não; porque eu sonhava hum noite o mais estranho sonho, que eu vi; porque via todo Portugal arder em fogo, de sorte que todo o Reyno parecia hum fogueira, e estando assim espantado vendo tal cousa, vinha este meu filho João com hum vara na mão, e com ella apagava logo aquelle fogo todo; e eu contey isto a algumas pessoas, que razão tem de entender em taes cousas, e disseraõ-me que não podia ser; salvo que alguns grandes feitos lhe haviaõ de saber dantre as mãos. (Isto he que certamente se havia de vir affina-

lar em alguma obra façanhosa.)

Ora assim succedeo depois como diremos : e depois que isto foy feito, tornou-se o Mestre de Christus para a Villa, e mandou seu recado aos Commendadores da Ordem d'Aviz, que viessem logo alli para haver de fallar com elles cousas, que eraõ do serviço de Deos, e bem da sua Ordem. E isto fazia o dito Mestre por quanto a dita Ordem d'Aviz, e de Christus saõ ambas da Ordem de S. Bento, os quaes por suas cartas, e requerimento vieraõ logo àquelle Lugar. O Mestre fallou entaõ cõ o Commendador Mõr, e com Fernaõ Soares, e Vasco Peres tudo o que era vontade delRey; des hi entrou

em

em Cabido com elles segundo costume de sua Ordem, e o Commendador Môr propoz ao Mestre em nome seu, e dos Commendadores, dizendo: *Que elle bem sabia como seu Senhor o Mestre d' Aviz D. Martin do Avelar era finado, e que elles não tinhaõ Mestre, que os houvesse de reger como cumpria a serviço de Deos, segundo sua Ordem mandava, nem entendiaõ de eleger outro senão aquelle, que lhes elle dèsse; e que pois elle era da sua Regra, e o fazer podia, que lhe pediaõ por mercè, que por serviço de Deos, e bem da dita Ordem lhes dèsse Mestre, que os houvesse de reger segundo sua Regra mandava.*

O Mestre respondeo: *Que dè-*
ziaõ

ziaõ muy bem como bons Cavalleiros, e bem sezudos ; e porque elle era obrigado a fazer , e requerer toda cousa , que fosse serviço de Deos , e honra da sua Ordem , que por isso queria tomar cargo de lhes dar Mestre , que os houvesse de reger segundo sua Regra mandava , e que para ser seu Mestre lhes dava D. Joaõ, filho delRey D. Pedro, que elle criava, que entendia que era tal Senhor, que os regeria como cumpria a serviço de Deos , e lustre de sua Ordem.

O Commendador Môr, e os outros differeã entaõ : *Que lhe tinhaõ em grande mercè de lhes dar taõ honrado Senhor por seu Mestre.* E logo o dito D. Joaõ foy chamado, e foraõ-lhe tirados os vestidos

secu-

seculares, e lançado o Habito da Ordem de Aviz, e como lhe foy vestido, o Commendador Môr, e os outros lhe beijáraõ a mão por feu Mestre, e Senhor; e isto assim feito, foy elle levado para a Ordem de Aviz, donde era Mestre, e alli se criou alguns annos, até que começou de florecer em exercicios, e bondades, e outros feitos de Cavallaria, segundo a Historia adiante dirá * contando cada humas em feu lugar.

E se alguns quizerem dizer que os poucos annos de sua idade, e não legitima nascença embargavaõ de não poder ser Mestre. A taes se responde como o Papa dispensou com elle; e postó que provido

vido fosse antes do tempo , e nascido de não legitimo Matrimonio, que seus bons costumes , e honroso proveito, que d'elle vinha à Ordem , condecorava tudo isto, e que o confirmava em elle.

CAPITULO XLVI.

Como foy tresladada Dona Ignez para o Mosteiro de Alcobaga, e da morte delRey Dom Pedro.

POr semelhante amor , qual ElRey D. Pedro houve a Dona Ignez , raramente se há achado em alguma pessoa , porèm differaõ os antigos , que nenhum he taõ verdadeiramente achado, como aquelle, cuja morte não tira da

da memoria o grande espaço de tempo ; e se algum quizer dizer , que muitos foraõ já , que tanto, e mais, que elle amáraõ, assim como elle em suas Epistolas , responde-se , que não falemos em amores compostos , os quaes alguns Authores abastados de eloquencia , e florecentes em bem ditar ordenáraõ, segundo lhes aprouve, dizendo em nome de taes pessoas razões que nunca nenhũa dellas cuidou, mas tratamos daquelles amores, que se contaõ , e lem nas Historias , que seu fundamento tem sobre verdade.

E este verdadeiro amor houve em El Rey D. Pedro para com Dona Ignez, como della se namorou
sendo

fendo cazado, e ainda Infante, de forte que posto que della nõ começo perdesse vista, e falla, estando apartada, como ouvistes, * que he o principal meyo de se perder o amor, nunca cessava de lhe enviar recados, como em seu lugar tendes ouvido, * e quanto depois trabalhou pela haver, e o que fez por sua morte, e quaes justiças naquelles, que em ella forão culpados, indo contra seu juramento, bem he testemunho do que nós dizemos.

E sendo lembrado de honrar seus ossos, pois lhe não podia mais fazer, mandou obrar hum muymento, (ou tumulo) de alva pedra, todo muy sutilmẽte lavrado, pon-

do

do elevada sobre a tampa de cima a imagem della com coroa na cabeça, como se fora Rainha; e este muymento mādou pôr no Mosteiro de Alcobaça, não à entrada, onde jazem os Reys; mas dentro na Igreja à mão direita junto da Capella Mór, e fez trazer o seu corpo do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jazia, o mais honradamente, que se fazer pode; porque elle vinha em humas andas muy bem preparadas para tal tempo, as quaes traziaõ grandes cavallos acompanhados de grandes Fidalgos, e outra muita gente, e Dónas, e Donzellas, e outra muita Cleresia; e pelo caminho estavaõ muitos mil homens
com

com cirios nas mãos de tal forte ordenados, que sempre o seu corpo foy por todo o caminho por entre cirios azeos; e assim chegáráõ até o dito Mosteiro, que eraõ dalli dezaete leguas, onde com muitas Missas, e grande solennidade foy posto em aquelle muymento. E foy esta a mais honrada Tresladação, que até àquelle tempo em Portugal fora vista.

Semelhantemente mandou El-Rey fazer outro tal muymento, e tambem obrado (da mesma forte) para si, e mandou-o pôr junto do seu della, para quando houvesse de morrer, o deitarem nelle.

Estando elle em Estremoz, adoeceo de sua derradeira dor; e

jazen-

jazendo doente lembrou-se como depois da morte de Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho elle fora certo que Diogo Lopes Pacheco não fora culpado na morte de Dona Ignez, e perdoou-lhe todo o queixume, que d'elle havia, e mandou q̄ lhe entregassem todos seus bens, e assim o fez depois ElRey D. Fernando, seu filho, que lhos mandou entregar todos, e lhe alçou a Sentença, que ElRey seu pay contra elle passára quanto com direito pode. E mandou ElRey em seu Testamento, que lhe tivessem em cada hum anno para sempre no dito Mosteiro seis Capellães, que cantassem cada dia hũa Missa officiada (de *Requiem*, por sua alma,

ma, e de Dona Ignez,) e sahissẽ
 (atẽ às sepulturas, e) sobre ellas
 com a Cruz, e agua benta (lhes
 cantassem hum Responso.)

E ElRey D. Fernando, seu fi-
 lho, por se isto melhor cumprir,
 e se cantarem as ditas Missas, deu
 depois ao dito Mosteiro em doa-
 çãõ para sempre o Lugar, que
 chamaõ Paredes, em Termo de
 Leiria com todas as rendas, e se-
 nhorios, que em elle havia. E dei-
 xou ElRey D. Pedro em seu Testa-
 mento certos Legados, a saber:
 A^a Infanta Dona Briatriz, sua fi-
 lha, para seu casamento cem mil
 libras; e ao Infante D. Joaõ, seu
 filho, oitenta mil libras; e ao In-
 fante D. Diniz outras oitenta mil
 libras;

libras ; e assim a outras pessoas.

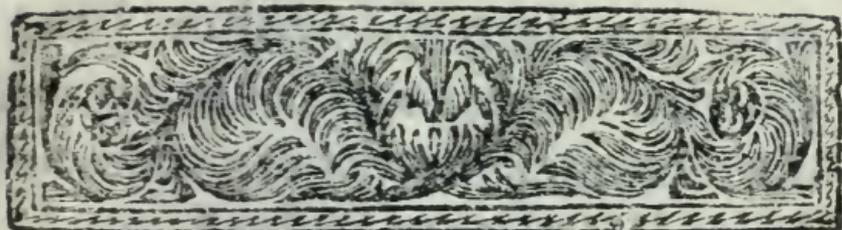
E morreo El Rey D. Pedro em huma segunda feira de madrugada 18. dias de Janeiro da era de mil quatrocentos e cinco , (que he anno do nascimento de Christo 1367.) havendo dez annos, e sete mezes , e vinte dias , que reinava, e quarenta e sete annos , e nove mezes , e oito dias de sua idade ; e mandou-se levar àquelle Mosteiro, que diffemos , e lançar em seu muymento , q̄ está junto com o de Dona Ignez ; e por quanto o Infante Dom Fernando, seu primogenito filho , não se achava entãõ alli , foy El Rey detido , e não levado logo, atè que o Infante veyo, e à quarta feira foy posto no muymento

mento ; e diziaõ as gentes , que
taes dez annos nunca houve em
Portugal , como estes que reinou
El Rey Dom Pedro , de respeito às
Leys , soccego nos Povos , felici-
dades no Reyno , abundancia de
mantimentos , &c.

F I N I S.



SUP-



SUPPLEMENTO

a esta Chronica del Rey

D. PEDRO I.

DOS SUCESSOS DE SUA VIDA,
e acções suas antes de ser Rey, e ou-
tras coufas notaveis, de que o
Author della não trata.

Pelo Padre Jozè Pereira Bayaõ.

CAPITULO I.

*Do seu nascimento, criação, e des-
posorio.*

NAsceo El Rey Dom Pedro I.
deste nome na Cidade de
Coimbra em 8. do mez de Abril

Cc

do

do anno de noſſo Senhor J E S U
Christo de 1320. e naõ aos 19.
do dito mez como erradamente
treslada Faria, o Padre Espinola,
e o Padre S. Maria dos Elogios, q̃
Fr. Bernardo de Brito fez dos Reys
de Portugal, e este de Garibay; o
primeiro na Europa Portugueza,
o segundo no Cathalogo dos mes-
mos Reys, que traz na sua Escola
Decurial, e o treceiro no seu Anno
Historico, podendo antes seguir
a Chronica del Rey seu pay, que
posto differe da verdade hum dia,
pondo este nascimento a 9. do di-
to mez, com tudo ficava sendo
menor o erro; e infiro que o de
Fr. Bernardo, e Garibay proce-
deo de engano, tresladando 19.
por

por 9. nem se póde attribuir a erro da impressãõ , porque está escrito por letra. O que seguimos por sem duvida consta do irrefragavel testemunho do livro da Noa do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra , allegado pela Monarquia Lusitana, sexta parte, que especifica succeder em sexta feira de madrugada.

De que há quem forme misterio , como tambem de ser quinto-genito de seus pays os Reys D. Afonso IV. e Dona Brites, sua mulher , e do nome de Pedro , que lhe foy posto no Bautismo, dizendo foy presagio de ser elle só o que depois de tantos irmãos mortos, reservava Deos para herdeiro do

Reyno , que tem por Armas as Quinas, ou cinco Chagas de Christo , e para pedra firme , e permanencia do mesmo Reyno , que escolhéra para seu Imperio , que se hia arruinando com a discordia , em que de presente andava o Principe , seu pay com seu avô El Rey D. Diniz , trazendo os povos divididos , e amotinados com tão injusta guerra, como nascida da sem razão de quererlhe usurpar violentamente a Coroa , sem querer esperar pelo curso natural , e pela occasião de a herdar com a benção de Deos , soffrendo mal que a larga vida del Rey lhe dilatasse por tanto tempo o impunhar o Sceptro , que tinha seguro, e elle o infir-

firmava , offendendo a Deos , e escandalizando a hũ pay taõ bom, e a huma mãy taõ santa , como a Rainha Santa Isabel.

Achava-se ElRey Dom Diniz nesta occasiaõ em Lisboa, e ainda que desgostado do filho , alegrou-se , e festejou muito o nascimento do neto ; e muito mais folgou de o ver quando depois passados trez annos , apaziguadas já as discórdias , e contentado o Principe , lho remeteo a Lisboa para que o visse , e lhe désse a sua benção , e se firmasse com isto muito mais a amifade. Naõ o tinha visto por causa das desavenças passadas , e foy tanto o gosto , e alegria , que recebeo desta visita , como explica

ca ao mesmo filho em huma carta, que lhe escreveo de mão propria dizêdo: *Estimey tanto a prenda, com que me seguraes a satisfação da divida, que sua vista bastou para desterrar de minha lembrança alguma reliquia de aggravo, se de vós me tinha vindo; que sua innocencia, e fermosura pedem, e alcanção por vós mais, do que soubestes querer, e me levaõ mais do que tive tenção de dar, &c.*

No dia seguinte se foy El Rey com a Rainha Santa à Sê da mesma Cidade offerecer o neto a Deos nosso Senhor, à Virgem MARIA, sua Mãy, e ao Martyr S. Vicente no Altar de suas Reliquias, e dar-lhe as graças daquelle gosto. Partiraõ

tiraõ muito acõpanhados da Nobreza, e Cidadãos, e à porta daquelle Sagrado Templo foraõ recebidos do Bispo desta Cidade D. Gonçalo Pereira, que depois foy Arcebispo de Braga, o qual os estava esperando com todo o seu Clero, e os leváraõ em Procissão à Capella Môr, onde o Bispo celebrou em Pontifical Missa ao Glorioso Martyr no Altar, em que se guardava o seu Sagrado Corpo, e de suas mãos recebéraõ ambos Rey, e Rainha o Divinissimo SACRAMENTO. Dadas as graças a Deos, e feita a offerta do menino Infante, e por elle joyas de preço, voltáraõ para os Paços do Castello, donde tinhaõ sahido.

Daqui

Daqui por diante , pela incurria dos tempos, se não achão mais noticias , que toquem a este Principe, atè seu desposorio ; mas não he maravilha que faltem as dos Infantes quando as muito heroicas dos Reys tiverão a mesma fortuna, e padecéraõ a mesma ruina. Os primeiros desposorios , que se lhe offerecéraõ , e se effeituáraõ foraõ com Dona Branca , filha do Infante D. Pedro , tio , e Tutor del Rey D. Affonso XI. de Castella , a troco de Dona Maria Infanta de Portugal , irmã do nosso Infante. Tratou seu pay este casamento , e troco com o de Castella , e veyo Dona Branca para este Reyno , deixando a Dona Maria

casa-

casada com ElRey de Castella, e todas as suas terras em dote por outras, que cá lhe foraõ dadas. Eraõ ainda neste tempo estes dous Infantes de menor idade da que se requeria para contrahirem Matrimonio, pelo que ficou Dona Branca criando-se no Paço, e na companhia da Rainha Dona Brites, sua sogra por espaço de dez annos estimando-a como filha.

Pelo tempo adiante começou esta Infanta a manifestar infirmitades habituaes no corpo, e defeitos no juizo, por onde se incapacitava para o estado conjugal, e para a Prole, de que se necessitava para a successaõ do Reyno, e o Infante começou por isto a desgostarse

gostarse muito della, o que tudo reconhecido por ElRey, dando-lhe muito cuidado por ver já o filho em idade sufficiente para caçar, e sem mulher competente para isso, tratou de lha procurar em Aragaõ, e em outras partes, mas sem effeito, porque todas tiveraõ desvio; e o Infante se declarou com seu pay dizendo: *Que lhe pedia por mercè que com ella, nem com outra alguma o não casasse contra sua vontade, porque não houvesse occasiaõ de lhe desobedecer, como não dezejava.*

Deu disto parte ElRey D. Afonso ao de Castella, apontando-lhe as causas, por onde a dita Dona Branca era incapaz do estado
matri-

matrimonial ; e porque não entende-se , que isto era escusa para não cumprir o ajustado, dizia-lhe que podia mandar-se informar por seus Fisicos. E quanto às terras, que era obrigado dar-lhe em Portugal , pelas que largára em Castella, que por ellas lhe daría equivalente preço. Sentio El Rey de Castella muito esta noticia; e para saber a realidade enviou a Portugal alguns Cavalheiros, e com elles Fisicos , que fizessem experiencia na Infanta, e feita ella, achárao ser verdade, que era achacada de accidentes , com especie de tizica , e lesão no entendimento. Com tudo por então ainda a Infanta ficou em Portugal no Paço del-

del Rey tratada , servida , e estimada como dantes.

C A P I T U L O II.

Em que se profegue a mesma materia do Desposorio do Infante Dom Pedro.

N Este tempo El Rey D. Affonso de Castella embebido nos amores de Dona Leanor Nunes de Gusmaõ, sua manceba, desestimava muito a Rainha Dona Maria, sua mulher, filha del Rey de Portugal, que por isso estava muy desgostado, e escandalizado do genro, e lhe queria fazer guerra. Fomentava esta discordia D. Joaõ Manoel, tio del Rey de Castella,

por

porque estava aggravado de lhe regeitar Dona Constança, sua filha, com quem primeiro fora desposado, por casar com a dita Infanta Dona Maria de Portugal; dezejando por esta via tomar algum genero de vingança pela afronta, que de ambos entendia ter recebido. Porèm dezejando atalhalas Dom Fernando Rodrigues, Prior da Ordem de S. Joaõ, muy privado, e pessão mais principal do Conselho delRey de Castella, e Chanceller Môr da Rainha Dona Maria; e porque era muito affeitoado a D. Joaõ Manoel, tratou secretamente com ElRey de Portugal, que vista a incapacidade de Dona Branca, casasse o Infante, seu

seu filho com a dita Dona Constança, filha delle ; apontando-lhe ser muito conveniente para o soccego destes Reynos , e evitar as injurias , que a Rainha , sua filha recebia , telo a elle por amigo , e confederado , pois era pessoa tão principal , e poderosa em Hespanha.

Contentou a ElRey a proposta ; e dando parte della a hum seu valido , elle a aprovou , e louvou. E convocando ElRey a Cortes para tratar deste negocio, todos seus Vassallos o tiveraõ por justo , e conveniente, assim para o estado, que já era bem dar ao Infante, como para mayor firmeza do da dita Rainha de Castella, e remedio
das

das esquivanças, com que a tratava ElRey, seu marido. ElRey, que sabia muito bem, e conhecia os merecimentos de D. Joaõ Manoel, e graças de sua filha, digna de mayor Imperio, assentou de a mandar pedir logo a seu pay. E dando conta desta resolução a ElRey de Castella, mostrou elle em publico que o estimava; mas em secreto o sentio muito, e teve disso grande ciume invejoso, por ter sido desposado com ella; e assim foraõ tantas as dissimuladas contradições, que lhe poz, que foy forçoso a ElRey de Portugal fazerlhe guerra para a deixar vir a Portugal, causando-se muitas hostilidades em hum, e outro Reyno,

no , com grande danno dos Povos , como conta a sua Chronica.

Feita a paz por intervenção do Papa Benedicto XII. que a isso mandou a Hespanha o Bispo de Rodes , consentio ElRey de Castella , bem contra sua vontade , que a dita Infanta fosse trazida ao Infante , seu esposo no anno de 1340. os quaes estavaõ já recebidos por Procuração quatro annos antes no de 1336. elle na Cidade de Evora em 5. de Fevereiro com D. Fernão Garcia , Deaõ de Cuenca , Procurador de Dona Constança , estando ElRey, e a Rainha presentes ; e ella na Villa de Castriho com Dom Gonçalo Vaz de Goes , Procurador do Infante. O
dote

dote foraõ trezentas mil dobras de ouro , e muy grande enxoval , confessando D. Joaõ Manoel ser tudo pouco para o merecimento, e grandeza de taes Noivos:

No mez de Agosto foy sua entrada em Lisboa acompanhada de feu pay , e de muitos Cavalheiros de Portugal , e Castella , e aqui foy recebida com grande prazer, e alegria del Rey, que tanto lhe tinha custado este casamento , e tanto se tinha empenhado em concluirlo. Na Sè da dita Cidade foraõ os Noivos dar graças a Deos pelo feu novo estado , e alli foraõ abençoados pelo Bispo della Dom Joaõ Affonso de Brito , assistindo todos os Prelados , e Nobreza do

Reyno. Foy geral o contentamẽto, e iguaes as festas, que se fizeram neſtas vodas. Era entaõ o Infante de idade de vinte annos, e a Infanta de poucos mais, idade muy conveniente para a procreação da Prole.

Nesta meſma occaſiaõ foy entregue a Infanta Dona Branca, primeira eſpoſa do Infante D. Pedro, a Martim Fernandes de Porto Carreiro, Camareiro Môr del-Rey de Caſtella, que por ſua ordem a veyo conduzir, e aſſim voltou para aquelle Reyno com todo o ſeu dote em dinheiro, que tinha trazido, muito bem acompanhada de Fidalguia Portugueza, que ElRey mandou com ella. A qual,
con-

conformando-se muito com a disposição Divina , escolheo o melhor Esposo , recolhendo-se no Real Mosteiro das Huelgas de Burgos , onde professou o Estado Religioso , viveo , e acabou muy santamente.

Deste Matrimonio do Principe D. Pedro com Dona Constança Manoel , nascéraõ tres Infantes. Dona Maria , que ainda em vida de seus avôs casou com Dom Fernando , Infante de Aragaõ , bem conhecido pelo titulo ; que teve de Marquez de Tortoza , e Senhor de Albarrazim , filho del-Rey D. Affonso IV. e de sua segunda mulher Dona Leanor , irmã del-Rey de Castella , a qual a veyo

receber, e levou da Cidade de Evo-
ra com grande gosto, e prazer em
3. de Fevereiro do anno de 1354.
E esta Infanta por morte de seu
marido (que El Rey Dom Pedro de
Aragão, seu irmão, mandou ma-
tar por ter paz com o cruel de Cas-
tella, como fica dito na Chroni-
ca capitulo 36.) ficando muito
moça, tornou para Portugal, pa-
ra as terras, que lhe foraõ dadas
em dote, e faleceo sem successão.
O Anno Historico do Padre Santa
Maria, a 3. de Fevereiro a faz fi-
lha del Rey D. Affonso IV. sendo
certo que foy sua netá, pois a filha
que deste nome teve casou com
El Rey de Castella.

O segundo genito dos nossos
Prin-

Principes foy D. Luiz, que falece de oito dias, logo depois de bautifado. O terceiro foy D. Fernando, que foy Rey de Portugal, fucceffor de feu pay, e nasceo em Coimbra a 31. de Outubro de 1345. de cujo parto se originou tal infirmitade na Infanta sua mãy que veyo a falecer em 13. de Novembro proximo seguinte do mesmo anno, com grande sentimento dos Reys, seus sogros, e de toda a Nação Portugueza, por ser dotada de grande fermosura, discreção, e muitas bondades, e virtudes; partes, que a faziaõ muito amada, e estimada de todos, atè do proprio marido com andar já todo embebido nos amores de Do-

na

na Ignez. Foy sepultada no Mosteiro de São Domingos de Santarem, e depois tresladada por seu filho ElRey D. Fernando para hũ magestoso tumulo de pedra branca, que lhe mandou fabricar no Coro da Igreja de S. FRANCISCO da dita Villa, onde tambem se mandou depois sepultar junto della.

Queixa-se o Author da setima parte da Monarquia Lusitana de que nossos Chronistas não dem noticia alguma do anno, e dia de sua morte, e lugar primeiro de sua sepultura, e causa della, como assim he, esquecendo-se de hũ ponto taõ especial, e effencial à Historia; mas não he isto cousa nova; muitos destes descuidos se achão

nas Chronicas antigas, por serem escritas muy tarde, e pela pouca diligencia, que para isso fizeraõ seus Authores. Com elles affenta este, que a Infanta morrera do parto de sua filha, Dona Maria, o que he engano manifesto, como bem prova Barboza no Cathalogo das Rainhas de Portugal, e Santos na oitava parte da Monarquia Lusitana, capitulo 2. a quem sigo agradecido, não deixando de pôr de casa alguma mais diligencia. Com a mesma descobri a noticia de hum successo, que por tocar a este Principe, e ser desta idade, quero lançar aqui.

Em todos os tempos pretendé-
raõ os Bispos do Porto, que por
vir-

virtude da Doação da Rainha Dona Tareja , viuva do Conde Dom Henrique, progenitores dos Reys de Portugal , e Senhora proprietaria do mesmo Reyno, feita à Sè, e ao seu Bispo Dom Hugo, fosse aquella Cidade izenta da jurisdicção Real ; houve sobre isso grandes contendias em varios tempos, que se renováraõ no del Rey Dom Affonso IV. entrando nella a executar justiças o Corregedor de Entre Douro , e Minho Vasco João, estando o Bispo della D. Pedro Affonso absente , o qual o excomungou. Sentio-se disso El Rey, e procurou meyo de o applacar : com industrioso pretexto foy o Principe Dom Pedro à Cidade do

Por-

Perto : fez todas as diligencias possiveis para que o Bispo levantasse as Censuras ; porèm como entre ellas não offerencia a emmen- da das partes, não se dobrou o juiz ao rogo. Receando-se o Principe, de que passado o termo, aggravasse o Bispo as Censuras, e se retirasse ; lhe mandou pôr guardas, que foy o mesmo, que pollo em cerco.

Acompanhado o Bispo de hũ pagem, de quem se fiava, sahio furtivo à prima noite, e foy amanhecer a Galliza. Seguirão-no os Ministros Reaes, porèm não lhe deraõ alcance : do que o Principe ficou irritado ; e de todo embra- vecido, quando o certificáraõ, que

que o Bispo em parte concernente, e com toda a solemnidade declarára a todos os delinquentes por contumazes, e incurfos na excommunhaõ, e posto interdito em todo o seu Bispado, se partira para Avinhaõ, onde residia a Curia Romana.

Temeo ElRey a queixa; e da sua parte nomeou dous Embaixadores, que diante do Pontifice Clemente VI. fossem desculpar, e defender sua causa: hum foy o Mestre Pedro das Leys, para requerer como Letrado; outro Ruy Gomes, para applacar, como parente do Bispo. Procurou o Papa concordallos; mas com tudo a contenda durou até quasi o fim da vida

vida del Rey D. Affonso. Succedeo isto no principio do anno de 1344.

CAPITULO III.

Dos seus amores com Dona Ignez de Castro, e dos filhos, que della teve, e successo delles.

Muy celebrados foraõ sempre, e saõ ainda hoje de Historiadores, e Poetas, e ainda da voz popular, e tradicçaõ continua, os grandes amores contrahidos entre o Infante D. Pedro, e Dona Ignez de Castro, pela grande fineza, que elle com ella usou depois de morta, coroando-a Rainha, e sepultando-a com tanta

ta

ta pompa , e taõ grande lustre; qual nunca fora visto. Foy esta Senhora filha de D. Pedro Fernandes de Castro , que chamáraõ o *da Guerra*, grãde Senhor em Galliza , Adiantado Môr da Frontaria , e Camareiro Môr delRey D. Affonso XI. de Castella, e de *huma mulher de Galliza, sua manceba* , a quem os antigos ignoráraõ o nome , os pays , e a qualidade ; e os modernos lá os foraõ descobrir não sey aonde , com tanta variedade , que bem mostraõ a incerteza , que tem , chamando-lhe huns Dona Berenguella Lourenço , e outros Dona Aldonça Soares de Valladares, fazendo-a filha de D. Lourenço Soares de Valladares,

dares , Rico-Homem Gallego , e Fronteiro Môr de entre Douro , e Minho , e de sua mulher Dona Sancha Nunes de Chacim ; a qual dizem que era donzella , que andava em sua casa na companhia de sua mulher Dona Isabel Ponce ; e della teve mais o dito Dom Pedro Fernandes de Castro a Alvaro Pires de Castro , que depois teve titulo de *Dom* , quando por via de sua irmã Dona Ignez , subio em Portugal a grande Senhor ; porque foy feito primeiro Condestavel deste Reyno , primeiro Conde de Arrayolos , Alcaide Môr de Lisboa , e Senhor de outras muitas terras , com cuja neta D. Joanna de Castro casou depois D. Fernando,

do, neto delRey D. Joaõ I. segundo Conde de Arrayolos, primeiro Marquez de Villa-Viçosa, e segundo Duque de Bragança. Era o dito Dom Pedro Fernandes primo com irmão do nosso Infante Dom Pedro, porque foy filho de Dom Fernando Rodrigues de Castro, e de sua mulher Dona Violãte Sanches, filha bastarda delRey Dom Sancho o Bravo de Castella, irmã da Rainha de Portugal Dona Brites, mãy do dito Infante.

Veyo Dona Ignez para Portugal por Donzellã da Infanta Dona Constança, a qual era muito fermosa, e se chamava entã Ignez Pires, sobre nome patronimico do nome de seu pay D. Pedro, conforme

forme o uso antigo de Hespanha, ainda entã observado ; e não só lograva a prerogativa de Dama do Paço , mas tambem a estimaçaõ de parenta. E sendo dotada de estremada graça , gentileza , e disposiçaõ , por onde foy chamada *Collo de Garça*, tanto que o Infante D. Pedro a vio logo ficou prezo do seu agrado , e tanto se foy cativando do seu amor pela continuaçaõ do tempo, que não podia foccegar sem a ver , e procurar occasiões de lhe fallar. Reparou nestes delvélos a Infanta Dona Constança, e sintida da inclinaçaõ do marido , e ruina espirital , a que se encaminhavaõ ambos com aggravo della mesma , poz dalli em di-

ante

ante grande cuidado no recato de Ignez, e ella em si o tinha, porque era muito honesta, e commedida.

Com o resguardo cresceu muito mais a afeição no Infante; e a mulher dezejando atalhar o dano, tomou-a por Comadre, e madrinha do Infante D. Luiz; porém dizem, que sabendo o Infante disto, a mandára avisar, que não fizesse tenção de o ser; porque assim era conveniente, e que ella assim o executára; por onde discorrem alguns doutos, que em castigo deste peccado permittira Deos depois a sua morte violenta, e a do Infantinho logo.

Nada disto bastou para evitar estes

estes amores , porque com os remedios crescia o mal , e foy esta cõsideração bastante para aumentar a causa da morte de D. Constança , como alguns pondéraõ. Livre o Infante do vinculo do Matrimonio, apoderou-se logo de todo de Ignez Pires , e a retirou do Paço para os de Santa Clara de Coimbra , fundados pela Rainha Santa Isabel , sua avó , com promessa sem duvida de vir a ser sua esposa , e futura mulher, como he o mais certo , nem he de presumir. que ella se lhe entregasse sem esta condiçaõ , e ainda segurança della, o que parece que elle cumprio, recebendo-a por tal dahi a alguns annos occultamente em Bragança

Ee

na

na fôrma em que o refere a Chronica , e com as duvidas , que alli se vem ; mas tendo-a sempre com titulo de manceba , do que muitos crem que ella nunca passou a mais, em cuja disputa eu me não quero intrometer , porque ella seus Defensores tem , que advogaõ por sua causa.

O certo he que ella houverá de vir a ser Rainha de Portugal se chegára a ver coroado o Infante ; o qual mandou que dalli em diante se chamasse Dona Ignez de Castro , e della teve tres filhos, e huma filha , a saber : Dom Affonso, D. Joaõ , D. Diniz , e Dona Beatriz. Dom Affonso , morreo menino em vida de seu avô. D. Joaõ foy

foy dotado de boas partes, e muitas terras por ElRey seu pay, e por sua morte ficando com seu irmão ElRey D. Fernando, vendo-o cazado com Dona Leonor Telles de Menezes, sua vassalla, e cazada com outro marido vivo, se namorou tambem de Dona Maria Telles, sua irmã, viuva de Alvaro Dias de Sousa, Fidalgo muito principal deste Reyno; que era ainda muito moça, e muito fermosa; e não a podendo haver senão por casamento a recebeu occultamente, tendo-o por caso mais honesto que o obrado por ElRey, e teve della hum filho chamado D. Fernando de Eça, progenitor dos Fidalgos deste appellido, que foy pay

de quarenta e dous filhos em diversas mulheres.

Sabendo a Rainha deste casamento , envejando a fortuna da irmã , porque a via em caminho de vir a ser Rainha de Portugal , em abatimento seu , (como houvera de ser) pois se via sem filho varão , e ElRey achacado , bem conjecturava , que o Infante o viria a succeder , e como era astuta , e sagaz , para que isto não viesse a effeito , ordenou huma diabolica tramoya para lhe occasionar a morte a ella , e o desterro ao Infante , em que já estava o outro irmão , qual foy moltrarse muito affeiçoada ao mesmo Infante , e darlhe a entender por via de algumas pessoas,

foas, que teria summo goſto de que elle viesſe a caſar com a Infanta Dona Briatriz , ſua unica filha, herdeira do Reyno ; porque melhor ſeria (ſingia ella) que elles o poſſuiſſem ambos ſendo naturaes, e parentes, do que vir Principe eſtranho a dominalo. Toou iſto ao Infante, e cheyo de ambição, ſem penetrar o engano, arrependeo-ſe de ter caſado com Dona Maria, pois lhe fruſtrava a Coroa , não querendo os ſeus amores ſem o vinculo do Matrimonio.

Com eſta paixão tratou logo de ſe deſembaraçar della , forjando apparente , e ſingida deſconfiança, e queixa para a matar, o que executou em Coimbra em huma
ma-

madrugada , matando-a por sua
maõ às punhaladas ; morte tyran-
na, que causou grande lastima em
todo o Reyno, e todos a estranhá-
raõ muito ao Infante pela bonda-
de, e muita honestidade daquella
Senhora , merecedora de melhor
sorte, como tambem por elle ser
hum Principe de boa inclinaçaõ,
e de quem senão esperava acçaõ
taõ indecorosa. Retirou-se o In-
fante para S. Payo, affustado do
que tinha feito, e pela Beira alta
andou muito tempo, com temor
dos grandes do Reyno, que quasi
todos eraõ parentes de Dona Ma-
ria, e muito mais por saber que a
Rainha se mostrava muy sentida
da morte de sua irmã, vestindo-se
de

de luto, e queixando-se delle ; porèm isto era nella fingimento para contemporizar com o publico, que no seu interior só ella estimou o caso , por se ver defassombreado do receyo , em que estava.

Passado algum tempo mandou o Infante pedir perdão a ElRey , e à Rainha, senão que se hia fóra do Reyno ; e sendo perdoado voltou à Corte, onde nem achou os agradados, nem as esperanças do que dezejava ; porque a Rainha por governar sempre o Reyno em sua vida, queria antes ver sua filha casada com o filho delRey de Castella , como estava contratada. E vindo o Infante a fallar nisso conheceo o seu engano , pois se lhe não

não respondeo como esperava ; e caindo no seu erro, vendo-se frustrado , foy-se para Entre douro, e Minho, e ahi passava a vida triste, e solitaria com a consideração, e arrependimento do mal, que havia feito , matando a innocente Dona Maria, sua mulher, e muito mais depois , quando conheceo , que pelo assim fazer perdéra a Coroa deste Reyno.

E sabendo que hiaõ contra elle os parentes de sua mulher para vingarem a sua morte foy-se para Castella, onde ElRey D. Henrique o aceitou por vassallo, e o casou com Dona Constança, sua filha bastarda, e lhe deu em dote o Condado de Valença, e outras
terras

terras em que viveſſe. Della teve o Infante tres filhas ; Dona Maria de Portugal , que casou com Martim Vaſques da Cunha, por quem foy Conde de Valença, dos quaes descendem agora os Duques de Najara. A ſegunda, que ſe chamou Dona Sancha , casou com Lopo Vaſques da Cunha, ſeu irmão. E a terceira chamada Dona Thereza , casou com o Conde D. Pedro Ninho ; e de todas ellas ficou geraçãõ.

Teve o Infante mais fóra do Matrimonio D. Affonſo, que casou com Dona Branca da Cunha, Senhora de Cascaes, Lourinhã, e outras terras, de quem procedem illuſtres Familias de Caſtros, Menezes,

nezes, Sylvas, &c. D. Pedro da Guerra, e D. Fernando, Senhor de Bragança, dos quaes descendem outras não menos illustres.

Foy o Infante D. João Principe de boa disposição, e singular gentileza, e dotado de todas as graças, que em hum tal fugeito se podem dezejar: grande Cavalgador de gineta, e brida, e taõ destre, que como se escreve do grande Alexandre, os cavallos indomitos, que outros não podiaõ amançar, assim os manejava elle como os mais mansos, e ensinados. Nas justas, e torneos, em que muitas vezes entrava, quasi sempre ganhava os premios. Foy grande Monteiro; e que com ur-

ços,

ços , e porcos montezes lhe acontecéraõ grandes casos. Da condiçãõ era liberalissimo , e taõ benigno , e suave na conversaçãõ , que quem o ouvia alguma vez não se podia mais apartar d'elle. De que resultou , que em Castella , onde não era taõ bem herdado , como à sua qualidade convinha , foy sempre servido de muitos Grandes , que tinhaõ tanta , e mais renda , que elle , que o acompanhavaõ continuamente como seus acostados. Finalmente não houve em D. Joãõ cousa de reprehender , senão a morte de sua mulher pela cobiça de reinar ; por onde Deos o castigou com premitir , que não reinasse.

Foy em Portugal Senhor das Villas de Porto de Moz, e Sea, com seus Termos, e das terras, e julgados de Lafoens, de Gufar, de Cataõ, de Penalva, de Rio de Moinhos, de Besteiros, de Sever, de Fonte-arcada, de Bem-viver, de Muymenta de Armamar, de Panha, de Riba de Visella, de Figueiredo, de Aguiar da Beira, de Adeganha, dos Prestimos de Cerquins, de Oliveira do Conde, de Oliveira do Bairro, com suas jurisdicções, e rendas, por data del-Rey seu pay; e por doação del-Rey D. Fernando, seu irmão da Villa de Gouveya. Tudo isto perdeu, e o que mais he a Coroa deste Reyno, a que tanto aspirou, que de

di-

direito lhe vinha, e que os Estados delle tanto lhe dezejáraõ dar, fazendo-se incapaz della por matar cruelmente sua innocente mu'her, passarle a Castella, e tomar armas contra a sua Patria.

E ainda assim fora Rey se por morte delRey, seu irmaõ naõ estivera impedido ; porque sendo ElRey de Castella D. Joaõ I. casado com Dona Brites, filha herdeira do de Portugal, não se dando por seguro no seu direito, nem se fiando muito nos Portuguezes, cujos animos conhecia inclinados ao Infante, e pela natural antipatia, que sempre houve entre elles, e os Castelhanos, temendo-se que o fizessem Rey, e lhe entregassem o
Rey-

Reyno, o mandou logo prender, e guardar muito bem; por onde vendo elles este obstaculo, muito mais aborrecção o Castelhana, e tomárao por seu Defensor, e pouco depois em Rey, a Dom João, Mestre de Aviz, seu irmão bastardo. Altos juizos de Deos, que por onde injustamente muitos querem subir, por hi lhes vem a ruina, e abatimento! Morreo o Infante na prizaõ, e está sepultado em Santo Estevaõ de Salamanca, Convento da Ordem de Saõ Domingos.

CAPITULO IV.

Em que se profegue a mesma materia.

O Terceiro filho del Rey Dom Pedro, e de Dona Ignez de Castro foy D. Diniz, que levando a mal o casamento del Rey D. Fernando com Dona Leonor Telles, sua vassalla, e casada com Joaõ Lourenço da Cunha, não lhe quiz beijar a mão, dizendo: *Que ella lha devia beijar a elle*; por onde El Rey, aggravado, o quiz matar com huma adaga, dizendo: *Que não tinha vergonha, de que vendo que lha beijavaõ o Infante D. Joaõ, que era mais velho, que elle, e D. Joaõ,*

João, Mestre de Aviz, seus irmãos, e todos os Fidalgos do Reyno, só elle o recusasse fazer? Pelo que se fahio da Corte, e andou omiziado, e fóra da graça delRey, que lhe tinha grande odio, até que se foy para Castella, muito antes de seu irmão, onde ElRey D. Henrique o casou com outra sua filha bastarda, e lhe deu em dote as Villas de Alva de Tormes, Escalona, Cifuentes, e outras.

Teve da dita sua mulher, chamada Dona Joanna, tres filhos: D. Pedro, D. Fernando de Portugal, que deixando este appellido tomou o de Torres, e d'elle descendem os Fidalgos, que o tem. O terceiro filho foy Dona Brites, que

que sendo muito virtuosa permaneceu donzella na companhia da Rainha Dona Maria de Castella, e depois viveo em Tordefilhas, onde edificou, e dotou hum nobre Hospital para pobres. Fernão Peres de Gulmaõ na Chronica del Rey D. Joaõ II. de Castella, lhe chama filha del Rey Dom Diniz, não pelo que cuidou Duarte Nunes de Leão, senão porque seu pay tomou este titulo quando vio que seu irmaõ bastardo, e mais moço, estava feito Rey de Portugal, estando elle em primeiro lugar; e tomando armas por ordem del Rey de Castella vencido dos Portuguezes, quiz entrar neste Reyno, pertendendo o Castelhana in-

troduzir nelle divisões para fazer melhor o seu partido ; mas sahio frustrada esta maxima pela felicidade do vitorioso irmão ; e este titulo tem gravado na sepultura em Guadalupe ; o que estranhando ElRey D. Sebastião, quando alli foy verse com seu tio ElRey D. Felippe II. por não ter noticia do caso, nem de outro Rey Dom Diniz, mais que do sepultado em o Real Mosteiro de S. Dionisio de Odivellas no Termo de Lisboa, pedio que a tirassem dalli da Sacristia, onde estava, e a recolhessem em parte occulta, o que foy logo executado.

Teve o Infante D. Diniz em Portugal o Senhorio das Villas do
Pra-

Prado , as Terras , e Julgados de Murça , de Nales , de Azurára , de S. João de Rey , de Santo Estevão de Jarez , de Riba do Lima , de Valdevez , de Preselhar , de Santa Cruz de Riba do Tamega , e da Maya , com suas rendas , e jurisdicções , as quaes perdeo por não fazer a vontade a El Rey Dom Fernando , seu irmão , e se passar a Castella , onde viveo , e morreo , e foy sepultado com sua mulher na Sacristia do dito Mosteiro de nossa Senhora de Guadalupe , em hum tumulo de marmore , e não em Santo Estevão de Salamanca , como pareceo a Guaribay , e ao seu parcial Mariz , por estar alli o outro irmão.

A filha del Rey D. Pedro, e de Dona Ignez de Castro, Dona Brites foy Senhora de muito preço, e grandes perfeições, teve-a seu pay contratada para cazar com El Rey D. Pedro de Castella, como tambem todos seus irmãos com as filhas do dito Rey, e nenhum teve effeito, vindo ella depois a cazar, em tempo del Rey D. Fernando, com D. Sancho, Conde de Albuquerque, meyo irmão do dito Rey D. Pedro, e inteiro del Rey Dom Henrique de Castella, com o qual se logrou muy pouco tempo, e por sua morte ficou prenhe, de que pario Dona Urraca, que depois, mudando o nome, se chamou D. Leonor, a qual por ser Condeça
de

de Albuquerque , e Senhora das Terras do Infantado , e de outras muitas , porque lhe chamavaõ : *Rica femea* , e por ser dotada de muitas virtudes, e merecimentos, como da fermosura, e partes, casou com o Infante D. Fernando , filho delRey D. Joaõ I. de Castella no anno de 1393. em Madrid, e foraõ depois feitos Reys de Aragaõ, e Sicilia , e pays dos celebrados Infantes de Aragaõ, dos quaes os dous primeiros foraõ Reys muito valerosos ; D. Affonso de Aragaõ, e Sicilia , que ganhou o Reyno de Napoles , e D. Joaõ II. de Navarra , e Aragaõ ; e tambem o foraõ das Rainhas Dona Leonor, que casou com ElRey D. Duarte de

de Portugal, e Dona Maria, mulher del Rey D. João II. de Castella. Por onde o fangue da fermosa Dona Ignez de Castro se defundio por todas as veas Regias da Europa. Os filhos da qual se não chamarão Infantes senão depois que El Rey D. Pedro declarou, que fora casado com ella. Como se prova do termo, com que os tratava El Rey seu avô quando lhes fazia alguma mercê, dizendo na Escriitura: *Querendo fazer graça, e mercê a D. João, meu vassallo, filho do Infante D. Pedro, meu filho, &c.* A Infanta Dona Brites está sepultada na Sé de Burgos. Isto pelo que toca aos filhos, profigamos o que se passou com a mãy; tragedia affaz lastimosa! CA-

CAPITULO V.

Do cuidado , e desconfiança , que estes amores do Infante D. Pedro com Dona Ignez de Castro , causáraõ em ElRey Dom Affonso , e lhe occasionáraõ a morte a ella.

VEndo ElRey Dom Affonso o Infante taõ engolfado nos amores de Dona Ignez , e receando que viesse a cazar com ella , segundo lhe estava amorosamente entregue , o que podia ser , posto que fosse sua sobrinha , filha de quem era seu primo , por virtude da Bulla impetrada do Papa Joaõ XXII. que está na Chronica ; e porque não convinha por muitas

ra-

razões, nas quaes elle Infante não repararia, obrigado da grande força de amor, e afeição, que lhe tinha, começou a importunalo, que cazasse, pois se achava ainda em idade juvenil, apontando-lhe varias Esposas para que escolhesse alguma dellas, e se apartasse do estado escandaloso, em que vivia, estando assim embaraçado com illicitas conversações. Foy este Rey muito honesto, de sorte que se não sabe que conversasse outra mulher mais que a sua, não se parecendo nisto com seu pay D. Diniz; e por isso sentia muito a inclinação do filho, e a procurava evitar. Não lhe deferia a nada o Infante, por onde El Rey posto em grande cuidado,

dado, e desconfiança da repulsa, lhe mandou muitas vezes perguntar: *Se era casado com Dona Ignez? porque se o fosse a honraria, como sua mulher, a que era preciso dar authoridade, e honra, como a pessoa, que havia de ser Rainha.*

Porém o Infante (tal vez imaginando que seu pay queria saber a verdade, porque se assim fosse lha mandaria matar) nunca confessou ser com ella casado; antes protestava: *Que nem o era, nem o havia de ser.* Mas não se queria apartar della, nem aceitar algum dos casamentos, que lhe propunha seu pay com grandes conveniências, e utilidades desta Coroa; dando as escusas, que o amor de

Dona Ignez lhe fugiria com algũs pretextos apparentes , hum dos quaes era o grande sentimento da morte de sua esposa , que ainda o acompanhava.

Vendo-se na Corte a repugnancia , que o Infante punha em passar a segundas vodas , logo entendéraõ muitos que elle estava casado com ella em segredo , ou que de tal sorte se lhe tinha entregue, que já o não podia fazer com outra em vida della ; mas que o não queria descubrir em vida de seu pay por vergonha de ella ser bastarda , e de mãy desconhecida; e que por morte delle o viria a declarar sem pejo, ou a receberia entãõ por mulher , e a poria em tan-

ta altura , que os affombrasse a todos ; e não a querendo elles ver taõ sublimada , nem adorada por senhora , ou tendo-lhe inveja da dita , aconselhavaõ a El Rey , que ou apertasse com o Infante , que tornasse a cazar , e não tivesse no Reyno Dona Ignez , ou lha mandasse matar ; para que por morte delle Rey , onde o hia encaminhando a sua muita idade , não ficasse ella viva , ou em seu poder para ruina de alguns.

Fomentavaõ este conselho cõ varias razões , quaes eraõ a desigualdade della para mulher do Infante , que havia de ser Rey , e ter por irmãos D. Fernando , e Alvaro Pires de Castro , poderosos em
Cas-

Castella , e em Portugal já pouco menos com o seu favor, dos quaes se podia recear , que ordenassem a morte ao Infante Dom Fernando, herdeiro do Reyno , como filho do Matrimonio de Dom Pedro , e Dona Constança, para que algum de seus sobrinhos, filhos de Dona Ignez , pudesse succeder no Reyno , e elles por esta via se fizessem mais poderosos nelle.

Estas , e outras razões penetrarão tanto o coração delRey Dom Affonso, que ficou muito mais desgostado , e posto em mayores cuidados do caso : porque por huma parte reconhecia o grande perigo, em que ficava metido hum neto, que muito amava, por ser filho de
mãe,

mãÿ, que tanto estimou, e criava para herdeiro do seu Reyno, e receava a sua destruição, ficando Dona Ignez viva com tantos parentes, que lho haviaõ de usurpar. Por outra parte reparava em quaõ cruel acção seria matar huma mulher, e innocente, por culpa alhea, e agora no fim de sua vida, maculando a sua boa fama com aquelle derramamento de sangue, em tempo, que só havia de cuidar de ter a Deos propicio, e tratar da salvação, e não de occasionar odios, que dalli haviaõ de nascer.

Destas consultas foy o Infante Dom Pedro avisado pela Rainha Dona Brites, sua mãÿ, pelo Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira,

reira, e por outros muitos Prelados, e Senhores, aconselhando-o: *Que se acaso era casado com Dona Ignez, como se suspeitava, o declarasse para evitar estes cuidados, e soccegar o Reyno, e os Vassallos, a quem dava causa de tantas murmuracões, e escandalos; ou senão, que a retirasse para lugar, onde sua vida estivesse segura, certificando-lhe que de sua morte se tratava muito; porque ella como mãy, e elles, como vassallos leaes, e amigos, lhe dezejavaõ evitar toda a occasiaõ de desgosto, que sem duvida o teria grande pelo effeito deste caso.* Zombou o Infante dos avisos, julgando-os por terrores, e ameaças vãs para o intimidar, e fazer que se apartasse

raffe de Dona Ignez, sem a qual não podia elle já viver; e parecendo-lhe, que ninguem se atreveria a offendella, estando da sua mão, por amor delle; e que seria mayor risco dizer, que era sua esposa, nunca o quiz confessar, nem pola em seguro.

Defta confiança, e juntamente desconfiança do Infante nasceo a morte da beleza, que adorava; porque faindo elle à caça (como alguns dizem) ou para mais longe, como parece, sabendo ElRey da sua ausencia, e estando já instigado dos seus, partio de Montemór o velho, resolutto, e determinado para a hir matar; e acompanhado de alguns de cavallo armados,

mados , chegou aos Paços , em que ella assistia , que como acima disse , eraõ os de Santa Clara da Cidade de Coimbra, a qual quando sentio o reboliço , affustada da novidade , não se podendo já pôr em salvo, nem esconder por alguma via , sahio ao encontro a El-Rey, vindo-o receber à porta, toda sobrefaltada, tremendo, e com cara de mulher , que via já a morte presente ; e para o applacar da ira, e má tenção , com que vinha, e o mover à piedade, trouxe consigo os trez meninos , seus filhos, netos d'elle.

E tantas lagrimas derramou, e disse de palavras , (que alguns expoem em largas orações) que a afflicção

flicção ministrava em tal occasião, allegando sua innocencia : *E que se havia crime , outrem tinha a culpa , que como subdita obedecia a quem a podia mandar , que o ser amada era vontade alhea , e não industria sua , que se o Infante se pagava della , e ella lhe correspondia ao seu amor , não sabia que isso fosse crime , antes que por isso entendia merecer mais premio , que castigo ; que puzesse os olhos naquelles innocentes netos , que prostrados a seus pés imploravaõ a sua piedade , que não os quizesse orfandar taõ cedo , nem macular sua fama , e valor taõ decantado com a morte de huma fraca mulher ; que se achava telo offendido em alguma cousa lhe perdoasse,*

e houvesse della compaixão. E por aqui lhe foy dizendo taes coufas, que El Rey posto que de condiçãõ dura, se moveo à piedade com ellas, e com a sua vista, e fermosura, della, e dos trez meninos; e voltou arrependido da crueldade, que intentava fazer, não a querendo já executar.

Vendo isto os que o acompanhavaõ, principalmente Alvaro Gonçalves, Meirinho Mór do Reyno, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira, entendéraõ que revogava a sentença, e a queria deixar livre; do que aggravados começáraõ a queixarse delle, porque trazendo-os alli com aquella publica de-

termi-

terminação , deixando-a com vida , os metia a elles em manifesto odio, e perigo dalli em diante com ella , e com o Infante , e com todos os seus pelo caso ; e tanto lhe encarecêraõ isto, e outros perigos que allegavaõ , que elle lhes deu licença para que entrassem a mattalla ; e assim o executáraõ , matando às punhaladas a mais fermosa , e engraçada Dama , que conheceo aquelle seculo , e foy encarecer a antiguidade, ou dego-lando-a, como diz o livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra , referido por Barboza, em 7. de Janeiro de 1355.

Acção barbara , feito estranho , e successo lastimoso ! que

foy attribuido a grande cruesa del-Rey , em tal consentir, por todos aquelles , em que havia amor, brandura de condiçãõ , e animo piedoso , acusando a deshumanidade , e dizendo , que menos mal era exporse aos successos futuros, porque eraõ incertos , que executar hũa insolencia, evitando hum inconveniente com outro mayor, como fora matar huma innocente, que para ser Rainha pouco lhe faltava de qualidades , e nada de merecimentos. De cujo lastimoso successo há ainda hoje viva lembrança na tradicçãõ das gentes para perpetua calunia dos principaes Conselheiros , e executores da maldade , a quem não abran-

dou

dou o coração, nem moveo à piedade a vista de tal beleza, nem suas lagrimas, rogos, e gritos!

Foy Dona Ignez sepultada na Igreja daquelle Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, donde depois a trasladou para a de Alcobaça o seu intimo amante El Rey D. Pedro, para aquella magestosa sepultura, e com a pompa, que conta a Chronica, a que remeto o Lector, e o repito adiante.

CAPITULO VI.

De como o Infante D. Pedro aggravado del Rey, seu pay, pela morte de Dona Ignez de Castro, se levantou contra elle, e lhe fez guerra, e foraõ depois concordados.

TAnto que o triste ecco da fama da morte de Dona Ignez de Castro soou nos ouvidos do amoroso Infante D. Pedro, trespassado de huma excessiva pena, partio incontinentemente a vingala, se encontrasse ainda os executores della, e de taõ execrando atrevimento; e não os achando para os fazer victimas do seu furor, foraõ taõ excessivos os extremos do seu sentimento

timento por taõ lastimoso successo, que receáraõ muitos, que elle perdesse a vida, cu quando menos o juizo. Porque além da dor, que lhe causava huma morte taõ tyranna, e das grandes fraudades, que della padecia, pelo muito que a amava, lembrava-lhe juntamente que por sua causa delle morrera taõ cruelmente, matando-a aquelles tyrannos taõ sem culpa della; e a si proprio se acusava, de que sendo avisado por tantos do que se tratava contra ella, não fizera caso disso para a pôr em salvo, como fora tantas vezes aconselhado; pelo q̄ a si tornava a mayor culpa.

Mas para desafogo de taõ grande pena, e vingança de tal erro

tra-

tratou de offender a seu pay , buscando todos os meynos de o desgostar , e perseguir , destruindo-lhe o Reyno para haver às mãos os parrecidas taõ crueis , e vingar nelles a innocencia , e executar a sua ira. Juntou muita gente sua com todos os malfeitores , e omiziados do Reyno por seus crimes, como tambem fizera seu mesmo pay , com menos causa , contra seu avô , permitindo-o assim Deos em castigo daquella culpa. E convocando os dous irmãos de Dona Ignez , D. Fernando , e D. Alvaro Pires de Castro, não menos agravados , e sentidos ; elles com suas gentes , parentes , e amigos, marcháraõ contra as Provincias
de

de Entre Douro, e Minho, Traz dos Montes, e Beira, onde juntando-se com o Infante fizeraõ grandes estragos, executando nos Povos a paixã da culpa, que não tinhaõ, verificando-se aqui o Proverbio de *pagar o justo pelo peccador*, que aqui melhor se diria : *Os innocentes pelos culpados*, executando o mayor rigor nos Lugares, que eraõ del Rey, onde a ira fazia seu effeito em roubos, mortes, e todos os dannos, que podiaõ.

E vindo assim marchando com grande poder para tomar a Cidade do Porto, meteo-se nella com muita gente de guarniçaõ para a defender D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga, a quem foy encomen-

comendada. E porque esta Cidade ainda não estava cercada de todo, como agora está, o Arcebispo para melhor defensão della, cercou com velas de navios, firmadas nos mastros, e mais trens delles, e doutras madeiras; e medido dentro, affentou comfigo, e com os que ahi tinha, de a defender a todo risco, e morrer antes por sua honra, que entregar a Cidade a quem com aquella força podia vir a dar grande trabalho a ElRey, e mayor turbação no Reyno. Porém o Infante, que estimava muito o Arcebispo pela lealdade, e amor, com que sempre o tratára, e avisos, que lhe dera; e pela razão do seu officio, e excellencia

lencia do estado, lhe tinha grande reverencia, não lhe quiz pôr a vida, e honra em perigo, e desistio do intento; e parou com a marcha tambem por saber que ElRey, seu pay, se achava já em Guimarães, e o vinha soccorrer.

ElRey Dom Affonso tanto que soube do levantamento, e rebelião do filho, bem entenderia logo que Deos o queria castigar pelos mesmos termos, com que elle o offendera, quando fizera o mesmo a seu pay, movido só de ambição, e cubiça de reinar mais cedo, com que o molestára muito, de que agora se arrependia, como tambem de ter consentido na morte de Dona Ignez, causa dos danos

nos presentes ; e para os remediar, marchou com gente de guerra para Entre Douro , e Minho , buscando o inimigo pelas costas para lhe cortar a communicacão com Castella , donde se reforçava : e chegando a Guimarães se começou a tratar de concordia entre elles por via de alguns vassallos fieis, amigos do foccego , e quietacão da Republica; pelos quaes media-neiros movido o Infante , não só conveyo na paz , mas já se arrependia da rebelião , e desobediencia , em que andava com seu pay havia seis mezes , e lhe pedia perdão , pois destruhia o Reyno, que em fim havia de ser seu.

Finalmente vindo o Infante ao
Lugar

Lugar de Canavezes, onde foy ter com elle a Rainha Dona Brites, sua mãy, e o Arcebispo de Braga, com outras authorifadas peſſoas, que alli ſe juntáraõ intervindo todos pela paz, e quietaçaõ do Reyno, depois de grandes debates, e altercações, o vieraõ a concordar com ElRey aos 5. do mez de Agofto do meſmo anno de 1355. dous dias menos de ſete mezes depois da morte de Dona Ignez, com eſtas condições: *Que o Infante perdoaffe a todos aquelles, que ou por conſelho, ou por feito foraõ culpados na morte de Dona Ignez; e ElRey a todos os que por eſſe caſo em ſerviço do Infante tomáraõ armas contra elle. Que o Infante foſſe dahi em di-*

ante

ante obediente a ElRey, seu pay; como a bom filho, e bom vassallo convinha; e que lançasse de sua companhia, e terras todos os malfeitoses, que comsigo trazia. Que dahi em diante em todos os Lugares do Reyno, por onde andasse, e estivesse, usasse de toda a jurisdicção, e poder de justiça, e governo, passando-se as cartas, e sentenças, que se dessem em nome delle Infante. Que traria elle comsigo Ouvidores, que fossem da sua jurisdicção, e se nomeassem por seus, os quaes teriaõ authoridade sobre os Corregedores, e outros quaesquer juizes delRey. Porèm que em tudo guardariaõ suas Leys, e Ordenações. E que nos casos das mortes, e condemnações de perdas de gran-

grandes Officios , e terras de seus vassallos, antes da execuçaõ da sentença , o fizessem saber a ElRey , para sobre isso dispôr o que tivesse por bem. E que quando o Infante mandasse fazer justiça , os pregoeyros dicessem : Justiça que manda fazer o Infante por ordem delRey seu pay , e em seu nome.

De todo este assento se fizeraõ escrituras authenticas , que foraõ firmadas com juramentos solemnes , e por homenagens , que de raõ , e por Cavalleiros de huma , e outra parte ajuramentados , que ficáraõ por fiadores , e assegura- dores delles , em que tambem a Rainha affinou , jurou , e deu homenagem. E porque ElRey não foy

foy presente, que estava em Guimarães, lá lhe leváráo a Escriitura das capitulações, e elle a aprovou, e ratificou, assinando-a, e jurando de guardar, e cumprir tudo o contheudo nella, em S. FRANCISCO da dita Villa, e concedéra muito mais por ter o filho quieto, e os povos foccegados, e a si mesmo livre de escrúpulos, e murmurações do passado.

Porém sem embargo do perdão, que o Infante deu aos matadores de Dona Ignez de Castro, e juramento, que sobre isso fez, El-Rey em dous annos que depois viveo sempre conheceo nelle ter lhes odio, e má vontade, e que dava a entender, que os havia de castigar

gar depois que elle morresse; pelo que chegando àquelle termo, conhecendo estar propinqua a hora; estando em Lisboa, e o Infante auzente à caça na Ribeira de Canha, mandou chamar Diogo Lopes Pacheco, Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho, que foraõ os principaes Conselheiros, e executores da morte della, e lhes disse perante Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato: *Que por quanto se via chegado à morte, e depois della lhes não podia segurar a vida pelo que sentia no Infante seu filho; e assim, porque lhes queria bem, os aconselhava, que logo sabissem deste Reyno, e salvassem suas pessoas com a presteza possível, e que das fazendas,*

das, que não pudessem levar, não fizessem caso algum. Elles, que bem o entendião, e o receavaõ muito, o fizeraõ affim, já bem arrependidos de serem elles mesmos os que deraõ occasiaõ para agora se deterrarem. Mas Alvaro Gonçalves, e Pedro Coelho não puderaõ escapar depois, como refere a Chronica.

CAPITULO VII.

De como o Infante D. Pedro ainda em vida del Rey, seu pay tratou de legitimar os filhos, que tinha de Dona Ignez de Castro, e elle lho impedio, e porque razaõ.

HAvendo já algũs annos que o Infante Dom Pedro tratava com Dona Ignez de Castro, e a trazia assim comfigo por onde andava, retirando-se del Rey seu pay, com o que o tinha muito desgostado, e metido em varios pensamentos, vendo-se com filhos della, obrigações de mayor amor, e cadeas firmes deste cativeiro, conhecendo que já se não podia a-

partar della , nem sabia amar a outra , tratou de a receber, e legitimar os filhos para poderem ser seus herdeiros em falta do primogenito. E porque se lembrava que quando em Lisboa recebêra a Infanta Dona Constança, duvidáraõ alguns Prelados do Reyno , que se acháraõ presentes, se pela Dispensação do Papa Joaõ XXII. por virtude da qual se desposára com Dona Branca , ficava tambem dispensado com ella por algũas circumstancias novas , em que faziaõ reparo ; e consultando-se Theologos , assentáraõ , que tudo se comprehendia na Bulla ; e posto que a mesma declaração lhe servia para o presente caso de Dona Ignez,

Ignes , com tudo , como havia tambem outras , e o novo impedimento de supposto Compadrio , com que o Papa não dispensára , por ser cousa de futuro ; e porque fazia este casamento a furto , e cõtra vontade de todos , quiz acautelar-se para que a nenhum tempo fosse annullado , ou reputado por tal , o que muito receava ; para o que tratou de impetrar de Roma nova , e firme Dispensação para segurança do caso.

Sabendo ElRey disto na Villa de Alamquer , onde entaõ se achava , e sintindo-o muito pelo prejuizo do Infante D. Fernando , e desconveniencia do mesmo impetrante , deu logo ordem a impedir
esta

esta Embaixada, e intento do filho, escrevendo secretamente ao Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, que estava em Avinhaõ, onde entaõ assistia a Corte Romana, que fizesse com o Papa não admitisse, nem despachasse a supplica do Infante D. Pedro, seu filho, por não ser conveniente; e a carta he a seguinte.

Affonso pela graça de Deos, Rey de Portugal, e dos Algarves. Ao muito honrado em Christo Padre D. Gonçalo, por essa mesma graça Arcebispo de Braga, saude em Deos. Sabede que D. Pedro, meu filho primogenito herdeiro, anda embebedo de amores, e indufido por palavras d'alguns, que cazasse com huma

mulher ; filha que foy , segundo dizem , de Dom Pedro Fernandes da Guerra , e de hũa madre , que nomera sua mulher legitima , e o induzem pera tal casamento , nom embargando que alguns , que são parentes do Infante no segundo gráo de parentesco , ao presente cometaõ nom licita cousa com ella , e dizem que pera tirar tal embargo , que o Infante he em disposiçaõ pera mandar escrever a alguns seus amigos , que lhe impetrem sobre isso dispensaçãõ do Papa , a qual se outorgada fosse , poderse-hia seguir ao diante grande escandalo entre os que vivem em nossos Reynos : E porque os que são presentes , donde o Infante meu filho descende , sempre atè ho presente foraõ

bon-

honradamente, e com mulheres filhas de Reys por legitimo Matrimonio casados: E porque outro si a honra de nossa Real dignidade, em que segundo direito de natureza a meu filho ha esperança de successor, e isso mesmo a todos seus honrados parentes do dito casamento, se feito fosse, seguiria grande deshonra. Porém com muita efficacia vos rogamos, que secretamente de nossa parte informeis ho Papa como o dito casamento seria nom licito, e desigual: e praza a Sua Sanctidade em esta parte nom ouvir com affeição as supplicações do Infante, meu filho. E se cumprir de o Papa ser mais certificado da nossa vontade, então secretamente lhe mostray esta nossa
carta;

carta; e nisto trabalhay com tal diligencia por nosso serviço, porque sejamos obrigados de vos fazer mercè. Dante, &c.

Conseguiu ElRey D. Affonso o intento, porque não teve effeito o do Infante; mas elle parece que estribado na geral Dispensação, por virtude da qual se tinha desposado duas vezes; e em que mandára avisar Dona Ignez, que não fizesse tenção de ser sua Comadre, tratou de a receber; e se o executou, ou não, ou se o podia fazer legitimamente, sem nova Dispensação, sempre teve suas dúvidas.

CAPITULO VIII.

De como o mesmo Infante , sendo já Rey, fez a mesma diligencia para legitimar os filhos , que tinha de Dona Ignez de Castro , e do que sobre isso passou com o Papa.

MOrta Dona Ignez de Castro , como está visto , e falecido tambem dahi a dous annos ElRey D. Affonso IV. no de 1357. tanto que D. Pedro se vio possuidor da Coroa , e com o mão do Reyno , tratou logo de investir de novo com a legitimação de seus filhos para que sem escrupulo pudessem ser seus herdeiros na herança deste Reyno , offerecendo-se

se occasião disso ; para o que escreveo ao Papa Innocencio VI. que entã governava a Igreja de Deos, e lhe mandou por Embaixador Giraldo Esteves com outros Cavalheiros de sua companhia ; e do que levou por instrucção o que toca a este requerimento he o seguinte.

Outro si lhe direis em Camara, que ElRey recebeo por palavras de presente a Dona Ignez de Castro, que Deos perdoe, como manda a Santa Madre Igreja, da qual houve seus filhos, com a qual havia divedo, e que lhe pede que praza a Sua Santidade de outorgar, ratificar, e affirmar o dito casamento nom embarcando o dito divedo de linhagem, que
com

com ella havia, assi que por tal confirmação, e legitimação, os ditos filhos, que assi della tem, sejaõ legitimos, e que hajaõ, e possaõ haver aquillo, que haveriaõ nom havendo abi o dito embargo de linhagem. E com isto apertay para haverdes delle bom despacho, &c. E mais adiante tornava a apertar com o mesmo negocio, como couza, que mais dezejava, que todas as outras, que mandava requerer, dizendo:

Outro si, se virdes que o Papa vos outorga cada huma das quatro cousas primeiras em rezaõ das pedidas das Igrejas, pedi-lhe logo o mais da legitimação do casamento, e depois as outras cousas, pela fórma que aqui saõ escritas. E nom vos outorgando

gando cada huma das quatro cousas, vós toda via have.-vos de sorte que alcanceis despacho da dita confirmação do casamento, em fôrma que os moços fiquem legitimos. E quanto he das duas pedidas nom cureis disso, &c. A este requerimento respondeo o Papa escusando-se na fôrma seguinte.

Innocencio Bispo servo dos servos de Deos. Ao muito amado em Christo filho Pedrô muy nobre Rey de Portugal saude, e Apostolica benção. Seja certa a vossa Real Alteza, que benignamente recebemos os vossos honrados, e discretos Embaixadores, e entre algumas cousas, que em sua Embaixada da vossa parte nos forão propostas, esta em especial foy, que
haver-

havendo vós fuisa de atrevimento por huma geral dispensação , em que fórma acostumada à vossa instancia, e do muy nobre Rey D. Affonso, vosso pay, nosso Predecessor de boa memoria João Papa XXII. impetráras, cazaste , e recebeste por mulher Dona Ignez , filha , que foy de D. Pedro de Castro , a qual por linhagem transversa de huma parte no segundo gráo de geração era vossa parenta , e doutra por semelhante linha no terceiro gráo tinha com vosco parentesco , e no quarto gráo de afinidade era vossa cunhada. E porèm devotamente nos pediraõ, e supplicáraõ de nosso Appostolico, e inteiro poder graciosamente, e por vosso respeito declarassemos o dito Matrimo-

trimonio de seu fundamento, por virtude daquella Dispensação ser entre vós ambos directamente contratado, e os filhos, que delle descendêraõ legitimamente serem nascidos. E se assim perfeitamente esta graça recusarmos, que ao menos por sua parte nos supplicavaõ que por vosso respeito nos prouesse legitimar a dita vossa geração, e de Dona Ignez, que perfeitamente a reintegrassemos ao primeiro direito de natureza, que em tudo ficasse habilitada para poder succeder, assim como se de seu principio fosse valioso, e directamente contratado, e se a tal geração legitimamente decendêra. Certamente filho muito amado nós consideramos nisso com boa attenção, e em tudo

do

do aquillo, que pelos ditos Embaixadores, por vossa parte nos foy requerido ; e como quer que muito sejamos de boa vontade para conceder a vossos dezejos , e comprazer a vossa real Alteza ; porèm somos demovidos por algumas legitimas rezões, fundadas em Direito, que toda via devemos guardar , e não cumprir com effeito em receber vossa supplicação sobre o declaramento do dito Matrimonio. Da outra segunda rezaõ de vossa parte proposta sobre a legitimação dos vossos filhos , e de Dona Ignez nascidos , em conclusão vos respondemos , que a Santa Sè Apostolica não tem em costume de outorgar semelhantes petições , e Dispensações , nem legitimação ,
salvo

Salvo se for a grandes, e nobres pessoas, e isto por algumas evidentes, e manifestas rezões, as quaes no contexto da vossa supplica se não mostrão serem por vossa parte expressas, e allegadas para em prejuizo doutrem, que no direito da concessão hajaes por herança, semelbante legitimação havemos de outorgar, salvo o terceiro, a que pertence por tal razão a supplicasse, e o pedisse, ou se por outra alguma maneira claramente se mostrasse que vosso requerimento procedia de seu expresso consentimento, o que he preciso preceder mayormente nesse caso, e em que se trata de legitimação sobre successão de herança para pessoas, que não são das terras sujeitas à

temporal jurisdicção da Igreja. Porém, muito amado filho, a Santa Sè Apostolica tem por bem que não admita as vossas supplicas ao despacho, nem outorgue semelhante graça. Rogamos a vossa real clareza, e com todo o bom dezejo aconselhamos, que com paciencia soffraes nossas escusações, que nos demove, e constrange usar do contrario, que vós pediste, porque a nosso Pastoral Officio não convém quebrantar a Ley de Christo nosso Salvador, mas conformar com ella, e não desviar de sua Doutrina. Dada em Avinhão, Idus do mez de Junho, do nosso Pontificado anno nono.

Ha quem duvida da realidade desta Bulla por algumas razões, que

que allega , principalmente por-
que se acha copiada em huma col-
lecção impressa em França com
alguma diversidade de palavras ;
e funda a sua mayor duvida na-
queillas , onde diz : *Que a Santa*
Sè Apostolica não tem em costume de
outorgar semelhantes dispensações,
nem legitimação , salvo se for a
grandes , e nobres pessoas, e isso por
algumas evidentes , e manifestas re-
zões , &c. Argumentando assim :
He certo que mayores pessoas , do
que os Reys , não as há no Mundo ;
porque em sua comparação nada he
grande ; pois vemos que a grandeza
dos Cavalheiros he huma participa-
ção da real , mas sem comparação,
nem semelhança : e se o Papa não

concedia aquella graça senão às pessoas grandes, dezejára saber quaes eraõ as que a mereciaõ, pois negando-a a hum Rey, mostrava que o não conhecia, nem respeitava por Grande? Que mais causas havia de expressar na supplica El Rey D. Pedro, do que a vontade de que aquelles Principes não fossem illegitimos, o que era de razaõ, podendo-o ser pelo beneficio da dispensa, &c.

E infere daqui, que foy fingida, ou viciada pelo Doutor João das Regras nas Cortes de Coimbra para facilitar a eleição em Rey do Mestre de Aviz D. João I. impugnada por muitos devotos dos filhos de Dona Ignez de Castro, a quem julgavaõ mayor direito à
Coroa,

Coroa, já pelos terem por legitimos, já por serem mais velhos, que o Mestre. Mas como se achavão em Castella impedidos, e tinhaõ tomado antes as armas contra a sua Patria, e o Reyno necessitava muito de ter logo Rey para a defenſa contra o de Castella, que o invadia pelo direito de sua mulher, e o Mestre o tinha defendido muitas vezes com valor, e merecia o titulo, confessa que foy preciso usar entãõ de arteficio para os inabilitar, excluindo-os da Coroa, e dalla ao irmão illegitimo, porque se achava no Reyno, prompto para huma, e outra couſa, e exposto aos trabalhos.

Eu não duvido que assim fosse;
que

que o Doutor usasse de algum arteficio para reforçar o direito do Mestre D. João, pela necessidade do tempo, porque sey que lhe foy necessario tanto cabedal, e esforço de razões para o pôr no Trono, como ao grande Nuno Alvres Pereira de valor para o segurar, e conservar nelle. Porém (sem disputar se he, ou não verdadeira a carta) com licença de sua reverenda pessoa, e respeito ao seu discreto discurso, eu digo, que aquellas palavras não se devem tomar em rigor, nem entender no sentido, em que elle as toma; mas em outro muito diverso, qual he: Que não se concedendo aquellas graças senão a pessoas grandes, como elle

elle era , ainda assim não se fazia isso senão por causas muito urgentes , que elle não allegava , nem tinha ; e como o Pontifice sabia muito bem que ElRey tinha filhos legitimos herdeiros , e destes se não mostrava consentimento na supplica , que podia proceder de affeição de seu pay aos outros em prejuizo delles, por isso a não quiz outorgar em quanto lhe não constasse do tal consentimento , pois tinhaõ já idade para isso.

Nesta conformidade escreveo a ElRey sem lhe conceder o que pedia , nem negar novo recurso , que poderia haver , de que agora nos não consta , e poderá ainda apparecer. O certo he q̄ de qual-
quer

quer forte que fosse ElRey declarou, que recebêra a Dona Ignez por sua mulher, e por tal a mandou haver, e seus filhos, que fossem chamados Infantes, e assim se observou depois sempre.

CAPITULO IX.

Da morte, e algumas acções virtuosas da Rainha Dona Brites, mãy delRey D. Pedro.

TAõ descuidados se houvêraõ sempre os Chronistas de Portugal para com as nossas Rainhas antigas, que de suas acções dizem pouco, e de seu fim menos, ou nada, como aconteceu a esta Senhora Dona Brites, que nem
Ruy

Ruy de Pina tratou della na Chronica del Rey seu marido , nem Fernão Lopes na deste Rey Dom Pedro , seu filho , como era obrigado por falecer em seu tempo , e nem o Reformador das ditas Chronicas Duarte Nunes de Leão cuidou nisso. E como eu me constituihi supplidor desta, encarregado fiquey a dar della esta noticia, valendo-me das Historias das Religiões, a quem todas estas Senhoras estarão mais obrigadas pelas honorificas memorias , que seus Authores fazem dellas, à volta dos agradecimentos dos beneficios recebidos de sua piedade.

Foy filha de D. Sancho IV. de Castella , e mulher de D. Affonso

IV. de Portugal , ambos cogno-
minados Reys Bravos ; porèm a
braveza de sua condiçãõ não se
lhe communicou , nem lhe per-
verteo a ella a natureza de mança
cordeira. Esteve a sua dita em
achar taõ boa sogra , como foy a
Rainha Santa Isabel , em cuja cõ-
panhia se acabou de criar, e viveo
largos annos , porque vendo-a
bem inclinada , e docil em idade,
que podia aprender , lhe tomou
amor de mãy , fazendo nella com
a boa criaçãõ hum vivo retrato de
suas mesmas virtudes. Dezejou ser
Religiosa, e julgando-o o pay por
appetite de menina , attendendo
mais à concordia , e bem cõmum
de Hespanha , a obrigou a cazar ;

mas

mas isto era dezejo entranhavel, e amor de JESU Christo, e por isso o conservou sempre, venerando a qualquer daquelle estado, e envejando-lhe a dita; e por este respeito quando as Fundadoras do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra vieraõ de Samora as foy esperar, e receber ao caminho com grandes demonstrações de amor, e affabilidade; e as acompanhou com sua Santa Sogra atè se recolherem nelle; e assistio depois ao receber do habito das primeiras Noviças; e quando chegáraõ a comer no Refeitorio novo ella cõ sua mesma Santa Sogra as foy servir à meza. Acção certamente rara, e digna de ponderação!

Em

Em Beja com ElRey seu marido lançou as pedras fundamentaes ao Mosteiro de Santa Clara, que alli há. Daqui lhe nasceo a grande devoção, que teve ao Serafico Patriarca S. FRANCISCO, e o muito que estimou seus filhos. Professou sua Sãta Terceira Regra, que he a q̄ se accõmoda com o estado de casados, e seculares, e incitou tambem a professarem-na seus filhos, que todos foraõ Terceiros, D. Pedro Rey de Portugal, Dona Maria Rainha de Castella, e Dona Leonor de Aragaõ. Aos Religiosos Menores chamava irmãos, e delles se servia para Confessores, Cõselheiros, e Capellães; teve muitos, que por este respeito se chamavaõ:

mavaõ : *Frades da Rainha* , com que trazia sua casa religiosamente composta.

Foy chamada em seu tempo : *Rainha Pacificadora* , herdando este titulo de sua Santa Sogra, (a quem a Igreja o dá) como sua verdadeira imitadora na pacificação de discordias. Havendo-as grandes entre seu marido , e seu genro , Reys de Portugal , e Castella, que obrigáraõ a Rainha Santa Isabel hir falecer em Estremoz, ficou Dona Brites por medianeira da paz. Em outra occasiaõ ella he que enviou Embaixador a El Rey de Aragaõ para corroborar a amizade antiga , que tinha com este Reyno. As guerras domesticas do
s. IIII. mari-

marido, e do filho por causa da morte de Dona Ignez de Castro: o furor, com que de parte a parte se encarniçavaõ ambos, hum na offensa, e outro na defençaõ, matando gente, e destruindo os povos: isto lhe magoava a alma, e affligia o coração. Pelo que com grande ansia poz todo o cuidado em concordallos, indo com muita pressa, e trabalho a procurar o Infante, e o pacificou, e abrandou da ira, e paixãõ, com que andava executando a vingança do erro, que ella tanto procurára antes evitar, e livralo a elle de tão sensivo desgosto, e muito mais do escandalo, e offensa de Deos, não sendo recebido com ella. E na
Villa

Villa de Canavezes , como está visto , ajustou as pazes , que por entaõ permitia o tempo.

No ponto que viuvou lhe tornáraõ a repetir os seus primeiros dezejõs de ser Freira , intentando-o ser em Santa Clara de Coimbra ; mas foy-lhe impedido pelos Cortezãos , como à Rainha Santa Isabel tinha succedido , pelo que portou-se como ella , vestindo-se logo de seu habito , e impetrando do Papa Innocencio VI. licença para ter comfigo no seu Paço duas Freiras da dita Ordem , que fossem suas guias no caminho da virtude , e na observancia livre da Regra ; por onde os Authores Franciscanos lhe chamaõ : *Freira Menor.*

Neites

Nestes santos exercicios viveo muy ajustadamente, e coroada de virtudes, partio desta vida para a eterna (como piamente cremos) na Cidade de Lisboa, a 25. de Outubro do anno do Senhor de 1359. Tinha feito seu testamento em 29. de Dezembro do anno antecedente na sua Villa de Alamer, onde vivia, o qual he hum manifesto da sua grande piedade. Dispoz de muitas esmolas para varios Conventos, e Religiosos particulares, a quem se confessava obrigada.

Concluhio com a mortalha, dizendo: *E porque eu hey graõ devaçom no glorioso S. Francisco, peço, erogo ao Guardiõ, e Frayres*
Me-

Menores, que me dem o seu habito à hora de meu finamento hù quer, que me aconteça, para ser com el enterrada. Rara humildade, pedir por mercè hum Rainha soberana hum pobre habito de burel dos Frades Menores para sua mortalha, e isto andando já amortalhada em vida com o das Freiras! Parece que quiz por esta via segurar mais as Indulgencias, que no outro cuidaria senão incluhiaõ todas, ou por obsequio do Santo Patriarca, ou outro qualquer respeito de que agora não consta. Com elle foy sepultada na Sè de Lisboa junto del Rey seu marido, e assim está retratada em pedra viva sobre a sua sepultura, que está dentro da

Capella Mór , de marmore branco lavrada , e ornada de varias figuras , e labores muy finos, como a del Rey.

Tem habito cingido com o cordaõ , e toalha sobqueixada , pés descalços , e hum livro entre as mãos , no meyo de quatro Anjos, que não devem estranhar esta sua companheira. Instituhio com seu marido na mesma Sè a Capella de Santo Ilefonso , e outras mais com obrigação de Coro particular , e muitas Missas , e Mercearias , que alli há todos os dias por suas almas , deixando-as dotadas de muitas, e perpetuas rendas, que administra hum fiel Provedor Fidalgo Ecclesiastico , com outros Ministros , e Officiaes. CA-

CAPITULO X.

Da Coroação, e Trasladação de Dona Ignez de Castro.

Posto que a Chronica trate disto, falta a muitas circumstancias curiosas, que se dezejaõ saber, como he a cerimonia da coroação tanto depois de sua morte, em que o Author não falla, e consta pela perenne tradicção approvada por dous graves Authores, aos quaes seguirey, posto que modernos; diz hum, que he Faria: *Fez lavrar (ElRey Dom Pedro) dous sepulcros de alvissimo marmore, e de lavor arteficioso, e admiravel; por que executou o escoupro na dure-*

za da pedra o que costuma executar a agulha no bastidor, e o buril no ouro; hum delles era para si, e o outro para Dona Ignez, que no alto apparecia esculpida, e retratada naturalmente com sua coroa na cabeça, porque reinasse morta na memoria dos mortaes, a que havia reinado viva na alma de hum Principe, que dezejava muitos Reynos para lhos dar. Colocou-os no insigne Pantheon de Alcobaça.

Logo entrou na Igreja de Santa Clara de Coimbra, e fazendo desenterrar aquelle cadaver da beleza amada, vestido, e coroado o fez collocar em hũa cadeira posta em Real trono, adonde seus vassallos beijáraõ como de Rainha aquelles ossos, que haviaõ

*haviaõ sido fermosas mãos. Feneci-
da esta cerimonia , e passando-a a
huma preciosa liteira , começou a
caminhar para Alcobaça , onde a
esperava aquella inestimavel urna,
hum dos mayores acompanhamentos
funebres , que logrou a morte , se a
morte logra alguma cousa ; viaõ-se
muitos Senhores em diferentes com-
panhias escondendo os rostos em dis-
formes , e pezados capuzes , e em
outras diferentes de nobilissimas
matronas , e donzellas, escondendo-
se em nevadas , e liberaes toucas , e
relaxando à terra as prolixas pontas
das sayas. Havendo dezasete legoas
desde Coimbra atè Alcobaça, distan-
cia deste enterro , por toda ella esta-
vaõ em duas fileiras bem ornadas*
mui-

muitos mil homens com outras tantas tochas acesas na mão, vendo passar o acompanhamento, e obrigando a duvidar qual fosse mais admiravel, se a pompa das luzes, que estavaõ fixas, se o luzimento da pompa, que caminhava, &c.

Diz o outro, que he Frey Manoel dos Santos, Chronista Mór deste Reyno, na sua Alcobaça illustrada: *Para effeito da dita Trasladação procedeo ElRey Dom Pedro na maneira seguinte: Mandou laurar grande quantidade de tochas de cera fina; deu as ordens necessarias aos povos, que corta a estrada real de Coimbra atè Alcobaça; e chamou a Santa Clara a Nobreza, e o mais luzido do Reyno: e sendo isto*
affirma

assim ordenado , assinou ElRey o dia : viaõ-se da porta da Igreja de Santa Clara a velha , em primeiro lugar o Cabido, as Religiões, e o Clero da Cidade ; logo successivamente pela estrada adiante postos em duas fileiras cada hum com seu cirio aceso na mão as pessoas , que foraõ necessarias para se encher a grande distancia de caminho , que há da Igreja de Santa Clara atè o Real Mosteiro de Alcobaça , que são as mesmas dezasete legoas , que diz Faria ; todos em silencio esperando que passasse pelo meyo das duas fileiras o Real, e funebre acompanhamento.

*Vinha o cadaver da Rainha em liteira , ou andas , à qual cobria hũ
panno*

panno de borcado arrastando as portas até o chão; precedião grande numero de Ecclesiasticos a cavallo; seguia-se a liteira; logo os Bispos do Porto, de Lisboa, e Vizeu, e o Abade de Alcobaça; atraz ElRey, e os Senhores, que seguiaõ a Corte. Finalmente chegou a Alcobaça por entre tantas linguas de fogo, que assim applaudiaõ, e davaõ a palma ao mor, a desanimada beleza, ainda triunfante depois de morta; e apeando-se os da comitiva à porta do Mosteiro foraõ pôr o corpo da Rainha na Igreja sem fazerem por entaõ outra cousa. No outro dia officiou os funeraes em Pontifical o Bispo de Vizeu; e no fim fez ElRey descobrir o cadaver accommodando-o

do-o como puderaõ em huma cadeira; e trazendo o Abbade huma Coroa de ouro prevenida, outra vez deraõ principio à nova, e celeberrissima cerimonia de beijarem a fria maõ de Dona Ignez, como de sua Rainha, todos os que eraõ presentes: por remate da acçaõ depositáraõ o Real cadaver na elegante, e soberbissima sepultura, que o esperava; e nella descança atè o ultimo dia da resurreiçaõ universal. Atèqui o Padre Fr. Manoel dos Santos.

Estas sepulturas por sua grandeza, e finos labores, e variedades de figuras, de que estaõ adornadas por todos os lados, esculpidas, e entalhadas de meyo relevo no marmore, saõ huma das cousas,

fas, que mais se dezeja ver, se procura, admira, e enleva os olhos naquelle Real Mosteiro. Quiz a curiosidade del Rey D. Sebastião passar a mais, e vellas tambem por dentro; mas pelo muito pezo das tampas não foy possível abrillas, ficando por testemunho da diligencia, muita parte dos frizos, e junturas dellas quebradas. O mesmo intento teve o Emperador Carlos VI. quando veyo a este Reyno no anno de 1704. com titulo de Carlos III. de Hespanha, para por elle fazer sua entrada no de Castella, a que aspirava; e voltando da Campanha da Beira, deteve-se alguns dias naquelle Mosteiro, onde foy hospedado com
ma-

magestosa grandeza, e nem huma
coufa, nem outra teve effeito.

CAPITULO XI.

*De algumas acções piedosas, e lou-
vaveis delRey D. Pedro. De-
fende-se da calunnia de cruel; e
da-se a noticia, que há de sua
salvação.*

FOy ElRey D. Pedro nas incli-
nações, que teve extremofo,
ilto he; demasiadamente inclina-
do, e embebido naquillo, a que
se afeiçoava, e de que gostava;
bem se experimentou em todas
suas acções. Amou tanto a Justiça
que na execução dos castigos pen-
dia mais para a parte da severida-
de,

de, e rigor, que para a da piedade, e brandura, por onde adquirio com menos razãõ o titulo de *Cru*, e *Cruel*, que o de *Justiceiro*, ou *Justiçoso*. Foy liberal, e declinou a prodigo. Foy amoroso, e passou a extremo. Foy gracioso, e amigo de festas, e pareceo nissimo, e por tal foy notado, &c. Naõ paráraõ aqui os seus extremos, as Religiões todas os experimentáraõ de piedade.

Com as cinzas de Dona Ignez de Castro fez ElRey depositarios do seu proprio coraçãõ aos Monges de Alcobaça; e assim ainda quando mais distante daquelle Mosteiro se achava, de lá attendia com toda sua alma, e com todos

os seus affectos atè às mesmas paredes daquella Real Casa, venerando-as com hũa continua lembrança, como a urna sagrada das idolatradas cinzas; e porque a fingileza daquella idade ainda não tinha introduzido, nem permitia os faustos destes nossos tempos, hia, e vinha ElRey ao Mosteiro muitas vezes seguido de hum só lacayo; assim no tempo, em que se lavravaõ as sepulturas, como ao depois de já trasladada Dona Ignez; por esta razãõ de continuadas vesitas tomou taõ grande afeiçaõ aos Monges, e à sua virtude, como bem expressou nas grandes mercès, e beneficios, que lhes fez. Em huma escritura de
Doa-

Doação diz assim : *Querendo fazer graça , e mercè ao Abbade , e Convento do Mosteiro Dalcobaça , em que hey grão devoçom , e singular afeiçom por muito serviço , que se hi faz a Deos , e em que eu escolhi minha sepultura , &c.*

Este mesmo theor observa em outras muitas Cartas : a esta veneração , e amor , que mostrava aos Monges de Alcobaça , acompanhava a não vulgar affabilidade , que ainda quando mais severo nunca pode disfarçar , nem encubrir este grandioso Principe ; e como achasse a Casa despojada de quasi toda a fazenda , e despida da jurisdicção Real por ElRey , seu pay , a requerimento do Procurador

dor da Coroa , e mal defendidas pelo do Mosteiro , lhe fez geral restituição de tudo por huma muito larga Carta , que lhe mandou passar de sua livre vôtade em Leiria a 4. de Setembro de 1358.

Por esta, e outras grandes mercês , que àquella Religiosissima Casa fazia , se deu o Capitulo geral de Cister por obrigado a dar-lhe as graças , e fazello participante de todas as Missas, Orações, Suffragios, e Obras meritorias, que em toda a Religião de Cister se faziaõ , para sempre em sua vida , e depois della , por huma Carta de Irmandade com especial , e geral communicaçãõ ; a que admitiaõ tambem seus filhos , e a Senhora
Dona

Dona Ignez de Castro, já defunta, por estas palavras : *Dominam Agnetem generosam consortem vestram jam defunctam.* Esta graça , que hoje se faz menos estimada por se conceder a pessoas de menor qualidade , o era tanto , e com muita razão , no tempo antigo , que os mayores Monarcas do Mundo a solicitavaõ com ancia.

De tudo isto nos dá noticia mais larga a *Alcobaça illustrada* ; e a *Historia Serafica* nos certifica , q̄ foy filho professo da Veneravel Ordem Terceira de S. FRANCISCO, e que a todos seus filhos amou, escolhendo entre elles por seu Confessor o Padre Fr. Vicente Amado. Favoreceo muito os seus Mosteiros,

ros, particularmente os de Santa Clara de Lisboa, Santarem, e Coimbra, onde tinha tanta devoção, por ser obra da Rainha Santa, sua avó, que alli mandou criar a Infanta Dona Brites, sua filha. Finalmente adoecendo de morte na Villa de Estremoz, quiz acabar a vida entre os Religiosos da mesma Ordem, que há naquella Villa, nelle fez o seu Testamento em 17. de Janeiro, *sendo já alto feroão*, como nelle se declara, e no dia seguinte 18. do dito mez de 1367. faleceo com muita conformidade, e mandou que o amortá-lhassem no habito do Patriarca Serafico.

Todos os mais Chronistas das

Religiões , que já havia em seu tempo , se lhe confessaõ agrade- cidos ao seu amor, e piedade, com as memorias dos seus Archivos , que são os thesouros , e deposito- rios das melhores noticias dos nos- sos Principes , como o faz o da Benedictina Lusitana , trazendo em prova a grande devoçaõ , que este Monarca teve à gloriosa Santa Senhorinha , da sua Ordem, nossa Portugueza, allegando hũa grossa Doaçãõ , que elle fez à sua Igreja, cuja escriptura não expoem , por- que a trazia já a quarta parte da Monarquia Lusitana , e a primei- ra da Historia Ecclesiastica de Bra- ga , diz assim :

*Em nome de Deos amen. Saibaõ
quan-*

quantos esta Carta virem, como eu
D. Pedro pela graça de Deos Rey de
Portugal, e do Algarve, à honra,
e serviço de Deos, e de Santa Maria
sua Madre, e affinadamente à hon-
ra, e louvor da Bemaventurada
Santa Senhorinha de Basto, e do
Bemaventurado São Gervaz, e em
remimento de meus peccados, faço
deação à dita Igreja de Santa Se-
nhorinha para sempre, em fôrma
que nunca possa ser revogada, de
todo o direito, que eu tenho do Pa-
droado da Igreja de Santa Maria de
Salto do Arcebispado de Braga.....
com tal condição, que qualquer, que
della for Abbade tenha hum Capel-
laõ pera todo sempre, que cante em
cada hum dia Missa sobre o Altar, e
Lij diga

diga as Horas Canonicas em huma Capella, que na dita Igreja fez Donna Ignez de Castro, aonde està o corpo de São Gervaz. E outro si tenha hum Mósinho, que sirva o dito Capellaõ na dita Igreja de tudo o que lhe comprir (de tudo o que houver mister) e tenha para todo sempre trez alampadas com azeite, que tambem de dia, como de noite estejam sempre acezas, e huma esteja diante do Crucifixo, outra diante donde jaz seu corpo de Santa Senhorinha, e a outra na Capella ante o lugar onde jaz o corpo de S. Gervaz. Dada em Valença de Riba Minho, quinze dias de Setembro. ElRey o mandou, Gonçalo Paes a fez, era de mil e trezentos e noventa e oito, São annos de Christo 1360. Por

Por onde acho que teve pouca
razaõ Duarte Nunes de Leão para
censurar este Principe com o labéo
seguinte : *Foy El Rey D. Pedro de
sua natureza cruel, posto que os Es-
critores por lizongear em os Reys,
seus successores, lhe chamassẽ Jus-
ticeiro, o que elle não foy. Porque
examinada a causa, tudo o que na
punição dos homens fazia, era mais
contra as Leys, e Regras da Justiça,
que por ellas. Porque as mais das
vezes condenava sem ouvir as par-
tes, e dava as penas maiores por de-
lictos não provados, que as que por
os bem provados eraõ ordenadas por
Direito, e por nenhum caso as re-
mittia, ou moderava, mas deleita-
va-se em as executar.* E posto que
não

não faltassem algozes, pois sempre trazia hum comsigo, elle por sua mão açoutava, e dava os tormentos, e na cinta trazia sempre o açoute, por não haver dilação em o buscar. Porque sem mais prova, nem querer ouvir desculpa, começava o juizo pela execução, &c.

Profegue censurando tambem os que escrevéraõ sua Chronica, porque lhe douráraõ a pirola, e não asseveráraõ sua crueldade, como elle quer, e conclue: *Era pois ElRey D. Pedro azedo, e terrivel de sua condição em punir os delinquentes, ou que se lhe antolhava que o eraõ. E era cousa de notar, que em Castella havia outro Rey D. Pedro, e outro Rey D. Pedro em Aragaõ,*

gaõ , e hum Rey Carlos II. em Navarra taõ semelhantes na aspereza, e crueldade, q̃ parece estavaõ cõtractados, e à falla nas obras, q̃ faziaõ.

Muito piedoso devia ser este Julgador, (era Dezembargador da Relação) pois achou tanta crueldade nos castigos , e execuções da justiça delRey D. Pedro ! Eu não nego , que elle foy rigoroso , e obrou acelerado , e fogoso na punição dos crimes , sem averiguação , ou prova, nem examinar primeiro as culpas: mas tambem ninguem póde duvidar, que assim como não perdoou a delicto algum, assim tambem não castigou a alguem sem causa, (ainda que algumas vezes se apartasse dos termos,
e me-

e meyo, em que consiste a virtude da Justiça,) e castigar com ella, he nos Reys a primeira virtude.

O certo he que com os seus rigores infundio tal terror nos Vaísallos, que mais insolentes reprimio, e erros evitou em seu tempo, do que executou de castigos: e por este modo adquirio tal respeito, que todos o temiaõ, e viviaõ com refrexo nos máos costumes; no que fazia aos seus Povos o mayor dos beneficios; assim como lemos de S. Fernando, Rey de Castella, visavô deste nosso, que (como era taõ santo) estranhando-se-lhe hum rigoroso castigo, que executou em certos criminosos da Cidade de Toledo, mandando decepar a

huns,

huns , e a outros frigir em caldeiras de azeite, respondeo : *Que com aquelle rigor executado em poucos, pertendia reformar a todos seus vassallos , e usar com elles de misericordia ; porque quem havia de ser taõ insensato , que com tal exemplo se não houvesse de emmendar , e fugir de offender a Deos, e de aggravar ao seu Principe?*

Por esta razãõ he o dito Author censurado de outros muitos, que fazem deste Rey melhores Elogios ; diz hum : *Não era taõ feroz aquelle peito , que taõ facilmente se rendeo ao amor.* Diz outro : *Na verdade , ainda que nos castigos , e na qualidade delles excedeo algumas vezes a disposiçaõ das*
Leys,

Leys, mayor pendor lhe fazia o zelo da justiça, e o odio dos vicios, que brutalidade de condiçã carniceira; e assim fallando regularmente, mais lhe quadra o nome de Justicofo, que a alcunha de Cruel. Diz outro muito illustre: Foy mais severo, que cruel, dando-lhe este titulo os que appeteciaõ os vicios, que elle abominava. Outro, depois de mostrar a piedade, que elle usou com a sua Religiaõ conclue dizendo: Assim entendia de Deos, e das cousas da Igreja hum Rey, a quem o Mundo chamou Cruel: mas por isso mesmo disse bem quem disse, que para se conhecer o Mundo às direitas, o haviamos de tomar, e entender às avessas.

Profegue hum muito elegante o seu discurso dizendo : *Foy pois, D. Pedro não cruel, como disserão os tempos, antes verdadeiramente Rey cuidadoso do governo, que Deos lhe havia fiado; com os benemeritos, e bons liberal, e afavel; amigo de castigar insolentes, e facinerosos, que tem firmada a sua ousadia no esquecimento da execução das Leys nos Magistrados. Maravilhoso o Rey, e feliz o Reyno, adonde o premio anda espreitando a virtude, e o castigo ao crime. Não em vão logrou Portugal nestes annos huma das maiores tranquilidades que forão vistas do variar dos seculos em alguma Monarquia. Façamos primeiro imagem do segundo, e será a segunda do primeiro.*

meiro. De todos os castigos, que fez não se achará nenhum, que não fosse importante, e frutuoso a toda luz, quando a alguma se representasse terrivel, e arrebatado, &c. Pinta as imagens, e conclue: Por todas estas excellencias, por certo não merecedoras de chamarse cruel quem as tinha, &c. Finalmente outro de estylo muito mais elevado faz d'elle este elogio: Foy Dom Pedro Principe excellente, e admiravel em direcções politicas, taõ grãde amante da justiça (principal baze da Republica) que alguns devendo dar-lhe o glorioso titulo de Justiceiro, lhe chamáraõ Cruel; mas sem duvida, ou nescia, ou maliciosamente, porque assim como em seu tempo não
houve

houve delicto sem castigo, assim não
houve castigo sem causa, e castigar
com ella, he nos Reys a primeira
virtude. Por este modo se fez temer,
e com a liberalidade (em que foy in-
signe) se fez amar dos vassallos, sen-
do de todos geralmente não menos
applaudido na vida, que chorado na
morte. Este foy aquellê fino aman-
te, que transformando as Leys da
natureza, fez subir a cousa amada
do tumulo para o throno, da morta-
lha para a purpura, da cinza para
a Coroa, coroando-se a si juntamente
de immortal fama com aquella fine-
za taõ amorosa, e nunca vista.

CAPITULO XII.

Em que se profegue a mesma materia proposta.

JA' me escufava de mais Elogios quando o seguinte me forçou a que o ajuntasse aqui , he da Evora gloriosa, e diz do nosso Rey assim : *Deste Principe fallaõ com tal diversidade os Authores, que huns o pintaõ Neraõ, outros o representaõ Constantino, aquelles o infamaõ de Cruel, estes o canonizaõ por Justo. Se sem paixãõ se pondéra a materia parece, que tem mais razaõ os segundos, que os primeiros : porque, excepto o rigoroso castigo dos homicidas de Dona Ignez de Castro, em todas*

das as mais acções, que se lem na sua Chronica, não encontro nenhuma, que o não inculque perfeito Principe, e sabio Monarca. Pio para com os Santos, carinhoso com os povos, e tão liberal com os benemeritos, que tinha por perdido aquelle dia, em que não fazia mercès aos Vassallos. O rigor, de que o censuraõ, era só com os facinorosos, e com este se evitavaõ os furtos, os homicidios, os escandalos, e os sacrilegios. E que mayor felicidade da Republica, que evitar com hum ameaça as insolencias, e as culpas? Que mayor gloria de hum Principe, que extinguir com hum aceno a enormidade dos delictos, e segurar com a sua justiça a amavel felicidade dos povos? Prouvera

vera a Deos, que todos os Reys do Mundo imitassẽm a prudente severidade do nosso D. Pedro, que com isso gozaria o Mundo aquella bem-aventurança, que sô se vio no seu tempo, e no de Saturno. He certo, que o Ceo aprovou estes chamados rigores com dar a D. Pedro mil felicidades, &c.

E assim por este theor vão outros muitos: e o mesmo Duarte Nunes não pôde negar esta verdade, confessando em dous lugares (sigamos o da Geneologia por mais substancial) que: *Esta aspe-
reza, e crueldade del Rey D. Pedro de Portugal, não era acompanhada de alguma maneira de cobiça. Por-
que os bens dos culpados, que haviaõ
de*

de vir ao fisco, os distribubia por outros. Nem se vio que esta crueldade a exercitasse em outros, senão naquelles, que eraõ culpados, ou elle entendia que o eraõ. Para os demais era benigno, e liberal. Pelo qual de muitos era mais chamado Justiceiro, que Cruel. Muitas vezes dizia, que o dia que não dava alguma cousa lbe parecia, que era indigno do nome de Rey. Com que assim se vem a retratar, ou desdizer do que tinha julgado; e tornou a dourar a pirola; cujo amargo tinha descoberto.

Porèm o que mais deve ser censurado neste Author são duas cousas; a primeira he a reprehensão, que dá ao Chronista antigo

de fallar affectado por lizongear os descendentes deste Rey. Eu não sey que mais lizo elle queria, que Fernão Lopes fallasse nas tres Chronicas, que existem suas? Parece que as passou depressa, ou leo com pouca attençaõ, ou não reparou nos Prologos, especialmente da de D. João I. onde veria as protestações, que faz pela verdade, e inteireza do que trata, de que o não guiava odio, nem affeição, que o fizesse desviar da estrada real da retidaõ; nem tal se deve presumir da singeleza daquelle tempo; e em nenhuma o podéra elle fazer melhor, que na deste ultimo, por ser feitura sua, ou de seu filho ElRey D. Duarte.

A se-

A segunda coufa, em que Nunes peccou gravemente , e fez peccar a outros , he no testemunho falso, que levantou a este Rey D. Pedro, dizendo , que: *Na cincta trazia sempre o açoute , por não haver dilação em o buscar.* Não foy tal ; he novidade redicula para afermosear o seu discurso em desdouro deste Rey , a quem quiz caluniar. Tal se não acha na lua Chronica , nem elle tinha mais razão de o saber , dous seculos e meyo depois, que o Chronista antigo, que o palpitou ; o qual o que diz neste caso he: *A todo o lugar bonde ElRey hia sempre acharieis prestes com hum açoute aquelle, que de tal officio tinha cargo , de sorte,*

que como a ElRey traziaõ homem malseitor , dizia elle : Chamem-me Fuaõ , que traga o açoute ; logo elle era prestes sem outra tardança, como se pôde ver na Chronica cap.6. Julgue agora o Leitor qual falará mais verdade , ou se esta promptidaõ he trazello na cintura ? Nem tal se devia crer de hum Rey Christaõ , e Portuguez, que trouxesse hum azorrague cingido , metendo a toda à hora terror a seus Vassallos, sendo certo que porque os amava he que se mostrava terrivel a quem os offendia. Mas como isto era novidade galante, logo pareceo bem a muitos , e teve seguidores , que disse- raõ o mesmo.

A razaõ de parecer rigoroso, foy pela liberdade, e soltura, que dantes tinhaõ os Vassallos, disfarçada, ou permitida pelos Reys passados por causa da necessidade, que delles tinhaõ para as guerras. Acabou-se esta occasiaõ, e como o nosso D. Pedro emmendou isto com inteireza, por isso foy logo julgado assim. E se os tres Pedros Reys de Hespanha eraõ com tal concurrencia todos crueis, nenhum o foy sem alguma causa, ajudando-a, sim, a sua forte, e terrivel condiçaõ, principalmente o de Castella, a quem mais propriamente este titulo pertence, e toca mais o labéo. E a origem foy esta.

Morreo El Rey Dom Affonso,
seu

seu pay estando de sitio em Gibraltar; e trazendo seu corpo a Sevilha, onde se achava o Principe D. Pedro já levantado Rey com a Rainha Dona Maria, sua mãy, da qual temendo-se agora muito Dona Leonor Nunes de Gusmaõ, manceba do Rey defunto, pelos grandes desgostos, que lhe tinha causado em vida d'elle, aconselhou seus filhos, e parentes que não o acompanhasssem até lá pelo que podia succeder, mas que usando de cautella se retirasssem todos à sua Villa de Medina Sidonia. Assim o executáraõ, e depois crescendo mais o receyo, se foraõ para Algezira. Sabendo o novo Rey deste retiro, reputando-o por rebeliaõ,

beliaõ , tal desconfiança concebeo , que ainda que depois houve varias reconciliações, nunca mais se fiou delles , e taõ grande odio lhe tomou (era nisto muy facil , e contumaz) que os quiz matar a todos , e extinguir aquella Familia ; e elles , que o penetravaõ bem, nunca mais lhe foraõ leaes.

Esta foy a origem de tantas mortes, e crueldades del Rey Dom Pedro de Castella , a que se ajuntáraõ varias sublevações, e sobretudo a parcialidade , que fizeraõ com a Rainha Dona Branca , que elle aborrecia muito por amor de Dona Maria de Padilha, sua manceba , cooperando muito para tudo o seu máo natural , como con-

ta a nossa Chronica. A causa deste aborrecimento escreve D. Rodrigo Sanches, Bispo de Palencia, allegado pelo Doutor João Pinto Ribeiro no seu discurso das *Injustas Successões*, que foy porque a dita Dona Maria de Padilha o mandou enfeitiçar por hum Judeo Astrologo Judiciario, e causarlhe tal odio à Rainha, e amor a ella, que nunca a deixasse ; o que o Judeo executou de boa vontade, movido de particular paixão, por ter entendido da Rainha ser contraria a elle, e a todos os da sua raça. Porém ainda assim com toda a sua crueldade, achou a prudencia de D. Felippe II. que em lugar do titulo de *Cruel*, que tinha na peanha da

da sua estatua em Segovia, se devia pôr o de *Justiceiro*; e assim o mandou executar, como diz a sua Chronica, liv. 9. cap. 12. Fundou-se em mais piedade, e acatamento a seus progenitores, de quem foy grande honrador, que em razão; e se alguma houve, com muita mais compete este titulo ao nosso D. Pedro pelo que está relatado.

Do de Aragaõ a mayor crueldade, que sabemos, he mandar matar seu irmaõ, o Infante Dom Fernando, innocentemente à falsa fé, sendo seu convidado. Mas isso porque? Foy por ter paz com o de Castella, que o trazia atropelado com guerra havia muitos annos, e tinha odio capital a este Infante,

fante, por ser quem mais lhe resistia; e para a haver de outorgar commetteo esta cruel condição, e outras pouco menos, que o de Aragaõ, com dezejo de soccego para si, e seus Vassallos aceitou, e executou, como diz a Chronica.

No nosso o que mais se estranhou foy a crueza, com que se houve com os matadores da sua querida Dona Ignez de Castro: mas por isso mesmo, porque foraõ crueis com ella só por odio, e inveja; e porque, que finezas não fará, e leys não atropelará hum fino amante? Deste crime taõ atroz procedeo tanto odio, e rigor para todos os mais.

Mas com todas estas asperezas,
e du-

e dureza de coração para os criminosos, não lhe faltou brandura de animo para usar de piedade, e misericordia com seus Vassallos, fóra daquelles casos, e occasiões; e foy D. Pedro por isso tão feliz, que mereceo salvarse, como piamente cremos, do que nos certifica o Chronista de seu filho D. João I. dizendo na terceira parte da sua Chronica cap. 43. onde trata das virtudes da Santa Rainha Dona Felippa: *E muitas Historias hà abi de muitos, e grandes Principes, porque Deos fez muitos milagres, assim como se acha daquella Santa Rainha Dona Isabel, que foy mulher del Rey D. Diniz, que jaz em Santa Clara de Coimbra, à qual foy revelado*

velado o dia de sua morte; e del Rey D. Pedro, que sendo partido desta vida por bom espaço, tornou sua alma outra vez à carne para confessar hum só peccado, sem cuja penitencia não podia receber a Bemaventurança da Gloria.

Corrobora-se esta notavel maravilha com outra diversa noticia, que della nos dá Fr. Bernardo de Brito nos Elogios dos Reys, dizendo: *Em huma memoria antiga dos Reys de Portugal li, que fura taõ recto, e amigo de guardar inteira justiça a cada hum, que por isso lhe fez Deos particulares mercès em sua morte consolando-o nella o Apostolo S. Bartholomeu, cujo particular devoto foy, e por cujo amor fazia grandes*

des esmolas , secretas , e publicas ; e foy tradicção muy recebida entre os Religiosos antigos do Mosteiro de Alcobaça, onde está sepultado, que depois de morto , estando já frio, e preparado para o embalsamarem , tornára outra vez a ressusitar com admiração dos circunstantes , e chamando seu Confessor , lhe confessára hum peccado , que por inadvertencia, ou esquecimento deixára de confessar vivendo, a qual confissão acabada, e recebida absolvição , se tornou a compôr , e dar seu espirito ao Senhor , sem dizer mais, senão que a inteireza de sua justiça, e os meritos do Apostolo S. Bartholomeu lhe alcançáraõ de Deos aquelle estranho favor para remedio , e salvação de sua alma.

Bem

Bem se mostra desta noticia, que não tinha este Author visto a de Azurara, que estava ainda guardada no segredo da Torre do Tombo ; porque ainda se não tinha imprimido a Chronica ; e assim ambas se justificaõ huma à outra ; e muito mais o successo com outra memoria allegada pelo Chronista Mór do Reyno Fr. Manoel dos Santos na sua *Alcobaça illustrada*, onde diz : *Eu mesmo vi memoria do successo em hum livro da Livraria de mão do Real Mosteiro de Alcobaça, o qual servia no Coro antes de haver imprentas, e tem no principio hum Calendario dos mezes; e nelle à margem dos dias notas, ou sinaes de algumas obrigações do*

Coro

*Coro para lembrança dos Cantores :
e no dia 25. de Janeiro tem a lem-
brança seguinte : Commemoratio
Domini Petri Regis , quando re-
vixit , ut confiteretur. Quer di-
zer , que naquelle dia se fazia An-
niversario pela alma dei Rey D. Pe-
dro , em memoria de quando tornou
a viver para se confessar.*

Conforme isto bem affenta elle
esta resurreiçãõ feita já em Alco-
baça (ainda que não parece veresi-
mel, porque já não estava inteiro,
e encontra a relaçaõ de Brito) di-
zendo : *E sendo já em Alcobaça an-
tes de o fecharem no tumulto succedeo
o prodigioso milagre da sua resurrei-
çaõ , que dizem as nossas Historias.
Foy posto o cadaver no Cruzeiro da
Igreja*

*Igreja em quanto se lhe officiavaõ os Funeraes , e descuberto o rosto , conforme o uso daquelles tempos ; quando no fim da Missa do primeiro dia notáraõ os presentes , que se movia o corpo defunto ; affirmáraõ-se , e acháraõ que verdadeiramente estava vivo : aqui foy o pasmar , e o assombro de todos ; mas como o corpo tinha o rosto , e as mãos descobertas , pode fallar no mesmo ser , em que estava o redivivo Principe sem outro movimento , nem inquietação espantosa. Chamou pelo Abbade , falou-lhe poucas palavras , e se confessou com maravilhoso soccego de ambos : depois declarou em como o Senhor lhe fizera a taõ notavel mercè , que viaõ , necessaria para sua salvaçaõ ,
pelos*

pelos merecimentos do glorioso Apostolo S. Bartholomeu, de quem elle Rey fora em extremo devoto na vida; e dito isto deu outra vez a alma nas mãos de Deos.

Tanto importa o merecer com devotos affectos, a graça de hum grande valedor para com a Divina Magestade. Neste caso segue Faria a Brito, com os quaes não convenho no que toca ao dizerem, que o Santo Apostolo lhe assistio à morte; porque se assim fora também o advertirá do descuido, que levava, e falta; com que partia desta vida. O certo he, que o favor foy em lhe alcançar, depois de morto, de Deos a resurreiçãõ para se reconciliar, e conseguir a vida

eterna. Além delles, fazem disto menção, a *Beneditina Lusitana*, a *Historia Serafica*, o *Anno Historico*, a *Evora gloriosa*, &c. E o mesmo Fr. Manoel dos Santos o comprova, e ratifica na *oitava parte da Monarquia Lusitana cap. 1.* com duas, ou tres mais testemunhas de credito, e authoridade, que nella se podem ver.

Descança El Rey D. Pedro na Igreja do dito Real Mosteiro de Alcobaça na mesma sepultura, que para si mandou prevenir em vida; e à sua mão direita a Rainha Dona Ignez de Castro, sua mulher; porq̃ nem a morte apartasse, ou defunisse, os que tanto se amáraõ em vida: *Quomodo in vita dilexerunt se, ita, & in morte non sunt separati. TES-*

TESTAMENTO*del Rey D. Pedro I.*

EM nome da muy Sãta, e muy Alta Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo. Amen. Porque nenhuma cousa he mais certa que a morte, a qual he geral, e natural a todo los homens, assi Reys, Principes, e Poderosos, como dos nom poderosos; e a hora dessa morte nom he certa quando ha de fer; e assim como de muy sospeita, no coraçãõ, e mente de cada hum Fiel Christaõ deve ser receada, e por ordinhaçom do postrimeiro juiso deve ser prevenida para saude, e prol da alma, e

desposiçom dos bens temporaes, e louvor de Deos, e a sen serviço, mayormente aquelles, a que Deos em este Mundo deu honras, e ex-
alfamentos de grandes estados. Porèm Nós Rey D. Pedro, filho do muy alto, e muy nobre Rey D. Affonso de Portugal o IV. a que Deos perdoe, temendo a Deos, que he Rey Celestial todo Poderoso, e o seu espantoso Juizo; confiando de sua muy grande misericordia, e da muy Gloriosa Virgem Santa MARIA sa Madre, em nossa vida, e em toda nossa discriçom, e entendimento comprido; ordinhamos, e fazemos nosso testamento por esta guisa. Primeiramente começando em aquel, que he

he começo, e acabamento, e fim de todas as cousas; e porque os Reys, e os Pontifices reinaõ, e haõ o poder, e regimento daquelles fugeitos, que lhes som dados, a reger, e a manter; a cujo poderio todos, quando sa mercè for, havemos de ir; encomendamos o nosso corpo, e a nossa alma a Deos Padre, Filho, e Espirito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos, e à Virgem Gloriosa Santa MARIA sa Madre, e a todos os outros Santos, e Santas da Corte Celestial, e pedimos-lhes por mercè, que roguem a Deos por nós; e estremadamente à hora da nossa morte que nos queira livrar a alma do poder do diabo, e das penas do

Inferno, e a faça ir à sa Santa Glo-
ria. E mandamos deitar ho nosso
corpo dentro na Igreja do Moes-
teiro de Alcobaça , no lugar hú
temos a nossa sepultura. E man-
damos a esse Moesteiro com ho
nosso corpo quinhentas libras. E
mandamos que tenhaõ hi seis Ca-
pellães , que cantem em esse Mo-
esteiro por nós, e nos digaõ hi em
cada hum dia huma Missa officia-
da, e fayaõ sobre nós com a Cruz,
e agua benta ; e isto será para sem-
pre : e por esto satisfáçaõ os nossos
Testamenteiros a esse Moesteiro
daquella quantia, que elles virem,
que compre , porque se esto haja
de fazer, porque se elles hajaõ por
contentes en tanto : e mandamos
para

para o dia da nossa sepultura, e para o mez, e anno, e para os Clerigos, e Frades, que em este tempo nos fizerem honra; e para todo al, que temos para esto, aquelles, que hos meus Testamenteiros virem, que he aguifado, porque todo esto se haja de fazer. Item mandamos que todo aquello, que houvermos do Papa, e de outras quaesquer pessoas, como nom deviamos, que lho entreguem com todas as novidades, que houvermos desso, que assi houvermos delles, como nom deviamos, como dito he. Item mandamos que paguem a todos los de nossa mercè tudo aquello, que lhe devemos dos annos traspassados, tambem vestires, como

como quitações, como raçoens,
Item mandamos que entreguem
aos Testamenteiros da Infanta
Dona Constança, que foy nossa
mulher, tudo aquello, que nós
havemos della, como nom devia-
mos, para o darem por sa alma,
como ella mandou em seu testa-
mento. Item mandamos que en-
treguem aos filhos da Infanta Do-
na Ignez, que outro si foy nossa
mulher, a quinta do Canidello,
que era sua, e tudo aquello, que
della houvemos como nom devia-
mos, para o darem por sa alma,
como ella mandou em seu testa-
mento. Item mandamos à Infan-
ta Dona Maria, nossa filha, que
hora he em Aragaõ, oitenta mil
libras.

libras. Item mandamos à Infanta Dona Briatriz, nossa filha, para casamento cem vezes mil libras. Item mandamos ao Infante Dom João, nosso filho, oitenta mil libras. Item mandamos ao Infante D. Diniz, outro si nosso filho, oitenta mil libras. Item mandamos * à nossa filha, que criaõ no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra cem mil libras para casamento. Item mandamos a Briatriz Dias, nossa criada, quatro mil libras. Item mandamos a Ignez Affonso, outro si nossa criada, outras quatro mil libras. Item quitamos a Ruy Paes, nosso criado, e nosso cevadeiro por muito serviço, que sempre nos fez, toda cevada, que nos

nos deve por razão do seu officio. Item quitamos a Affonso Esteves, nosso criado, e nosso Reposteiro, por muito serviço, que outro si nos fez, oito centas libras, que nos deve por razão do seu officio. Item mãdamos dar a Vasque Annes, nosso Tabaliaõ geral duzentas libras, por muito serviço, que fez a nosso Padre, e outro si faz a nós continuamente; e por hoafan, e trabalho, que houve em fazer este nosso testamento: e esta clausula deste legado do dito Vasque Annes mandamos escrever por mão de Affonso Domingues, nosso Vassallo, para ser removida toda sospeita desse legado, que deixamos a esse Vasque Annes, por quem

quem mandamos ser escrito este
nosso testamento. E fazemos nos-
sos Testamenteiros para cumprir
este nosso testamento ao Infante
D. Fernando, nosso filho, e a D.
João Affonso, Conde de Barcel-
los, e ao Prior do Hospital, e ao
Mestre de Christo, e ao Mestre de
Santiago, e a Joanne Esteves, e a
Gonçalo Valques, Escrivão da
nossa Puridade, e a Frey Vicente
Amado, nosso Confessor, Frade
da Ordem de S. FRANCISCO; todos
em sembra, e cada hum delles per
si, onde os outros nom forem: e
para comprimento deste nosso tes-
tamento filhamos a terça de todo
los bens, assi moveis, como raiz,
e outro qualquer, e quanta parte
quer

quer que por direito, ou por costume, ou por outra qualquer rezaõ a nós seja devida dos ditos bens: e mandamos que pagado este nosso testamento, no mais que ficar da dita terça fazemos os pobres nossos herdeiros; e nos outros bens do Reyno seja herdeiro o Infante D. Fernando, nosso filho; e isto dizemos, e outorgamos com postrimeira vontade; o qual mandamos, que valha para sempre: e revogamos todos os outros testamentos, que hajamos feito antes deste; e queremos, e outorgamos, e mandamos, que para este nosso testamento se cumprir, e mister for, que valha como codicilo, ou como qualquer outra postrimeira

vontade, que por direito possa ser valiosa; e de nosso comprido, e absoluto poder, que havemos como Rey tolhemos toda mingoa de solennidade, e de falecimento de qualquer outra cousa, por qualquer maneira, que os Direitos, escritos, fóros, e costumes mandão cumprir, e guardar, e pôr nos testamentos. E queremos, e mandamos, que este nosso testamento o tenha, sem embargo de toda solennidade, e de toda mingoa, e desfalecimento, e de qualquer outro Reyno, que pudesse ser dita, e allegada para lhe pôr algum embargo: e de certa sabedoria alçamos, e tolhemos para este nosso testamento ser valioso, e nom

e nom haver algum embargo, todos los Direitos, escritos, e nom escritos, costumes, fóros, posturas, mandados, e outras qualquer cousas, que o poderiaõ embargar a nom valer por qualquer maneira: e por este ser mais certo, e sem duvida, mandamos a Vasque Annes, nosso Tabaliaõ geral nes nossos Reynos de Portugal, e do Algarve, que escrevesse este nosso testamento. Nesta nossa Villa de Estremoz, no Moesteiro de SAõ FRANCISCO, onde ora estamos, Domingo 17. de Janeiro da Era de M.CCCC.V. sendo já alto seraõ, &c.

ADVERTENCIA.

N Este testamento descubro huma cousa notavel , em que atègora não vi , que Escritor algum reparasse ; e he que aponta ElRey tres filhas ; as duas , que só lhe affinaõ , das quaes declara os nomes , e huma , que não nomea , dizendo : *Que se criava em Santa Clara de Coimbra* , de que infere o Author da Historia Serafica , que era Dona Brites ; o que não póde ser , porque esta era já de tal idade , que feu pay muito antes de morrer tratou de a casar com El-Rey D. Pedro de Castella , que já se não achava em termos , nem
idade

idade de esperar que se lhe criasse a esposa. O certo he que aquella era diversa; porque criação suppoem meninice, e Dona Brites, quando seu pay faleceo, passava já pelo menos muito dos doze annos, e se dissecemos que de vinte, não seria temeridade, pois seu pay pondo a todos os filhos pela ordem, e perferencia da idade, a antepoem aos irmãos varões, o que não fizera senão fosse mais velha, mayormente sendo femea; tempo, em que tinha já muy pouca necessidade de criação, nem elle a tinha de a nomear duas vezes, e com alguma diversidade de termos, não o fazendo de outro algum filho.

Entra

Entra agora a duvida de se era filha de Dona Ignez de Castro, se de outra mulher? Contra o ser filha desta milita a mesma razã de não ter já necessidade de ser criada, pois sua mãy era morta havia já mais de doze annos; por onde, como El Rey falla della de presente: *criaõ*, e lhe não chama Infanta, como intitula a todos os outros, e a pospoem a todos elles, que nomea pela ordem das idades, entendendo ser filha de outra mulher, e quiçá irmã do Mestre de Aviz, D. João, e ficar muito menina, de forte, que nem seu pay, quando testou, estava lembrado do seu nome, que devia ser falto de memoria, pois lhe esqueceo breve-

Oo

men-

mente o notavel dia, em que casou com Dona Ignez de Castro; e que morreo nessa idade; por onde o Chronista, e todos os mais se esquecêraõ della; nem he maravilha, pois destes, e outros descuidos se achaõ muitos nas Chronicas antigas; e que mayor se pôde considerar, que não se fazer mençaõ nas primeiras dos notaveis progressos na virtude das filhas delRey D. Sancho I. Santa The-reza Rainha de Leaõ, Santa Sancha, e Santa Mafalda, todas tres Freiras Bernardas, &c. Se este pensamento não for bem fundado, não valha.

Huma objecçaõ se offerece, e he, que se era illegitima, não a devia

devia seu pay igualar no dote com a outra, como faz ; porèm em alguma razã se fundaria. Aos outros filhos deixa menos , porque estavaõ já dotados. As suas mandas entendo serem muito mayores do que lhes affina a oitava parte da Monarquia Lusitana ; porque em lugar de \overline{XX} . que devia ter o original , e valiaõ oitenta , conforme o uso antigo , trasladar-se-hia XX. que valem só vinte. As libras, se eraõ das delRey D. Diniz, como parece, pois diz a Chronica, que não innovou na moeda, valiaõ 160. reis da moeda d'agora; e se eraõ de outras novas, que aponta o Author da Historia Ecclesiastica de Lisboa, valiaõ 91. reis, e eraõ

Ooij

o seu Author ; e por verdade me
affino. Lisboa Oriental 3. de Ju-
nhõ de 1734.

O Padre Jozé Pereyra Bayaõ.

